

Três já foram presos **CURDOS SUSPEITOS DE PLANEAREM MORTE DE PALME**

Três exilados curdos, ligados ao grupo de guerrilha PKK, foram hoje detidos pela polícia sueca sob suspeita de terem participado no planeamento do assassinio, em 28 de Fevereiro passado, do primeiro-ministro, Olof Palme. O PKK (Partido dos Trabalhadores Curdos) foi declarado organização terrorista pelo governo sueco em 1984 e anunciara então a sua intenção de promover acções violentas na Suécia. O Procurador da República deverá, ainda hoje, fazer uma comunicação sobre o assunto. Um jornalista francês revelou há tempos que o assassinio de Palme fora preparado pela Liga Anticomunista Mundial, conhecida pelas suas ligações à CIA.

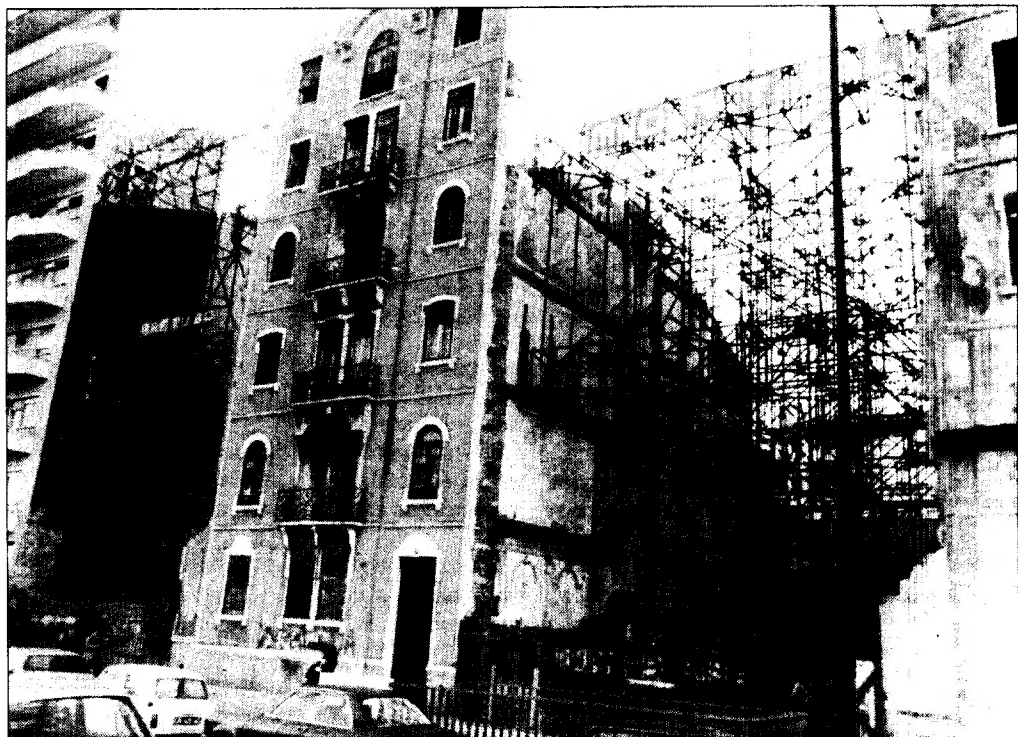
Págs. 12 e 13



Dólar em queda: 'bluff' dos EUA?

A queda do dólar, que continua principalmente em relação ao iéne e ao marco, é explicada por observadores em Washington como «bluff» americano para impor a baixa de juros na CEE e dificultar as exportações japonesas. No entanto, o «bluff» não está a resultar...

Pág. 10



Agora é em Entrecampos **MAIS UMA TORRE QUE NINGUÉM SABE DONDE VEIO**

Uma torre de 16 andares anunciada na Imprensa sob a forma de publicidade, e que já teria autorização camarária, poderá ser o novo «caso» da gestão Abecasis.

Pág. 9

Perguntar mais

Há notícias que põem à prova as nossas faculdades mentais. A pontos que, às tantas, não sei se resisto. Se resisto às tais notícias. Bem sei que as podemos tomar por não confirmadas, desmentíveis, especulativas ou, mais sagemente polémicas.

Podemos então polémica-las, quer dizer picá-las a ver se rebentam ou se desfazem ou então espicaçá-las, isto é, caçar-lhes os espinhos e ver se resta alguma coisa por detrás deles ou ainda espaçá-las, quer dizer deixar algum espaço de tempo a ver se se espíam ou empapam mesmo. Nunca polemizá-las porque notícias são factos e contra factos não há argumentos. E muito menos polenizá-las porque então nunca mais acabavam de se multiplicar, fossem certas ou não e algum enxame de abelhas se encarregaria de virar para nós ou o mel da verdade ou o ferrão da mentira, o que servia um dilema insuportável. Nunca, por nunca, se devem considerar erradas. Onde iríamos saciar a nossa sede de informação, como iríamos justificar o pagamento das taxas de televisão e radiodifusão e o exportular de moedas contra papéis impressos que não sejam os do totobola e totoloto? Sobretudo porque vivemos na era da imagem e da comunicação e, por cima de nós passam satélites, mesmo quando estamos a dormir, que se interceptam e trocam mensagens, velando pelo enchimento diário e mesmo horário dos nossos receptáculos cerebrais, como se fossem as nossas estrelas de guarda. Misteriosas tecnologias sensibilizam as partículas invisíveis da matéria para nos proporcionar o conhecimento do que se passa no mundo, desde que as agências especiais achem que vale a pena nós sabermos. Até as árvores, sobretudo os eucaliptos, crescem, se fortalecem e murmuram para que a sua celulose se transforme e transtorne em papel de jornal.

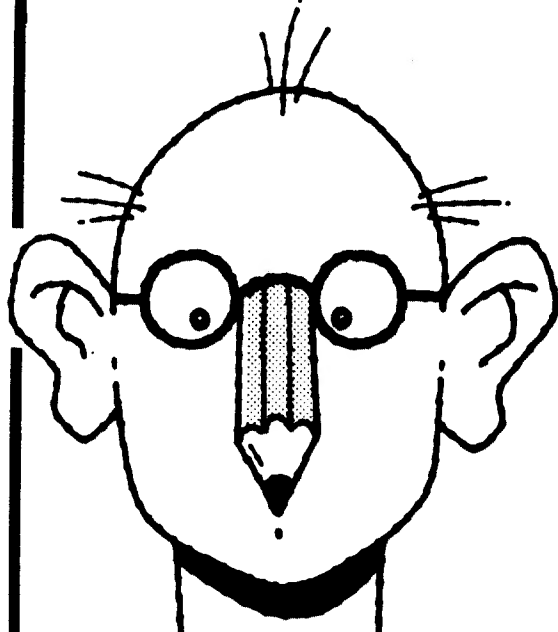
Bom, eu creio na informação mas às

vezes sofro. Não sei se li bem, se ouvi bem. Se os outros acreditam. Então, nesse caso, por que é que não hei-de também acreditar. Será que o avião que transportava Machel foi parar à África do Sul e lá caiu por falta de combustível? Diz que tais aviões gastam muito. Será que o presidente Reagan deu autorização para a venda secreta de armas ao Irão e correspondente compra de armas contra a Nicarágua sob o efeito de sedativos? Não sei se esta notícia teve desmentido, nem sei a quantos vão os inquéritos das comissões especiais para averiguar a verdade. Como cá em Portugal não se sabe em regra se os inquéritos chegaram ao fim nem qual o resultado. Diz-me você que se tem de ser crítico e prudente. Ou apenas crente? O mais sábio será, como os professores, estabelecer uma pontuação. De zero a vinte, para classificar as notícias, das mais loucas às mais ajuizadas. É o que vou fazer se tiver pachorra e tempo. Entretanto, confesso-vos, tenho cheio o grande armazém para onde envio as notícias sob reserva. Findou o ano, vou mandá-las para o arquivo ou, salvo seja, para o lixo? Tenho pena de as deitar fora. Qual é, em vossa opinião, a classificação a dar para notícias como, por exemplo:

— A inflação de 1987 vai ser de 9% (Primeiro-Ministro), de 12% (O.C.D.E.) ou de 15% (outro ministro).

— Os empregados da União de Bancos Portugueses vão receber 20% dos lucros? (Mas ele haverá lucros? E no caso afirmativo, porquê só os bancários da U.B.P.?)

É caso para perguntar. Para que é que se lêem os jornais? Ora, para perguntar mais



DAITO

SE OS JOVENS PUDESSEM...



Cristina Teixeira
22 anos,
educadora de infância

"As crianças devem ser autónomas"

Gostarias de poder mudar alguma coisa?

— Sim. As condições de vida das pessoas, que estão más para uma grande parte da população. Não é o meu caso, mas vejo isso através das crianças com quem lido todos os dias. Há muita pobreza por aí.

Porquê a educação de infância, Cristina?

— Porque gosto de crianças. Sinto-me bem com elas. Permite-me esquecer das porcarias que estão à minha volta e posso assim fazer alguma coisa pelos miúdos, sei lá, contribuindo talvez para mudar o mundo, as crianças dão-me momentos formidáveis. Aprende-se muito com elas.

Mas ouve lá: em vez de querermos esquecer as porcarias não deveríamos antes «limpá-las»?

— Claro. Só que sozinha eu não posso.

Que princípios fundamentais segues, ao educar uma criança?

— Ajudar-a a crescer, despertando-a. É importante que as crianças possam ser elas próprias e que resolvam os seus problemas. Devem ser formadas de modo a que sejam autónomas, não dependentes, e que saibam relacionar-se entre si.

Esses são princípios que recebeste no teu curso ou vêm de ti mesma?

— Recebi-os do curso, evidentemente. Mas há a intervenção de uma sensibilidade que é minha.

Uma adequada formação da pessoa pode levar efectivamente a mudar o mundo?

— Depende muito dos tipos de formação que se derem às crianças.

Não há uma educação que se possa dizer ideal...

— Não. Mas tudo é melhor se em relação a um miúdo somos nós próprios, sem artifícios.

Uma educadora de infância forma de maneira diferente daquela com que foi educada, compensativamente, ou haverá o risco de os erros eventuais da sua educação serem transmitidos?

— Sem dúvida que há uma compensação a nível do inconsciente. E se tivermos a noção de que existem problemas em consequência de uma determinada educação que se teve, tentamos emendá-los. Mas claro que há um risco.

Fronteira carregada de futuro

A. Vicente Campinas

Em todos os tempos a repressão faz o seu ninho. Mesmo nos momentos menos propícios para que os óvulos possam desenvolver-se, surgem, não se sabe como nem de onde, restos de raízes apodrecidas que procuram agarrar-se à terra para que, na primeira oportunidade de qualquer primavera cinzenta e friorenta, possam empurrar lodos e estrumes de forma a conseguirem turvar a correnteza das águas das nascentes, águas que querem ser puras e livres, mesmo contra as fezes diabólicas da reacção.

Todavia, de tempos a tempos rebenta a monção da liberdade, que, pela força do querer de todo um povo, irrompe como um vulcão e varre monturos e feridas de quanta podridão foi sendo acumulada ao longo dos anos de tirania. Então, parece que o sol vai amanhecer no coração dos oprimidos, iluminando de esperança os dias, todos os momentos que vão nascendo e passando em tantos lugares do mundo, nos paralelos da maior, ou menor, significação para os homens, na terra que é de todos e de ninguém.

Porque em cada criança que nasce, através dos segundos que se acumulam na eternidade, vão-se formando fronteiras carregadas de futuro. E por mais voltas e reviravoltas que as forças da opressão pretendam insuflar no corpo e na alma de quem é projectado para a esperança futura, os ventos e as marés do progresso têm sobre elas a vantagem de ser mais poderosas, desbravando os caminhos erçados de ciladas, sem se deixarem apriar. Porque a roda da história perdeu, desde sempre, os rumos do retrocesso, as peças que poderiam ajudá-la num (im)possível recuo vão sendo gastas e destruídas em cada segundo que passa. E de tal maneira que não há no mundo quaisquer técnicos ou cientistas com conhecimentos e materiais suficientemente sofisticados capazes de recompô-las do uso do tempo, que passa sem se ver passar, do presente que neste preciso momento já vai

ingressando no passado, formando a longa noite que fica para as distâncias do tempo e que jamais se conseguirá retomar.

Fica sempre muito para além, na forma e distância, de aparência insuperável, mas de simples realidade, a fronteira do futuro. A fronteira que está mesmo ao alcance das nossas mãos e da vontade de qualquer convicto lutador. A fronteira que, amanhã, após uma caminhada serena ou tumultuosa, mas firme, segura, consciente, poderá ser alcançada para bem de quantos se souberam munir de uma espada de sonho, de um cravo vermelho, de uma esperança a mais no acumular de esperanças, de uma arma de querer sem desfalecimentos.

Não se pode viver apenas de ilusões. Não se deve morrer de esperanças. Porque existe, afinal, em qualquer circunstância, uma parcela de presente formada por raízes de certeza que contagia os lutadores de um cheirinho de futuro. De um futuro prometido pela nossa natural ambição, a cada momento alcançado, conquistado, amadurecido com rios de lágrimas passadas, com torrentes de sangue derramado, com cicatrizes de profundo sofrimento — mas constantemente perdido pelas frustrações dos sonhos com que a realidade os trespassa.

Tudo quanto se possa fazer para alargar o campo de acção da esperança numa vida melhor, para as mulheres e os homens de

hoje e de amanhã, para as crianças e os jovens de sempre amanhã, todavia, pouco, na medida em que, no fundo de cada um de nós, existe uma nascente de alegria por explorar, uma flor-cerzeja por expandir, uma ânsia de conquista de um lugar ao sol por transmitir, uma résta de fraternidade que permita estreitar as mãos de um leproso ou de um mendigo, de um irmão negro ou amarelo, de uma pessoa muito importante ou de um zé-ninguém.

Pode, à primeira vista, gerar-se a impressão de que o céu profundamente azul-escuro vem carregado de interrogações que nos obriguem a pensar, que nos façam estremecer pelo temor de imprevistas ameaças. Mas se aproximarmos mais a nossa sensibilidade e a nossa compreensão desse céu de aparente trementação, se nos aventurarmos a mergulhar na esperança de um encontro entre as duas forças suportada por pilares de encoberto entendimento, acabaremos por constatar que ele representa como que a invisível linha que divide em milhetos capítulos a fronteira do futuro — desse futuro que nos foi destinado pelo querer de quantos, antes de nós, pincelaram a terra e o céu com a cor vermelha do seu sangue, para que, avançando os seus passos incertos por caminhos certos, pudéssemos chegar até à provisoriedade meta em que nos vamos encontrando. E legando-nos, com o seu exemplo, o que de mais caro se torna para cada

caminheiro do progresso, nos sentimos determinados a alcançar, mesmo em batalhas por vezes inconcebíveis, custe o que custe, a chama vermelha e verde da fronteira azul carregada de futuro!

Não podemos esquecer-nos, em momento algum, que os opressores jamais desistem de construir os seus ninhos e refúgios para futuras vinganças. Com reminiscências do passado, imbuídas de velhos dogmas e chicotes de comando, eles pretendem que o futuro seja sempre o seu passado, proporcionando-lhes quanto de domínio e mando puderam usufruir nos tempos não mui distantes em que a liberdade jazia ameaçada de morte, torturada, vilipendiada. Daí que o tronco em flor da vigilância tenha de ser tratado com desvelo, com amoroso carinho, com olhos de lince em constante insónia para que, seja por que preço for, todos quantos esperam alcançar a fronteira azul-vermelha carregada de futuro e mais futuro não se vejam coagidos a procurar a segurança nas cavernas do silêncio, para nelas hibernarem, sem limite de tempo e de distância, uma e outra vez, como nos criminosos anos em que a reacção possuía a grande e impiedosa orgânica torturadora da polícia política, numa gritante e para eles convicta impunidade.

Torna-se necessário, portanto, evitar que possam aproveitar um afrouxamento da nossa vigilância e consigam rebentar, com

os afiados cornos da sua violenta negridão, a terra chã, mas limpa e próspera, que todos os lutadores da liberdade querem ver semeada de trigo, para o pão nosso de cada dia, saudado pelas bandeiras das rubras papoilas, como símbolos da vitória e da prosperidade. E, com tal situação, possamos beber, nas fontes da paz, a alegria de cada segundo, de cada minuto, de cada hora carregada de progressivo futuro!

Calmos e confiantes, vigilantes e fraternos, devemos ter sempre presente que a nossa batalha pela felicidade dos homens e das mulheres, das crianças e dos jovens de hoje e de aqui, do presente e do futuro, não é um abraço de fraternidade e de paz, que consiga abarcar todo o mundo, de maneira a sentirmos, na marcha para a perfeição da humanidade, que existe sempre mais além da fronteira vermelha e azul carregada de esperanças e de certezas, a alegria em flor para perfumar toda a gente. E que, uma vez alcançada essa meta, intocável e desejada como é, haja a compreensão precisa de que se torna indispensável que prossigamos sempre o nosso desejado caminho, pois somente dessa maneira poderá existir um sério e humano motivo para se sonhar com razão, na certeza de se encontrar a felicidade — mesmo que ela persista em fazer amor para os nossos sentidos com a fronteira do futuro do futuro.

Antunes da Silva

Telegramas

Estamos a assistir com um desinteresse pouco comum, à demissão forçada de várias individualidades dos lugares para que foram convidadas por outros governos e pelo que se supõe, devido a terem dado o seu patrocínio à candidatura do dr. Mário Soares para a Presidência da República.

Este Governo PSD, para além de tagarela e auto-elogiante, é taxativo: quem não é por ele, logo é contra ele, como acontecia pensar-se noutros azíagos tempos. Nota-se nisto tudo um equívoco tremendo: um partido que se apregoa de democrático, comporta-se com uma intolerância básica, incapaz de sofrer a sua arrogância e sectarismos de classe, de raiz que nos lembra a gestão de grupos totalitários. Para

lá de não aceitar as críticas ou decisões da oposição, descortês e desmedido, retira pessoas dos lugares públicos pelo mais leve indício de não-afinidade partidária, saneando quem não se baste pela sua doutrina, fazendo lembrar Freitas do Amaral, quando perseguia Maria de Lurdes Pintasilgo nas embaixadas, tal como nos tempos da Inquisição.

Ora isto é uma maneira eventualmente pouco decente de promover mal-entendidos entre os portugueses. É, por hipótese, a caça às bruxas. Não é outra coisa, talvez, senão uma primária e descarada caça às bruxas.

Será graças a estas normas que o PSD tem, nas sondagens, a primazia do eleitorado nos próximos su-

frágios?...

Contudo, muito boa gente nem sabe o que se passa nesses bastidores, que os saneamentos fazem-se a coberto de pouco barulho, de meia bola e força...

Mas que é um equívoco tremendo, é! Nem sei quando nos havemos de resguardar de quem apregoa tão enfaticamente a democracia e a liberdade e ao mesmo tempo tece a sua teia, pouco transparente e auspiciosa, que, afinal não leva a nada de proveitoso.

2

Na sessão solene comemorativa da proposição da Unesco, organismo internacional bem conhecido, integrando a cidade de Évora no

Património Mundial, não esteve presente ao acto, ninguém da Televisão.

Foi um facto muito notado e por demais inadmissível!

3

Acabo de ler «Crónicas Algarvias», do Manuel da Fonseca. E concluí que, por muito tempo que se passe sem lhe vislumbrar prosa ou verso, é sempre legítimo saudar o escritor, quando escreve.

Neste livro, é o mesmo artífice primoroso que compõe os seus trabalhos de uma lavra meticulosa, comedida e bem ilustrativa da sua inteligência e originalidade. Isto me leva a crer que não é rigorosa-

mente necessário redigir romances, só romances, para se crer no talento de alguém e para se atingir a suma criação artística, que nos subjugam, nos distrai, nos faz sorrir e pensar, neste livro admirável que se intitula «Crónicas Algarvias». Pelo teor da frase, pela descrição exacta da paisagem, pela simplicidade encantadora da escrita (e aqui é que está a dificuldade em ser-se um bom escritor!), manipulada mais uma vez com mestria.

Poucos escritores existem em Portugal que escrevam de forma tão leve e escurrita, só Torga e Fonseca que me lembre, pondo a sinfonia da sua arte em paralelo a poupança dos vocábulos, que por si só geram apetências de leitura fora do comum e por deveras atraente.

Aureliano Lima: "O leite e a casa"*

Jose Carlos Gonzalez

«Deito-me à luz dos teus flancos onde os calendários são polvos que oiram o meu peito e bebem a memória pela noite fora.»

Serafim Ferreira, no seu breve mas incisivo prefácio a este livro diz quase tudo o que eu poderia dizer sobre este poeta beirão, e depois portuense por continência, mas também por adopção.

Foi D^a. Maria Helena que me enviou um exemplar. Agradecido lhe estou.

Dentre a pobríssima lírica estatuada e estatuída dos nossos dias — uma espécie de conceptualismo folk — é alegre e deslumbrante que, para mim, sobretudo na sua II Parte, tem este poeta das mais belas décimas de cantiga de amor já escritas em língua portuguesa.

A temática dominante de Aureliano Lima, é sem dúvida, a poética amorosa. Bem difícil nos será dizer se de jogral, menestrel ou trovador, pois um pouco de tudo tem. Eu penderia, afinal, pela

predominância do trovador, pois nas cartas de nobreza da escrita, não pode ser senão trovador quem diz.

«Pelo coroado cio, no ardor do alento...»

Aureliano Lima não só escreveu — esculpiu belíssimas coisas, algumas das quais tive ainda a sorte de ver em sua companhia.

E por essa outra face da sua vida de artista reflecte bastante este «O leite e a casa», em boa hora editado pela Brasília, no Porto.

A actividade cultural de Aureliano Lima é espessa, coerente, constante e dinâmica. Desde a «Vértice» à «Colóquio-Letras», sempre esteve presente, interveniente, foi homem de combate.

um dos mais importantes, o combate cultural.

Para mim, «O Leite e a Casa» ultrapassa a lírica meramente intimista, levamos a saber, ou a lembrar, as nossas próprias vidas íntimas... e colectivas.

Por isso não é, emboa sendo-o, só um codice confessional do amor. Salta para fora da «casa» e do «leite», dizendo verdades como punhos, em que homens e mulheres, atentos, se reconhecerão.

Ora, ainda em minha opinião, uma das funções do poeta é exactamente a de ser o *trouvère*, o trovador, e é sempre cantante, embora de rigorosa música, «O Leite e a Casa».

Aproveito a ocasião para ousar dizer que a polissemântica de Aureliano

Lima, rica em si, por dentro, não precisou de artifícios ou artefactos compressores ou descompressores, para transmitir ao leitor, ao seu vizinho, o que *lhe deve* transmitir — ao invés de muita prosopopeia que abunda e tresabunda nestes dias. Pois há gente que escreve, dir-se-ia, para se ler a comprar a si mesma. Não creio que abuse, nem me engane.

Aureliano Lima nunca fez parte dessa literalhada que pretende comandar, objujar, condenar, no fundo aldrabar, com alvarás de quem «leu tudo». E ele era, fica sendo, um homem inteiro, e um excelente escritor.

* Obra póstuma

Segundo Lilaia

REGIONALIZAÇÃO TEM SERVIDO PARA REFORÇO DO PODER CENTRALIZADO

O dirigente do PRD Carlos Lilaia disse, ontem, em Coimbra, que a «pretexto da regionalização e da descentralização administrativa se fomentou em Portugal uma tentativa centralizadora».

Para Lilaia, que falava na Faculdade de Economia num debate sobre regionalização, «a confusão de conceitos em torno deste problema» e a actuação das comissões de coordenação regional «têm funcionado como reforço do poder centralizador».

Na sua perspectiva, «a actuação das comissões de coordenação regional corresponde a supostas acções de desconcentração que aparecem erradamente apelidadas de descentralização e constitui afinal um reforço do poder centralizador».

Nesse sentido, contestou o processo de divisão administrativa do país assente numa «delimitação transversal» e frisou que a opção por um modelo de quatro ou cinco

regiões, com base nas áreas de actuação das comissões coordenadoras, levanta alguns riscos que podem colocar em perigo a unidade nacional».

«Se as regiões forem de grande dimensão e, desde logo, dispuserem de um forte poder político, pode colocar-se em perigo a democracia e a unidade nacional», precisou o dirigente renovador.

Carlos Lilaia sustentou ainda uma «delimitação vertical» das regiões, que seriam nove, mas sublinhou que o PRD «está disponível para tudo discutir e tudo modificar, desde que não se alterem determinados princípios considerados básicos». Disse também que «estão criadas as condições para passar dos di-



scursos aos actos» e reafirmou não ser necessária a revisão constitucional para iniciar o processo de regionalização. Nesta óptica defendeu que o «importante é a

Assembleia da República estabelecer um quadro geográfico das regiões, para depois serem os concelhos de fronteira a definir a que região querem pertencer». Acrescentou que, na actual fase do problema, «não se deverá definir mais do que um núcleo de funções», deixando para os órgãos regionais a eleger as definições de poder ulteriores.

Uma profunda reforma da administração pública, o reforço do poder local e da unidade nacional, o estímulo sócio-económico às regiões e à preservação da sua identidade sócio-cultural foram alguns dos aspectos referidos por Carlos Lilaia como fundamentais no processo a desencadear.

No ciclo de debates promovidos pelo conselho directivo da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra participaram já Vítor Constâncio, do PS e Luís Sá, do PCP.

A iniciativa prossegue hoje com a participação do MDP, representado por Alfredo Cruz.

Governo de Macau desmente "boatos e calúnias" e garante controlo sobre as finanças

O Conselho de Governo de Macau, «reunido extraordinariamente» a propósito de «diversas notícias publicadas nos últimos dias na imprensa portuguesa», tornou público um comunicado onde «repudia veementemente todas as manobras que visam criar dificuldades à acção governativa em Macau».

O comunicado do Executivo macaense alude a uma «escalada crescente de boatos e calúnias em relação a Macau e concretamente à sua administração» e considera assistir-se a uma «acção conjugada, e em alguns casos interpretada, por pessoas com responsabilidades directas ou indirectas» no Executivo macaense «num passado bem recente».



O documento refere, depois, artigos publicados no semanário «Tempo» e no DL (edição de sábado passado), que «pelas suas imprecisões, incorrecções e falsidades pouco mais merecem do que, da parte dos visados, o legítimo direito a processarem judicialmente aqueles órgãos de Comunicação Social».

O Conselho de Governo macaense considera, finalmente, em relação ao destaque dado pelo DL a uma «pretensa confidência» do governador, que Pinto Machado (ainda em Lisboa), «desmente categoricamente ter alguma vez proferido semelhante afirmação». O mesmo Executivo garante ter «total controlo sobre a situação financeira do território, actuando sempre de acordo com a lei, encontrando-se, como é óbvio, as verbas orçamentadas devidamente inscritas no orçamento geral do território publicado no boletim oficial e, por isso, do conhecimento público».

N. R. — O redactor do DL, responsável pela notícia posta em causa pelo Governo de Macau, baseou-se em fontes que lhe merecem (e continuam a merecer) a maior credibilidade.

Comunistas contra exploração de mão-de-obra infantil nos distritos de Faro e Braga

O PCP vai promover, de 31 de Janeiro a 1 de Fevereiro, as II Jornadas Algarvias, destinadas a analisar as consequências da integração na CEE nos sectores das pescas, conservas, agricultura e turismo.

Num comunicado relativo à realização das jornadas, os comunistas algarvios comentam a situação política e social da região e consideram que, da análise feita, «resultou a confirmação dos traços fundamentais inventariados» numa reunião feita em Outubro pas-

sado.

Assim, sublinha o documento, a situação económica «continua a ser marcada por uma intensa e continuada degradação do aparelho produtivo que põe em causa a sobrevivência da actividade industrial na região».

No plano social, são apontados números relativamente ao aumento do desemprego, do trabalho clandestino e infantil e de trabalhadores com salários em atraso.

Também em Braga, e se-

gundo o executivo distrital dos comunistas, existe um «acelerado agravamento da situação social da juventude, nomeadamente no tocante à exploração de mão-de-obra infantil e juvenil».

Em nota distribuída à imprensa, os comunistas de Braga declaram o seu apoio à manifestação da União dos Sindicatos convocada para 31 de Janeiro e responsabilizam o Executivo de Cavaco pela «situação de plena escravatura em que trabalham muitos jovens do distrito».

Congresso da JS

Apolinário tem mais delegados

A moção «A mudança está a passar por aqui», subscrita por José Apolinário, detinha 296 delegados (62 por cento) quando só faltavam apurar cerca de 20 por cento dos representantes a eleger para o Congresso da Juventude Socialista.

As eleições para os delegados ao conclave daquela organização juvenil realizaram-se sexta-feira, sábado e domingo, faltando ainda escrutinar 20 % relativos a casos pendentes, segundo disse o próprio Apolinário.

Outras moções que conseguiram delegados são: «Ao ritmo do nosso tempo», subscrita por Porfírio da Silva,

conta com 84 delegados (17 por cento); «Para que a JS volte a sorrir», de Beatriz Pereira, 44 delegados (9 por cento); «Uma mudança no comportamento JS», de José Pendão, 21 delegados (4 por cento); «Pela JS», de Luís Pinto e José Arruda Lopes, 19 delegados (3,8 por cento) e a moção «Meias solas», da autoria de Manuel Maceno que conta com 11 delegados (2 por cento).

O Congresso da JS, que contará com 650 delegados eleitos, realiza-se nos dias 13, 14 e 15 de Fevereiro.

Agressão condenada. Entretanto, o secretariado

nacional da Juventude Socialista condenou a agressão de que foi alvo Augusto Guedes, um dirigente da organização apoiante da moção de Porfírio da Silva. Em comunica-

do ontem divulgado, aquele organismo da JS além de «reafirmar a necessidade da solidariedade socialista ser capaz de ultrapassar situações em que o debate de ideias se deve sobrepôr aos conflitos pessoais», condena «veementemente que se tenha transformado um caso interno em fonte de notícia, pondo em causa, levianamente, a reputação externa da nossa organização».



COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

COMUNICADO

PARALISAÇÃO PARCIAL DE SERVIÇO PREVISTA PARA O PRÓXIMO DIA 21

Não obstante o acordo firmado com os mais importantes sindicatos afectos à UGT, no âmbito da revisão do AE da Carris, e a extensão a todos os trabalhadores das condições acordadas, entenderam os sindicatos afectos à CGTP-IN de anunciar, para o próximo dia 21, uma greve parcial entre as 10.00 e as 13.00 horas.

A empresa, ciente das suas responsabilidades perante a comunidade que serve, não deixará de assegurar níveis de serviços quase normais, na expectativa de que os seus utentes sejam compreensivos perante algumas dificuldades que possam ter lugar.

A título informativo, e na linha da transparência exigível a uma empresa de «fim público», apresentam-se seguidamente os valores-chave que presidiram ao acordo firmado com os sindicatos SITRA, S'IMA e FETESE:

* Acréscimo de tabela salarial	11,9%
* Subsídio de refeição	520\$00

Esclarece-se que as condições acordadas com os sindicatos afectos à UGT, acima sintetizadas, foram recusadas pelos sindicatos afectos à CGTP-IN, em fase do processo negocial anterior à obtenção formal do acordo.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1987

A Comissão Administrativa

Freitas desafia esquerda

O presidente da Fundação Século XXI, Freitas do Amaral, reafirmou ontem no Porto a necessidade de a «esquerda democrática» contribuir para que Portugal saísse do atraso económico, social e cultural em que se encontra.

Ao intervir ao fim da tarde numa conferência sobre «Portugal até ao ano 2000: grande desafio», Freitas do Amaral relembrou o repto feito, em Dezembro, à «esquerda democrática», o qual passa pela resolução de três

questões: ideologia, filosofia e nacional. Depois de desenvolver pormenorizadamente cada uma destas questões, o ex-candidato à Presidência da República considerou: enquanto as contradições apontadas não forem resolvidas e superadas, a gestão do quotidiano, «por muito eficaz que seja, não conseguirá só por si, arrancar Portugal do atraso em que se encontra».

O antigo dirigente centrista preconizou que, no contexto de um modelo aberto e moderno, a Constituição permitia a «livre competição das ideologias e dos diferentes programas de Governo, como sucede com qualquer democracia digna desse nome». Na sua intervenção, Freitas do Amaral disse que Portugal será no próximo século «aquilo que os portugueses fizerem por ele daqui até ao ano 2000».

Marinha faz exercícios

Cerca de mil homens estão a participar desde ontem no exercício naval «Contex 871», ao largo da costa oeste e sul do continente. No exercício, sob o comando do comandante José Alberto Lopes Cavaleira, embarcado na «João Belo», participam três fragatas, quatro corvetas, um submarino, uma equipa de mergulhadores da Marinha de Guerra e alguns meios da Força Aérea. Segundo o Estado-Maior da Armada, o «Contex 871» consta, basicamente, de um extenso programa de exercícios pré-planeados, de complexidade crescente, em cujo planeamento se atendeu ao estado de prontidão já atingido e se criou maximizar as oportunidades de treino proporcionadas pela presença de meios aéreos e submarinos. O «Contex» compreende actividades no âmbito das lutas anti-submarinas, de superfície anti-aérea, visando preparar as unidades navais para enfrentar situações de multi-ameaça. O exercício termina na próxima sexta-feira.

Chandra hoje em Lisboa

Para participar na primeira reunião anual do bureau da Presidência do Conselho Mundial da Paz, chega hoje a Lisboa o presidente da organização, Romesh Chandra. No encontro, cujos trabalhos irão decorrer entre os dias 23 e 26 próximos, estarão presentes cerca de 80 individualidades de diferentes países das mais diversas correntes de pensa-

mento, entre as quais se destacam o antigo presidente do México, Luis Echeverría, o ex-primeiro-ministro da Zâmbia, Daniel Lissulo, Vasco Cabral e comandante Olga Azeite, membro do Comité Central da Frente Sandinista, da Nicarágua. Participarão também na mesma reunião, o angolano Pascoal Luva, membro do bureau político do MPLA.



Mitterrand recebe Constâncio

O presidente francês, François Mitterrand, recebe na próxima quinta-feira, no Eliseu, o secretário-geral do PS, Vitor Constâncio, lêsse numa nota do gabinete deste partido. Na sua deslocação a Paris, o líder do PS português terá outros encontros, designadamente com dirigentes e militantes socialistas france-



ses. Constâncio será acompanhado nesta sua deslocação à capital francesa por Jorge Sampaio e Manuel Alegre.

pital francesa por Jorge Sampaio e Manuel Alegre.

TUDO FOI REALIZADO EM "LEGALIDADE" À PORTUGUESA

A primeira vista o prédio número 82 da Rua Presidente Arriaga, em Lisboa, não tem nada de especial. A não ser o facto de, pelo seu rés-do-chão, passar uma das conexões não menos importantes do chamado «Irangate». Ali funciona a Defex Portugal - Representações, Importação e Exportação Ltda, referida como tendo exportado 5,6 milhões de dólares de armas destinadas aos «contras» da Nicarágua. A firma é propriedade de José Garnel e Marcelino Brito, este último conhecido por uma fracassada tentativa para se tornar presidente do Sporting. Nem um nem outro se encontram neste momento em Portugal e na sua ausência não conseguimos encontrar alguém que responda pela firma. Só empregados e a maior parte das pessoas que lá trabalham «praticamente só sabem do assunto pelos jornais».

Embora este assunto das armas para os somozistas se reporte a 1985 (a menos que outros fornecimentos posteriores tenham sido feitos) o silêncio do Governo português em tudo isto tem sido no mínimo estranho. Só a grande pressão da imprensa nacional e estrangeira fez com que surgissem algumas declarações que, além de pouco esclarecerem, deixam a desejar, a traduzirem a verdade, as autoridades portuguesas revelam ou uma chocante ingenuidade ou uma total incapacidade para controlarem as vendas de armas para o estrangeiro.

O Ministério da Defesa, segundo um matutino lisboeta de hoje, tem já conhecimento de que Lisboa foi palco giratório para o fornecimento de armas aos «contras» da Nicarágua. Mas insiste em que tudo foi feito em conformidade com a Lei vigente.

Uma fonte do Ministério da Defesa citada pelo «DN», revelou que o pedido para esta operação de venda de armas foi pedido pela firma Defex e despachado pelo então secretário de Estado da Defesa, Figueiredo Lopes, depois de parecer prévio favorável do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que tem de pronunciar-se quanto às implicações que a nível de política externa possam ter os respectivos fornecimentos.

Segundo o informador daquele matutino, os pedidos estavam correctos. As armas tinham como destino a Guatemala e o negócio seguiu o seu curso, tendo a Defex sido autorizada a efectuar a transacção.

A referida fonte afirmou ainda que «nada nos garante que a Defex soubesse qual o destino verdadeiro do armamento» mas que a partir de agora a Direcção Nacional de Armamentos, que faz o controlo das quantidades, preços e destinos das mercadorias, passará a fazer sobre esta empresa um teste sistemático, contrariamente ao que acontece normalmente, em que os testes são aleatórios.

Competindo à Direcção Nacional de Armamentos fazer o controlo do destino das mercadorias, verifica-se que

afinal nada controlava. Sabe-se que destino do armamento era a Guatemala mas ainda não foi revelado o nome do destinatário nesse país. Era o respectivo Governo? Ou era outra Defex qualquer que depois reexpedia o material?

No entanto, pelo menos formalmente, a maior preocupação de qualquer país que vende armas é adquirir a certeza absoluta do seu destino final.

Contradições

Enquanto o Ministério da Defesa, segundo o «DN», afirma que os certificados estavam correctos e que o despacho foi dado por Figueiredo Dias, secretário de Esta-

do da Defesa nessa altura, Rui Machete, que era Ministro da Defesa, afirma que neste caso de venda de armamento não eram os ministros nem os secretários de Estado que despachavam, e que durante a sua permanência à frente do Ministério da Defesa não foi solicitada nenhuma questão relativa a armamento.

Quem despachou afinal a autorização para este negócio?

Por sua vez, o gabinete do Primeiro Ministro garante que desde que este Governo tomou posse nunca deu autorização para que qualquer avião passasse com armamento para os «contras» da Nicarágua.

Brito e Cunha, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, diz que «Portugal está a ser vítima de especulação externa» e que este Governo nunca deu o seu consentimento para o trânsito em território nacional de armamento americano com destino a Teerão.

O facto é que Portugal surge agora na imprensa internacional como uma espécie de «república das bananas» onde tudo se pode fazer. E quando essa imprensa afirma que o nosso país é «escala fácil para operações secretas» facilitada por «uma polícia e funcionários alfan-degários mal pagos», está a

sugerir que a corrupção ocupa nestas histórias um lugar relevante, o que deveria ser suficiente para que o actual Governo, ainda que não responsável pelo que se passou antes, se empenhasse profundamente no esclarecimento destes escândalos.

O jornal «Miami Herald», o primeiro a revelar o envolvimento de Portugal no «Irangate» afirma que foi o ex-embaixador norte-americano em Lisboa e actual chefe da missão diplomática norte-americana no Vaticano, quem organizou o transporte de armas de Portugal para a América Central, e que o tenente-coronel Oliver North beneficiou da colaboração da CIA em Portugal para comprar armas. Todas estas notícias são divulgadas sem a referência a qualquer comentário do Governo Português.

Por arrastamento com tudo isto vem também o desprestígio da indústria portuguesa de armamento, caracterizada como produzindo «material obsoleto e totalmente ultrapassado no âmbito da NATO», como por exemplo granadas de artilharia e morteiros «mais próprios da guerra das trincheiras de 1914, que apenas encontram interessados nos Terceiro Mundo».



o edifício da Defex: as armas passaram por aqui

Em Fevereiro de 1961 o mundo toma conhecimento da morte de Patrice Lumumba. O antigo primeiro-ministro, vítima de um «complot» envolvendo Mobutu, Kasavubu e Tchombé, fora chacinado, na estrada, por soldados katangueses, depois de alguns dias de suplicio, na prisão de Thysville, para onde fora transportado, já ferido, e onde nunca recebeu tratamento. Por esclarecer, ficou o papel das forças da ONU neste assassinato.

A INDEPENDÊNCIA DO CONGO(3)

LEOPOLDVILLE, 6 de Setembro de 1960 — O Gabinete congolês anunciou hoje que o presidente Joseph Kasavubu fora expulso das suas funções por ter cometido um «acto de alta traição». Depois de estar reunido até às 5 horas da manhã de hoje, o Gabinete anunciou, num comunicado, que assumiria as funções de Kasavubu até que o Parlamento possa reunir. A noite passada, o presidente Kasavubu demitiu Lumumba de primeiro-ministro, «por estar a conduzir o país para uma guerra fratricida». Nomeou seu sucessor Joseph Ileo, presidente do Senado e chefe político rival de Lumumba. No comunicado do gabinete dizia-se que «Kasavubu pede que o exército nacional deponha as armas. Nesta declaração, o Governo verifica que o objectivo de Kasavubu é conseguir a ocupação militar do Congo por tropas estrangeiras, e, assim, evitar que as tropas do exército nacional entrem no Katanga para libertarem os seus irmãos oprimidos, escravizados pelos belgas e pelo seu testa de ferro, Tchombé».

LEOPOLDVILLE, 7 — Lumumba obteve um voto de confiança do Parlamento congolês, que vai redigir nova Constituição provisória, a fim de afastar, da presidência da República, Kasavubu.

LEOPOLDVILLE, 12 — O presidente da república, Kasavubu, ordenou hoje a prisão de Patrice Lumumba, que continua a intitular-se presidente do Conselho apesar de destituído pelo Chefe de Estado.

LEOPOLDVILLE, 15 — Patrice Lumumba anunciou a prisão do coronel Joseph Mobutu, que ontem afirmara ter o exército suspenso os dois Governos do Congo, e afirmou continuar à frente do Governo a que preside.

LEOPOLDVILLE, 16 — Soldados congolezes encerram hoje o Parlamento, impedindo a entrada de senadores e deputados que pretendiam realizar uma sessão conjunta. Os soldados obedeciam às ordens do coronel Mobutu, que ontem disse que ocuparia o Parlamento para permitir ao país recompor-se do caos político.



Bukavu: soldados do exército nacional congolês capturam rebeldes



Patrice Lumumba (de laço e óculos) com o seu Governo, dias depois da posse.

LEOPOLDVILLE, 23 — Foi anunciada oficialmente esta manhã a prisão de Antoine Gizenga, vice-primeiro-ministro do Governo de Lumumba. A prisão foi anunciada pelo coronel Mobutu. Interrogado sobre os seus planos quanto a Lumumba, que continua a proclamar-se primeiro-ministro, Mobutu disse: «Por enquanto não tenho planos».

LEOPOLDVILLE, 10 de Outubro de 1960 — Tropas das Nações Unidas continuam a guardar a residência oficial de Patrice Lumumba, apesar de ele haver declarado ontem à noite que já não necessita de protecção militar.

LEOPOLDVILLE, 11 — Centenas de soldados congolezes enfrentam os guardas que as Nações Unidas postraram em redor da residência de Lumumba e estão decididos a prendê-lo até às 15 horas. Bomboko, presidente do «Colégio de Comissários» que dirige a administração do país, apresentou à ONU um ultimato, ontem, quando as forças das Nações Unidas impediram que soldados congolezes prendessem Lumumba.

LEOPOLDVILLE, 13 — O dispositivo militar colocado em volta da residência de Lumumba desapareceu ontem. A partida dos soldados teve uma testemunha interessante: Patrice Lumumba que, de repente, apareceu à porta da sua residência e trocou algumas pala-

bras com os soldados.

LEOPOLDVILLE, 28 de Novembro de 1960 — Patrice Lumumba abandonou, ontem à noite, a sua residência oficial nesta cidade, onde se encontrava detido há dois meses, e seguiu para Stanleyville. Lumumba foi a Stanleyville para assistir ao funeral de um filho que morreu em Genebra, e cujo corpo foi enviado para aquela cidade. As tropas de Mobutu, que cercavam a residência do antigo chefe do Governo, não fizeram qualquer tentativa para o impedir de sair da cidade.

LEOPOLDVILLE, 2 de Dezembro de 1960 — Fontes oficiais congolezas anunciaram que Patrice Lumumba foi ontem preso, pelas tropas congolezas, em Lualaba, na província de Kassa, a meio caminho entre Leopoldville e Stanleyville.

NOVA IORQUE, 6 — O secretário-geral das Nações Unidas publicou a noite passada um relatório especial sobre o Congo, respondendo a um pedido de informações formulado pela delegação soviética. Nesse relatório informa o secretário-geral da ONU: «As tropas das Nações Unidas em Thysville informam que o sr. Patrice Lumumba se encontra, sob prisão, em Campo Hardy. Diz-se que sofre de ferimentos graves recebidos antes da sua chegada àquele campo. Raparam-lhe a cabeça. As suas mãos continuam amarradas. As condições de higiene e de saúde em que é mantido numa cela são consideradas inumanas».

LEOPOLDVILLE, 13 de Janeiro de 1961 — O presidente Kasavubu e o coronel Mobutu partiram para o campo militar de Thysville, onde Lumumba se encontra detido, a fim de conferenciarem com o antigo primeiro-ministro do Congo.

ELIZABETHVILLE, 18 — O Governo do Katanga anunciou hoje que Lumumba foi transferido para esta cidade onde ficará sob prisão. Um comunicado oficial revela que «a pedido do presidente Kasavubu e com a concordância do Governo do Katanga o traidor Lumumba foi transferido para Katanga uma vez que a prisão em Thysville não dava garantias suficientes».

ELIZABETHVILLE, 10 de Fevereiro de 1961 — O primeiro-

ministro do Congo, Patrice Lumumba, evadiu-se hoje da prisão em que estava detido no Katanga. O ministro do Interior do Katanga, Munongo, anunciou hoje que o primeiro-ministro do Congo, Lumumba, fugiu da prisão na companhia de dois dos seus colaboradores, Maurice Mpolo e Joseph Okito, respectivamente ministro dos Desportos e da Juventude e antigo vice-presidente do Senado.

PARIS, 24 — Patrice Lumumba foi morto no dia 18 de Janeiro, no próprio dia da sua chegada ao Katanga, afirma um alemão que teria servido na briga internacional (mercenários) do Katanga. Gerd Armin declarou que o político congolês foi morto pelos soldados africanos de escolta, durante a viagem do aeroporto de Elizabethville para o campo de detenção.

Em Julho de 1967, outro exército de mercenários, sob o comando do coronel Jean Schramm, tenta levar novamente Tchombé ao poder. Schramm é derrotado e Tchombé, julgado, in absentia, é condenado à morte. Em Março, quando viaja para a Europa, o avião de Tchombé faz uma «escala imprevista» em Argel. É preso e morre, no cativeiro, em 21 de Julho de 1969. Mobutu trata, entretanto, de consolidar o seu poder. Em Maio de 1966 esmaga uma revolta tribal de simpatizantes de Kasavubu, forma o seu próprio partido, o Movimento Popular da Revolução, muda a Constituição e atribui-se, na qualidade de Presidente da República, poderes quase ilimitados. Pierre Mulele é o último político que lhe faz sombra. Derrotado militarmente, mantém, no exílio, em Brazaville, uma actividade constante e goza de prestígio junto de alguns Estados africanos. Mobutu oferece uma amnistia a todos os seus opositores. Mulele aceita e regressa ao Congo, onde é assassinado. A partir daí, Mobutu não encontra nenhuma oposição interna significativa.

A presença dos «capacetes azuis», da ONU, não elimina as tensões no Congo. O secretário-geral daquela organização, Dag Hammarskjöld, vê-se forçado a fazer o jogo das potências ocidentais. No Katanga, Moisés Tchombé desafia a autoridade central, proclamase independente. Patrice Lumumba, desesperado, tenta utilizar o seu exército para por termo à secessão.

Para isso, conta com o apoio logístico de Moscovo. Mas as divergências que o separavam de Kasavubu tinham-se agudizado: primeiro-ministro e Presidente da República demitem-se um ao outro. Impulsionado pelos Estados Unidos, o exército intervém. A 14 de Setembro de 1960 o coronel Joseph Mobutu, sargento no exército colonial belga, antigo secretário privado de Lumumba e, sobretudo, um «homem de mão» da CIA, usa o poder que depois da independência lhe havia sido outorgado, na qualidade de Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, e demite o primeiro-ministro, prendendo-o. Lumumba permanece um tempo na prisão para, mais tarde, ser levado para o Katanga, onde o matam. Mobutu não sobe de imediato ao poder — entrega-o a um colégio de comissários, mantendo Kasavubu na presidência. Face a um Governo central que continua extremamente enfraquecido, é, na verdade, ele quem controla os acontecimentos. Os americanos apoiam-no, Tchombé perde interesse para o Ocidente.

Sucessivas operações militares, conduzidas por forças da ONU, levam-no a renunciar, em 1963, e a procurar o exílio. Regressa, em Junho de 1964, para, apoiado em bandos de mercenários brancos, derrubar o primeiro-ministro Cyrille Adoula e reprimir uma revolta que grassa no Congo Oriental. Para-queidistas belgas voltam então ao Congo. Descem em Stanleyville e facilitam aos mercenários a tomada da cidade e o esmagamento final da revolta. Mas Tchombé é um político sem crédito, quer nas grandes potências ocidentais quer, sobretudo, aos olhos dos líderes africanos, assustados com o aparecimento dos exércitos de mercenários brancos. Kasavubu demite-o, em Outubro de 1965.

Hospital de Setúbal:

faltam salas

ao bloco operatório

O Hospital de Saúde é bem a imagem da forma como se (não) prestam cuidados de saúde: a unidade de hemodiálise foi construída há três anos, mas não funciona e o bloco operatório não dispõe de salas suficientes. O alerta foi feito pelo seu director ao deputado Carlos Ganopa. Como em todos os outros hospitais do País, também tem falta de médicos. Pelo menos 46 deixaram de ali prestar serviço depois do despacho de despedimento da ministra Leonor Beleza.

O Hospital de Setúbal tem uma unidade de hemodiálise parada, que nunca funcionou, se bem que exista há dois anos; foi construída em 1985 e já então importou em 38 mil contos. Mas nunca funcionou por falta de aprovação do quadro de pessoal.

O director do Hospital de S. Bernardo prestou todas estas informações ao deputado renovador democrático Carlos Ganopa. Mas disse mais: por exemplo, que a unidade de hemodiálise, que tanta falta faz, não tem nefrologistas e é a maior carência deste hospital. Temos uma Unidade de Cuidados Intensivos que abriu sem pessoal e que funciona pelo nosso esforço, mas que nos importa em 200 contos/dia, tendo sido deficitária em 1986 em 30 000 contos.

O director do Hospital de Setúbal disse ainda ao deputado que «o bloco operatório tem falta de salas e que o serviço de urgência está a rebentar pelas costuras, recebendo 200 doentes por dia vindos de Setúbal, Sines, Santiago do Cacém, Alcácer do Sal, Grândola e pequenas localidades».

Carlos Ganopa, em nome dos deputados do PRD pelo círculo de Setúbal, visitou todas as áreas do hospital e disse à Lusa que «o PRD está a fazer uma análise da situação dos equipamentos de saúde no distrito, a fim de apresentarmos o diagnóstico na Assembleia da República».

Carlos Ganopa, após a sua visita ao Hospital de Setúbal, realçou que «não há excesso de médicos, antes pelo contrário. Hoje vamos reunir, na nossa sede, em Setúbal, com os policlinicos desvinculados do Hospital de Setúbal, a quem vamos escutar e apresentar os nossos pontos de vista sobre a saúde».

Gerência recusa

reintegração

dos policlinicos

Os quarenta e seis médicos policlinicos desvinculados do Hospital de Setúbal deveriam ser reintegrados a pedido da direcção médica do hospital, mas o Conselho de Gerência rejeitou a integração — disse Carlos Ganopa, do PRD.

Segundo este deputado, «quanto à reintegração dos policlinicos há uma discriminação em Setúbal. Nos hospitais de Vila Franca de Xira, Torres Novas, Abrantes, Tomar, Santarém, Évora e Cascais não existe este problema, o qual também existe em Beja».

O deputado do PRD por Setúbal disse à Lusa que «há muito prejuízo para os doentes, pois os médicos do quadro têm que prestar serviço nas urgências».

Ruptura "ataca" Hospitais Civis

CHEFES DE EQUIPA AMEAÇAM DEMITIR-SE DENTRO DE UM MÊS

Os chefes de equipa do serviço de urgência dos Hospitais Civis de Lisboa dão trinta dias para que os problemas que se acumulam e dificultam a sua acção sejam resolvidos. Expirado esse prazo e caso a situação permaneça, pedirão a sua substituição nas funções que exercem. Note-se que se trata de chefes de equipa de serviços dos Hospitais Civis de Lisboa: Desterro, Santa Marta e Capuchos.

Entre as experiências apontadas pelos chefes das equipas de triagem do «banco» de S. José incluem-se o melhoramento das «degradantes condições de trabalho no banco e o cumprimento das atribuições que lhes estão cometidas».

Aqueles clínicos exigem também que as suas equipas disponham «pelo menos, do número de colegas que a própria direcção do 'banco' considera mínimo, tendo em conta que a maioria das equipas ficou sem vários dos seus elementos por via do despacho de Leonor Beleza. Equipas de trinta elementos — número normal — estão neste momento reduzidas a duas dezenas, havendo algumas apenas com 14 ou quinze» — apurou o «DL» esta manhã.

Entretanto, os chefes das equipas de triagem dos Hospi-

tais Civis de Lisboa «declinam a responsabilidade pelo funcionamento daquela unidade», dando um prazo de trinta dias para a resolução da «situação anómala e insustentável em que se encontra».

É o segundo «levantamento» a que a opinião pública assiste, nos últimos tempos, contra a iminência de rotura que ameaça os serviços dos dois principais hospitais centrais portugueses. Há duas semanas foram os directores dos serviços do Hospital de Santa Maria que protestaram contra o despedimento de policlinicos — em consequência da medida de Beleza — e a caótica situação que se vive nas «urgências» do HSM, situação que, aliás, vem de longe. Agora são os chefes de equipa dos Hospitais Civis de Lisboa que ao concederem trinta dias à Direcção-Geral dos Hospitais



e ao Ministério da Saúde destacam esse mesmo problema.

Em qualquer dos casos, a questão da falta de policlinicos é assinalada: no caso dos directores de serviços do Hospital de Santa Maria, de forma clara, explícita; na atitude tomada pelos chefes de equipa do S. José, de modo implícito. Há anos, contudo, que os chefes de triagem do «banco» do Hospital de S. José vêm aler-

tando a direcção para a degradação progressiva das condições de trabalho que lhes são impostas.

Com o actual número de doentes que recorrem àquele serviço de urgência e a permanência, em macas, de muitas dezenas de doentes graves, a situação do banco «tornou-se insustentável e ingovernável». «No início do ano — diz a di-

recção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul —, com o afastamento de grande número de médicos do internato geral e a sua substituição por um número muito menor de recém-formados (portanto, sem prática clínica), a situação de ruptura que já se vivia devido, entre outros factores, ao reduzido número de médicos nas suas equipas, sofreu um drástico agravamento.»

Procurador vai proceder criminalmente

Otelo afirma que o Ministério Público procurou "entendimento" com a defesa

O procurador da República, vai proceder criminalmente contra Otelo Saraiva de Carvalho por este ter afirmado ontem, em Monsanto, que a acusação procurou «chegar a um entendimento com a defesa».

Ao ser ouvido pela última vez no Tribunal, Otelo afirmou que o representante do Ministério Público no julgamento do 1.º processo das FP-25 «abordou em princípio de 86 um ilustre advogado de defesa para lhe apresentar uma proposta, que condicionada por um princípio de estrita legalidade, admitia chegar a um entendimento com a defesa com vista ao recurso à medida de isenção de pena».

Segundo Otelo, o próprio Ministério Público, desde que asseguradas determinadas condições, «assumiria o compromisso de propor ao Tribunal a referida medida e «os réus entrariam em situação de liberdade provisória».

Contudo, acrescentou Otelo, tal proposta foi rejeitada, «já que as condições apresentadas, passavam pela admissibilidade, pela nossa parte, da tese da acusação de confundir a ECA com as FP-25, o que, quer por razões de verdade histórica, quer por não aceitação da liberdade, com subordinação à matriz de ligação às FP-25, decididamente rejeitamos».

«É falso — interrompeu de imediato o procurador da República, dr. Teodósio Jacinto, considerando, indignado, que a afirmação de Otelo atingia a sua honra».

O juiz-presidente, Adelino Salvado, reagiu também com vigor, considerando não ser admissível nem legal que um réu, «ao abrigo do direito de defesa concedido, vá ao ponto de ofender a dignidade, a honra e a consideração de qualquer pessoa, nomeadamente de um magistrado do Ministério Público».

Para realçar a gravidade do

que Otelo acabara de afirmar, esclareceu o juiz-presidente:

«Qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento de Direito, facilmente compreenderá que em Direito Penal não há transacções possíveis entre acusação e defesa, e que qualquer dos representantes da acusação e defesa que condigne tal transacção, além de exceder as regras de deontologia interfere, ou pretende interferir, na aplicação da lei e na acção jurisdicional, praticando assim um ilícito».

Na sequência, o juiz-presidente ordenou que fosse extraída certidão do que havia sido ditado para a acta «a fim de determinar a abertura de instrução preparatória em instância competente».

Por sua vez, o advogado de defesa de Otelo, o dr. Romeu Francês, disse nada ter a opor às investigações sobre tal questão e anunciou ir requerer à Ordem dos Advogados autorização para poder revelar o que souber sobre o caso.

Otelo, a História e o Tribunal

No final, da sua intervenção, Otelo recorreu a Fidel de Castro, lembrando o assalto a Moncada e o julgamento em que o líder cubano assumiu a sua defesa. Embora as condições de Cuba, nessa altura, e as de Portugal, hoje, não tenham comparação possível, Otelo, que se reafirmou inocente dos crimes de que está acusado, lembrou ao Tribunal:

«Estando eu há muito irrevogavelmente absolvido pela História, a este Tribunal não restará outra hipótese que não seja a de seguir o exemplo da História».

Antes, Otelo havia mais uma vez afirmado com veemência que o Projecto Global — que integrava a FUP e uma componente clandestina, a ECA (Estrutura Civil Armada) — era «uma espécie de nova Carbonária», criada em 76/77 para «organizar a resis-

tência face a um eventual golpe fascista».

Arrepiante

Na sessão de ontem falaram também pela última vez neste julgamento, os réus Humberto Dinis Machado e Mouta Liz.

Ambos se afirmaram inocentes e repudiaram os métodos seguidos na instrução do processo.

Contudo, a intervenção de Mouta Liz, com uma parte escrita e outra improvisada, atingiu momentos altos de emotividade.

Considerando estar preso por razões políticas, Mouta Liz procedeu, de acordo com o modo como vê as coisas à desmontagem de todo o processo, e fez acusações terríveis ao Juiz de Instrução, Martinho da Cruz. Tocante, e arrepiante, foi igualmente a denúncia que Mouta Liz fez sobre as condições das prisões portuguesas.

Julgamento prosseguiu ontem à tarde em Santa Clara

DEFESA NO "PROCESSO DOS COMANDOS" DEVE PRESCINDIR DAS TESTEMUNHAS

Manuel Geraldo

Com a audição de mais quatro réus, que mantiveram a posição dos doze já ouvidos na sessão anterior de não prestarem declarações, prosseguiu ontem à tarde em Santa Clara, no 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), a repetição do julgamento dos dezanove ex-militares do Regimento de Comandos da Amadora (eram vinte antes da morte por ataque cardíaco do 1.º-sargento Branca), acusados de, em 30 de Julho de 1975, terem procurado afastar o coronel Jaime Neves da liderança da unidade, substituindo-o pelo coronel Leal de Almeida.

Os réus ontem convocados para depor foram Luís Manuel Martins Santos, Alexandre Forte Rodrigues, Jorge Salvado de Almeida e José Brás, faltando agora ouvir pelo tribunal presidido pelo coronel de cavalaria Xavier Coelho, que substituiu o coronel Clodomiro Alvarenga, os ex-furrielis Tomé e Monteiro, ausentes em França, e o ex-furriel Magalhães, a responder no Tribunal de Monsanto como réu no processo das «FP-25».

Recorde-se que todos os réus foram absolvidos na «1.ª edição» do pleito, com base na Lei da Amnistia, mas o acórdão acabou por ser anulado pelo Supremo Tribunal Militar (STM), na sequência do controverso recurso apresentado pelo comandante da Região Militar de Lisboa, general Ricardo Durão.

De referir que a anulação do acórdão pelo STM não foi tomada de forma «pacífica», tendo o juiz-presidente, coronel Oliveira Rodrigues, e o juiz-auditor, dr. Maia Gonçalves, apresentado declarações de voto, não se mostrando assim sintonizados com a posição assumida pelo juiz-vogal, general Soares Carneiro e seus pares.

Acontece que ao anular o acórdão da 1.ª instância o STM mais não fez do que prolongar, até aos limites do inconcebível, um processo que já se arrasta há doze longos anos, quando, em termos europeus, o prazo entre a ocorrência dos factos e o julgamento não deverá ultrapassar os cinco anos.

Há ainda a realçar que era tal a convicção da defesa de que os seus constituintes iriam ser absolvidos pelo 2.º TMT, como veio a acontecer, que

prescindiu das 150 testemunhas arroladas, entre as quais se encontravam os conselheiros Melo e Franco e Vera Jardim, o desembargador José Vidigal, os juizes Carlos Sousa, Cândida Gouveia e Simão, o tenente-coronel Carlos Fábão, os majores Costa Neves e Horácio Ferreira e o capitão Marques Júnior. Ao que apurámos, a defesa poderá voltar a assumir agora idêntica atitude.

Como declarantes e testemunhas de acusação, que novamente irão voltar a Santa Clara, contam-se o coronel Jaime Neves, tenentes-coronéis Otelio Saraiva de Carvalho, Lobato Faria, Vasco Lourenço e Miquelina Simões, majores Apolinário, Ribeiro da Fonseca, Melo e Silva, Matos Gomes e Mário Tomé, capitão Falcão e sargento Lima.

Na bancada da defesa estão, entre outros os dres. Levy Baptista, Carvalho de Oliveira, Loffe Barreto, Delgado Martins, Jerónimo Martins, Oliveira Ascensão, Furtado dos Santos, João Godinho, André Machado Jorge, António Meireles e Sá Fernandes.

O julgamento prossegue no próximo dia 3 de Fevereiro, a partir das 14 horas, ao que se espera com a audição do ex-furriel miliciano Magalhães, já requisitado ao Tribunal de Monsanto.

Detidos presumíveis agressores de taxista

A Polícia Judiciária de Setúbal afirma ter identificado, e detido, dois jovens de 16 e 17 anos apontados como presumíveis agressores de um taxista, na tarde do passado dia 13, na Baixa da Banheira. Tal como noticiámos, os dois jovens, que disseram pretender dirigir-se ao Hospital de Almada, onde um deles tinha a mãe internada, tentaram assaltar o taxista Artur Vicente Bucha Rodrigues, agredindo-o com uma faca e uma chave-de-fendas.

Entretanto, a PJ procura identificar os dois indivíduos que, na madrugada de ontem, assaltaram e agrediram, na estrada da Malveira, o taxista Manuel António Antunes de Sousa, do Cooperativa de Rádio-Táxis da Costa do Sol, a quem roubaram cerca de quinze contos.

Filho de portugueses afogado em França

Um garoto de dez anos, filho de emigrantes portugueses residentes em França, morreu afogado no passado domingo. Firmino da Silva, que morava em La Ferte sous Jouarre, nos arredores de Paris, brincava com outras crianças nas margens do Marne, quando escorregou num bloco de gelo caindo às águas geladas do rio. Até ao momento o seu corpo ainda não foi encontrado apesar dos esforços desenvolvidos por homens-rãs dos bombeiros.

Agricultor matou os pais a tiro

Em Talhó, no concelho de Paredes, um agricultor de 32 anos, Joaquim Vítor Pereira de Sousa, assassinou ontem os pais a tiro, ao que afirmou a GNR devido a «problemas familiares» que não especificou. A mãe foi morta à queima-roupa quando estava no seu quarto de cama, e o pai, Augusto Moreira de Sousa, de 52 anos, à porta da residência. O homicida, casado e com dois filhos menores, foi detido horas depois, tendo sido presente ao juiz de Instrução Criminal de Penafiel, que confirmou a prisão.

Habitam nos Açores 1814 americanos

Cerca de metade dos cidadãos estrangeiros residentes nos Açores é de nacionalidade norte-americana. Referem as estatísticas que em 1985, habitavam naquela região autónoma 3768 estrangeiros, dos quais 1814 eram dos EUA. Entre os países europeus, os que têm maior número de cidadãos residentes nos Açores são a França e a Inglaterra.

A vítima foi um jovem operário de Ficalho

Quarto suicídio na Penitenciária desde Julho do ano passado

Na Penitenciária de Lisboa, ocorreu na madrugada de domingo, o quarto suicídio ali registado desde Julho do ano passado, tendo sido desta vez vitimado um jovem de 20 anos, José Manuel Rosa Arsénio Nuno, ajudante de sucateiro, natural de Vila Verde de Ficalho, no Baixo Alentejo, que estava detido desde o passado dia 10, por suspeita de implicação num furto.

Segundo dr. Fernando Duarte, director-geral dos Serviços Prisionais, afirmou esta manhã ao «DL», José Manuel Rosa, tal como dois outros anteriores suicidas, também jovens, era um toxicodependente e estava em observação, o que significa que não podia contactar com outros reclusos antes de decorridos 30 dias de permanência naquele estabelecimento prisional.

Os dois outros suicidas,

considerados toxicómanos, foram João Paulo da Rocha Ferreira, de 22 anos, e Paulo Alexandre Nabais Mestre, de 17. Quanto a Manuel de Sousa, por alcunha «O Rato», matou-se após ter visto na RTP o espectáculo «Na-tal dos hospitais». Na altura disse a outros reclusos que ia suicidar-se, acrescentando ao tomar uma bica: «Esta é a minha última bica».

Referindo-se ao caso do jovem José Manuel Rosa, o director-geral dos Serviços Prisionais revelou que ele deixara uns versos «de alguma qualidade literária em que são visíveis a depressão e a solidão, como sintomas característicos de toxicodependentes».

Fernando Duarte, que antes de assumir o cargo esteve dois anos à frente do Gabinete de Planeamento e Coordenação de Combate à Droga, reconheceu a inexistência

de um serviço de apoio especializado para os reclusos toxicodependentes, sobretudo na área de Lisboa, dada a falta de quadros por parte do Centro de Estudos e Profilaxia da Droga.

Fernando Duarte mostrou-se, no entanto, esperançado na resolução para breve do problema, uma vez que acabava de sair na folha oficial o desbloqueamento para o aumento de quadros daquele organismo.

Entretanto e para suprir estas carências, o dr. Fernando Duarte requereu a colaboração de um grupo de cinco psicólogos, sediados na Quinta do Ramalhão, em Sintra, ao mesmo tempo que determinou a aplicação do «regime aberto» durante todo o dia, e um reforço mais activo dos educadores, relativamente aos reclusos toxicodependentes internados na Penitenciária.

A partir de meados de 1988

Cadeia de "alta segurança" vai ser construída em Monsanto

Em meados de 1988, segundo revelou esta manhã ao «DL» o dr. Fernando Duarte, director-geral dos Serviços Prisionais, irá ser começada a construção em Monsanto, junto à cadeia e ao tribunal já ali existentes, daquela que passará a ser a «primeira cadeia de alta segurança até agora edificada em Portugal».

A mesma fonte referiu que a nova prisão receberá 250 reclusos considerados da «mais alta

perigosidade». Entretanto, outros dois estabelecimentos prisionais, com lotação para 250 reclusos cada um deles, serão construídos em Faro e no Funchal. No Funchal ficará um estabelecimento polivalente com pavilhões para homens e mulheres e receberá reclusos preventivos e condenados.

O director-geral dos Serviços Prisionais, comentando a actual situação prisional, disse que os

estabelecimentos de indivíduos já condenados não sendo considerados superlotados estão ainda cheios enquanto os de preventivos continuam ainda superlotados. Fernando Duarte precisou que do total de 8164 presos existentes na segunda quinzena de Dezembro, 3516 estão em situação preventiva, o que obriga a que algumas cadeias estejam com lotação esgotada.

Mário
Castrim

MINHAS senhoras e meus senhores, mesdames e messieurs. Vou entrar directo no assunto, pois a gravidade dele não consente delongas. Em duas palavras apenas: a guilhotina é um instrumento abominável e que nada, absolutamente nada, justifica. Como alguns não sabem, e por isso eu explico, aquele instrumento foi desenhado e mandado construir pelo doutor Joseph Ignace Guillotin, professor de anatomia. Foi ele quem, na Revolução Francesa, e contrariando a proibição do rei, convocou os deputados para a sala do Jogo da Pela. Quem perde a cabeça, acaba sempre por perder a cabeça.

Como a plebe era morta de uma maneira e a aristocracia doutra, o dr. Guillotin estabeleceu o princípio democrático da morte igual para todos.

Assim nasceu a guilhotina, que funcionou pela primeira vez a 25 de Abril de 1792. Noutras latitudes e em datas semelhantes, outros povos, em lugar de guilhotinas, empregaram flores. Maneiras de ser.

A guilhotina primitiva encontra-se no Museu Carnavalet. Ao olhá-la, um frémito de horror nos percorre a espinha e nos põe um nó na garganta.

Actualmente, a justiça conserva um instrumento que em muito pouco difere do que saiu da inventiva do dr. Guillotin. E se nos lembrarmos que a coisa data de 1792, ou seja, há pouco menos de dois séculos, temos ideia de quão foi longe de mais a barbaridade!

Sucedendo que essencialmente a guilhotina é uma lâmina de aço triangular que desliza sobre a cabeça da vítima. Naquela altura o aço era de uma tempera doce que fazia bocas e criava ferrugem com a qual, além do mais, as vítimas corriam o perigo de contrair o tétano.

Esta barbaridade não se justifica. A nossa empresa está em condições de garantir o fornecimento de um aço absolutamente inoxidável. Proporciona-se assim uma morte de qualidade garantida para todos, desta forma se cumprindo os votos do dr. Guillotin.

A menos que V. Excias. prefiram continuar com a modalidade dos contratos a prazo. É uma opção que eu, democraticamente, respeito!

Reunião da Câmara de Lisboa "descobriu" nova torre

VEREADORES DO PS CONTRA 16 ANDARES NA AVENIDA DA REPÚBLICA

A publicação na Imprensa de anúncios relativos a um empreendimento com 16 andares a ser realizado defronte da Feira Popular de Lisboa, no local dos números 90 a 96 da Avenida da República aigou a reunião de ontem da Câmara Municipal de Lisboa. Como primeira reacção, os vereadores socialistas emitiram um comunicado no qual sublinham que a altura máxima constituída para aquele local é de 9 andares.

O facto do presidente da Câmara de Lisboa ter afirmado ontem que nunca tinha aprovado os 16 pisos que constam do anúncio publicado em alguns jornais, referindo que, na mesma zona, tinha recusado um projecto para um edifício da Caixa Geral de Depósitos com 14 andares, levou a que fosse pedida uma intervenção dos Serviços de Urbanização camarários.

De acordo com fontes contactadas pelo «DL», Nuno Abecasis terá referido que tal aprovação teria sido dada pelo seu vereador substituto ao tempo da lista da Aliança Democrática, facto que até ao fecho desta edição não conseguimos confirmar.

Por outro lado, foi possível reconstituir alguns passos de todo este processo.

Assim, o projecto teria sido aprovado entre 1980 e 81, depois de, entre 1975 e 79 terem sido aprovados projectos separados para os números 90, 92, 94 e 96 da Avenida da República, todos eles com nove pisos para habitação, de acordo com as normas definidas para a zona a que toca a cêrceas e a funções.

No entanto, a estes projectos sucede-se um outro, cujas principais alterações residem na utilização conjunta daquele espaço, de início para 14 pisos, depois com um aumento de mais dois andares, para escritórios e comércio.

Projecto foi aprovado ou não?

Os anúncios publicados referem-se à venda de um terre-

no, com projecto aprovado, com uma área de 1455 metros quadrados, frente de 44 metros, com um edifício projectado para 16 pisos de escritório e comércio, quatro caves de estacionamento e acessos directos ao metro.

Continuando a citar o anúncio ontem publicado na página 26 do matutino «Diário de Notícias», a área bruta de construção é de 17.458 metros quadrados, assim divididos: 11.638 metros quadrados para escritório e comércio e 5.820 para estacionamento, pedindo a Companhia de Seguros Império 300 mil contos.

Em contacto com aquela seguradora, Pereira da Silva referiu-nos que a venda está bem encaminhada e, depois de referir «que o projecto tem toda a documentação aprovada», sublinhou que «é natural que falte um ou outro documento», acabando por referir que «o projecto ainda não está aprovado».

Escusando-se a adiantar mais elementos, por não ser um perito na matéria, a mesma fonte remeteu-nos para um dos responsáveis dos serviços de obras da Companhia de Seguros Império,

que, no entanto, estava ausente em serviço.

O relato contraditório com o anúncio publicado poderá ter algo a ver com outro elemento que o «DL» apurou. Segundo fonte camarária «as licenças de construção não terão sido levantadas na altura própria, até um ano após a aprovação do projecto, o que implica a caducidade do mesmo».

Plano Director em questão

Na reunião de ontem, o executivo camarário deliberou constituir uma comissão integrada por um representante de cada força política para analisar a oportunidade de proceder à elaboração do Plano Director Municipal (PDM).

A proposta, apresentada pelos vereadores do PS e aprovada por unanimidade, defende que esta comissão deverá apresentar uma proposta à Câmara no prazo de 90 dias para que esta possa decidir a orientação mais adequada à implantação de uma política urbana articulada.

Também mereceu aprovação, embora com a abstenção do PPM, a proposta apresentada pelo vereador Livio Borges, do PSD, sobre a mesma matéria, prevendo que, caso se venha a decidir pela elaboração do Plano Director se constitua um grupo de trabalho com representação pluridisciplinar dos diversos serviços da Câmara intervenientes no planeamento urbanístico do concelho de Lisboa para participar na sua elaboração.

A proposta apresentada pelos elcitos da Aliança Popular Unido que manifestava a urgência na elaboração do PDM, e a que na edição de ontem nos referimos, foi rejeitada com os votos dos vereadores do CDS, PSD e PS.

Mesa-redonda sobre apoios do Estado à Imprensa escrita

«Altamente preocupante» o estado de crise dos jornais em Portugal
— disse Marques Mendes

«Altamente preocupante e perturbador» — assim caracterizou Marques Mendes, secretário de Estado adjunto para os Assuntos Parlamentares o estado de crise da Imprensa escrita em Portugal, ao discursar na abertura (ontem) da mesa-redonda sobre a problemática dos apoios económicos do Estado àquela forma de comunicação social, encontro organizado pela Direcção-Geral da Comunicação Social, com o apoio da OCDE.

Entre as diferentes causas que afectam a Imprensa, Marques Mendes referiu «a indefinição de regras claras de actuação, alguns e significativos focos de concorrência desleal, os aumentos vertiginosos dos custos de produção ocorridos nos últimos anos, o decréscimo nas receitas de publicidade e a diminuição de tiragens».

Marques Mendes considerou ainda «a inexistência de enraizados hábitos de leituras de jornais, a crescente concorrência em relação a estes por parte dos meios audiovisuais e uma exagerada e injustificada intervenção do Estado» como factores responsáveis pela crise no sector.

«Ao estado deve incumbir a obrigação de criar condições que propiciem a independência das empresas, o seu tratamento não discriminatório e o pluralismo de opinião, mas falecem as razões estruturais ou de filosofia que justifiquem que o Estado seja dono de um conjunto tão amplo de jornais» — declarou aquela membro do Governo.

Para o secretário de Estado, «a simples transferência de propriedades de empresas jornalísticas do sector público para o sector privado não resolve, por si só, todos os problemas que à Imprensa se colocam, impondo-se inverter este estado de coisas», mas «obedecendo a regras claras e precisas que salvaguardem todos os interesses sociais em jogo».

Audiovisuais não afectam a Imprensa

O jornalista francês Michel

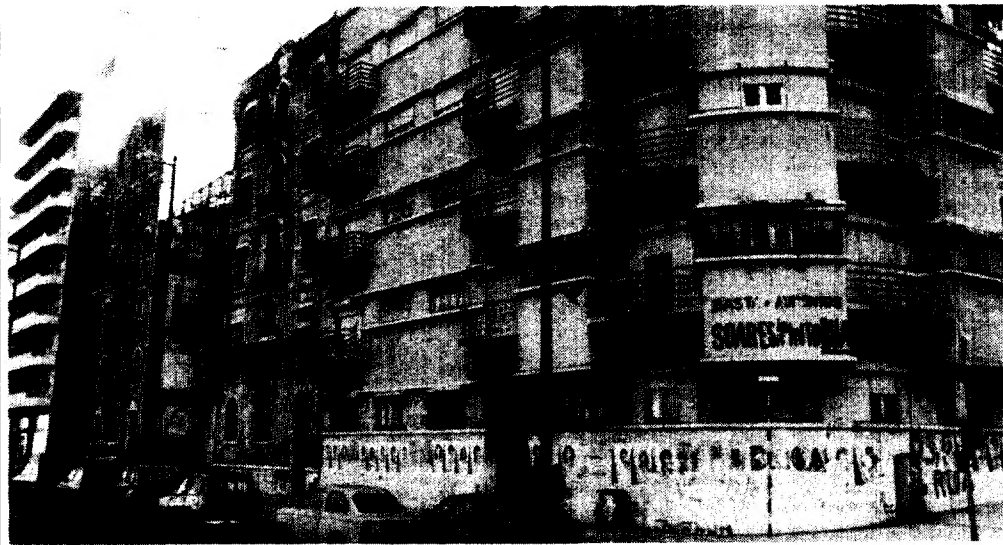
Pericard, que exerceu funções de gestão na Rádio e Televisão e actualmente representa a Assembleia Nacional Francesa no Conselho de Administração da Televisão (TF1), um dos especialistas convidados a participar na mesa-redonda sobre apoios económicos do Estado à Imprensa, considerou que esta «nunca teve tantas perspectivas de desenvolvimento» como hoje em dia.

«A concorrência dos meios audiovisuais não é um fenómeno novo para a Imprensa escrita», nem ameaça verdadeiramente o seu mercado, já que «o nível de difusão da Imprensa escrita está muito menos ligado à importância dos serviços audiovisuais do que ao nível de desenvolvimento intelectual e, sobretudo, aos hábitos culturais de uma população».

No entanto, para o especialista francês, «a tendência dos meios audiovisuais é para aumentar a sua audiência, ocupando todo o espaço disponível para o público».

A este «desafio», a Imprensa escrita pode responder se «as suas empresas souberem reestruturar-se no interior de grupos de comunicação», se «os seus responsáveis fizerem um esforço de imaginação e conseguirem implementar fórmulas capazes de aumentar a sua clientela» e se «o poder público conseguir preservar o equilíbrio do sector».

Assim, o Estado deve assegurar esse equilíbrio por meio de auxílios públicos, por um lado, e, por outro, através de uma regulamentação tendente a evitar que a livre concorrência se transforme numa concorrência desleal.



VIDA SOVIÉTICA

A SUA REVISTA MENSAL

ESCOLHEMOS PARA SI, EM JANEIRO:

- Inquérito No limiar da vida adulta
- A Pintura de Ilia Glazunov "A arte é o culto das ideias"
- Kasparov "O xadrez é o eixo da minha vida, mas não é o seu único sentido"
- Viagem Extremo-Oriente região de contrastes

A CDL — Central Distribuidora Livreira
Av. Santos Dumond, 57 - 2.º — 1000 LISBOA — Tels: 73 22 75 - 73 26 90 - 73 25 40

Decidi assinar a revista "VIDA SOVIÉTICA" na seguinte modalidade:

- 1 ano (12 n.ºs) - 200\$000
- 2 anos (24 n.ºs) - 350\$000
- 3 anos (36 n.ºs) - 500\$000

Cheque _____ no valor de _____

NOME _____

MORADA _____

TELEFONE _____

CÓDIGO POSTAL _____



Academia de Instrução e
Recreio Familiar Almadense

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Conforme o disposto na alínea b) do número 2 do Artigo 26.º do Estatuto, convoco a Assembleia Geral a reunir ordinariamente no dia 30 de Janeiro de 1987, pelas 20.30 horas, na Sede desta Colectividade, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO — Apreciação, discussão e votação do Orçamento para o ano de 1987.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Conforme o disposto na alínea b) do número 3, artigo 26.º do Estatuto, e para cumprimento do Artigo 8.º do Estatuto e da alínea k) do Art.º 10.º do Regulamento Geral, convoco a Assembleia Geral a reunir extraordinariamente no dia 30 de Janeiro de 1987, na sede desta colectividade, (terminada que esteja, a Assembleia Geral Ordinária acima convocada), com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Apreciar e votar uma proposta da Direcção sobre o programa de desenvolvimento da colectividade —
— Construção de Novas Instalações.

2 — Proclamação de 1 sócio honorário e de 1 sócio de mérito.

Almada e Academia Almadense, 15 de Janeiro de 1987

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
ÁLVARO LUÍS ANTUNES PINA

NOTA: Se à hora marcada não se encontrar presente número bastante de associados, a assembleia reunirá 1 hora depois em 2.ª convocação.

COMUNA TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA - T. 726 08 18

HOJE 21.30 h

TEXTO DE ROGER VITRAC
M/12 A

"VICTOR"
ou

as crianças no poder

DOMINGO 17 H

*VEJA
TEATRO
A PREÇOS
REDUZIDOS
*TERÇA
*QUARTA
*E QUINTA
PREÇO
ÚNICO:
* 200.00

APOIO - F. GULBENKIAN - A. FRANCAISE SUB SEC

BRAZ E BRAZ • SECLA - FAIANÇA • R. COMERCIAL

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DO BARREIRO**

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando os sucessores incertos do falecido José Manuel do Carmo Mateus, no estado de divorciado de Argentina Calado da Costa Mateus, que teve a sua última residência na Rua Mário H. Leiria, Lote 2 r/c B, Cobre, Cascais, para no prazo de 8 dias, findo o dos editos, se habilitarem, querendo, a fim de prosseguirem na Acção de Despejo até final, que se encontra apenas, movida por Fernando Gonçalves Namora, cujo duplicado da petição se encontra nesta Secretaria à disposição dos interessados, seguindo-se os demais trâmites processuais.

Barreiro, 12 de Janeiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO
Alexandre Ferreira B. Coelho

O ESCRIVÃO DE DIREITO
(Illegível)

(«DL» 20/1/87 — 1.ª Pub.)

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DA HORTA**

AVISO

Pelo Juízo de Direito desta Comarca, na Acção Especial de Reforma de Títulos pendente na Secção de Processos movida por Juan Manuel Ferrerós Alonso, casado, residente na Avenida das Tulipas, lote 13, 4.ª Esq. Miraflores, Algué, Lisboa, contra «B.J. Borges Conservas, S.A.R.L.» com sede no lugar do Pastelheiro, desta cidade da Horta, ilha do Faial, para reforma de 4000 acções, numeradas de 8073 a 12 072, emitidas pela ré a favor do autor, documentos esses desaparecidos, é convidada qualquer pessoa que esteja de posse delas, a vir apresentá-las, nesta Secretaria Judicial, até ao dia 11 de Fevereiro de 1987.

Horta, 5 de Janeiro de 1987

A Juiz de Direito
Maria Manuela Barata Antunes dos Santos e Guedes Gomes

O Escrivão-Adjunto
Leonel de Oliveira Rodrigues

(«DL» 20/1/87 — 1.ª Pub.)

JAPÃO PAGA AS FAVAS DA COMUNIDADE E DO SEU SUCESSO

Desde que o influente senador Lloyd Bentsen declarou desejar ver o dólar ainda mais baixo do que as paridades atingidas no início do ano, e esses desejos foram avalizados por especialistas do Morgan Trust, que o consideravam 15 por cento acima do seu valor real, não mais se deteve a queda da divisa norte-americana nas principais praças financeiras internacionais.

A queda pode, mesmo, considerar-se «livre» na Bolsa de Tóquio onde o dólar está a perder força em relação ao iéne, baixando aos níveis de há 40 anos, ou seja, por alturas da II Guerra Mundial. O Governo japonês comprou milhões de dólares em operações maciças sucessivas, nos últimos dias, para travar a valorização exagerada do iéne que colocaria os seus produtos em situação de desvantagem nos mercados norte-americanos. Mas foi tudo em vão e, ontem, o dólar baixou a barreira dos 150 iénes.

Até aqui, tudo bem, se este fosse um movimento conjuntural e temporário, ainda que para sujeitar o reajustamento de outras divisas com as quais o dólar estava a sentir dificuldades. Só que não se trata disso e, tal como confirma a última «Newsweek», há o deliberado propósito da administração norte-americana para forçar a baixa da nota verde até à relação 1 dólar-140 iénes-1.70 marcos. Em artigo que publicamos nesta edição, o

correspondente do «Monde» em Washington sublinha que os Estados Unidos estão a fazer «bluff» mas que brincam com o fogo ao jogarem assim este poker monetário com parceiros tão fortes como os a Alemanha Federal e o Japão. Já há alguns sinais dessa brincadeira: o representante dos Estados Unidos para as negociações comerciais com a Comunidade Europeia, Clayton Yeutter, deixou escapar o seu desapontamento pelo facto de a queda do dólar face ao iéne não ter provocado o relançamento das exportações norte-americanas.

Também há quem queira ver nesta guerra suja monetária a marca irada de Reagan, em represália contra a perda dos mercados ibéricos para o milho, a soja e o arroz, verificada a partir da entrada de Portugal e Espanha na Comunidade Económica Europeia. O objectivo seria incluir nas retaliações, anteriormente anunciadas, mas que ainda vão ser objecto de nova tentativa de ultrapassagem, a depreciação do dólar para atingir directamente a moeda e a capacidade exportadora do membro mais forte da Comunidade, a Alemanha Federal. E se é certo que os alemães já foram forçados a revalorizar a sua moeda em três por cento, com a correspondente perda de competitividade, é o Japão quem está a pagar mais duramente as iras do dólar ou o bluff do Tesouro norte-americano.

Recorde positivo no comércio externo japonês

As exportações japonesas cresceram 19,1 por cento no ano passado, enquanto as importações baixaram 2,3. Resultou daí um superavit comercial quase duplo do ano anterior, e recorde absoluto particularmente acentuado em relação aos Estados Unidos. Essa pode ser a razão de fundo para a ira americana face ao iéne.

O recorde superavitário japonês atingiu 82.670 milhões de dólares, contra 46.100 milhões em 1985, resultantes de 209.160 milhões de dólares de exportações e 126.500 milhões gastos na importação.

Particularmente notáveis foram os resultados japoneses no seu comércio com a Comunidade Europeia e com os Estados Unidos.

O histórico superavit do comércio bilateral com os Estados Unidos - 51.480 milhões de dólares em 86 contra 39.500 milhões em 85 - é particularmente irritante para a administração Reagan, por mais liberal que se reclame em matéria de comércio internacional.

O resultado positivo com a CEE foi menor - 16.690 milhões de dólares em 86 e 11.100 milhões em 85 - mas ainda assim influente no reforço do iéne face às principais divisas europeias.

O "bluff" americano

Bernard Guetta

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Não contente em se quedar totalmente passivo, desde há vários dias, perante o recuo do dólar, o Governo americano decidiu na quarta-feira passada, 14 de Janeiro, forçar abertamente a baixa da sua própria moeda.

O objectivo prosseguido pelo departamento do Tesouro é fazer pressão sobre as outras duas principais potências económicas ocidentais, o Japão e a Alemanha Federal, a fim de as obrigar sob ameaça do encarecimento das suas exportações - a aplicarem uma chicotada às suas economias, pela baixa da taxa de juros. Os dirigentes americanos calculam, com efeito, que se seguirá um reforço geral do crescimento e, como consequência, o desenvolvimento das exportações americanas.

Muito mecanicista, porque esquece que a América não tem, forçosamente, para produzir produtos dum atractivo comparável aos de outros países, estas razões estão, no entanto, subjacentes à política económica de Washington há mais de um ano.

O endurecimento a que se assiste actualmente não tem, neste sentido, nada de vaga de fundo, mas decorre logicamente do sentimento de urgência criado, de um lado, pela chegada da maioria democrata ao Senado e, do outro, pelo agravamento do défice comercial, que deverá atingir mais de 170 mil milhões de dólares contra

148,5 em 1985.

Os limites do tolerável estão, assim, de tal modo ultrapassados que os demagogos, agora no comando das duas Câmaras do Congresso, dispõem dos meios para fazer adoptar a legislação proteccionista a que a Casa Branca se continua a declarar hostil.

A administração americana escolheu, no entanto, abrir pudicamente o fogo através de confidências anónimas ao New York Times.

Atribuídas a «fontes oficiais» elas do minaram, naturalmente, a primeira página daquele diário. O NYT, citado pelas agências noticiosas, informou os mercados financeiros que o governo dos Estados Unidos «queria que o dólar baixasse ainda mais» e via nesta desvalorização «a principal arma» para redução do défice.

Novos reajustamentos

Washington não teria incitado mais eficazmente o mercado para especular com a baixa do dólar e a alta do iéne e do marco. A meio do dia, o porta-voz da Casa



Os tempos gloriosos da nota verde estão a passar. Agora o negócio é comprar ienes

Branca deixou escapar que se esperava o prosseguimento do declínio do dólar, desejando que uma eventual continuação da baixa fosse «controlada», o que impunha novas consultas aos porta-vozes.

A tarde, um alto (e sempre anónimo) responsável do Tesouro iria reforçar a claqué explicando que para reduzir o seu défice, os Estados Unidos deviam obter uma aceleração do crescimento dos seus principais parceiros e que «ajustamentos monetários» suplementares seriam necessários se essa aceleração se revelasse insuficiente.

A pressão era no entanto tão forte que o movimento induziu um novo desequilíbrio entre a moeda alemã e outras divisas europeias - um desequilíbrio geral, portanto, que parece condenado a ter de fazer concessões, tão esmagador é o peso americano.

Mas os Estados Unidos brincam com o fogo, porque, ao fazer assim baixar o dólar, eles arriscam-se a tornar cada vez menos atractivos os empréstimos de que necessitam para financiar um défice orçamental desta vez que só diminui muito lentamente. Não há ainda muito tempo que o presidente da Reserva Federal, Volcker, avisava para o perigo da subida das taxas de juro e este aviso é hoje o que há de mais justificado.

Neste sentido, a chantagem norte-americana assenta num «bluff»; mas o problema é que o «contra-bluff» não está isento de riscos, porque ninguém sairá indemne de uma verdadeira prova de fogo. Esta é a razão porque muita gente, na semana passada em Washington, previa uma concertação próxima entre os parceiros ocidentais.

APROVADAS MUDANÇAS RADICAIS NA ECONOMIA MOÇAMBICANA

Por Augusto Carvalho da Lusa

A primeira sessão da segunda legislatura da Assembleia Popular terminou ontem em Maputo, depois de discutir durante seis dias e meio o programa de reabilitação económica.

«O plano de reabilitação económica, não constituindo a solução para os nossos problemas, tem o mérito de inverter a tendência decrescente da nossa economia», disse Marcelino dos Santos no acto de encerramento.

O programa de reabilitação económica vai agora começar a ser anunciado publicamente e concretizado por sectores, disse um deputado à agência Lusa.

Nem todos os jornalistas puderam seguir os trabalhos da Assembleia Popular e os que foram escolhidos para o efeito pouco têm publicado. Os estrangeiros apenas puderam assistir à abertura solene e ao encerramento juntamente com o corpo diplomático.

Os escassos relatos feitos pelos órgãos de comunicação moçambicanos, publicitando, via de regra, intervenções governamentais com destaque para o primeiro-ministro, Mário Machungo, levam a concluir que a linguagem falada foi eminentemente técnica, pondo-se de lado a fraseologia ideológica.

O próprio jornal «Notícias», único diário que se publica no Maputo, dá-se conta deste por menor.

«Trata-se de uma nova linguagem política, muito embora o seu conteúdo e consistência estejam imbuídos da carga política e ideológica que se conhece», escreve o jornal ao comentar o discurso de Mário Machungo.

A necessidade de realizar lucros em todos os sectores empresariais foi a recomendação mais insistente.

O plano de reabilitação abrange as áreas económicas, monetárias, fiscais e sociais.

«Um programa que vai exigir grandes sacrifícios ao povo», disse o presidente Joaquim Chissano.

Vai verificar-se dentro em breve a desvalorização do metical. «Há quem fale em 70 por cento e há quem fale em 600 por cento de uma assentada».

Aumentos de preços e despedimentos

Haverá um aumento dos preços e dos impostos, uma

subida fortemente progressiva do imposto complementar, conforme se expressou o primeiro-ministro, o aumento das rendas de casa em função do real valor das habitações e não dos salários como até aqui, a saúde será mais cara, os transportes também, assim como os artigos de primeira necessidade.

Haverá despedimentos nas empresas e fecho daquelas que forem consideradas irreversíveis para o lucro.

Os aumentos ainda não foram anunciados em concreto, mas já há alguns exemplos que permitem tirar conclusões. A Lusa soube, por exemplo, de uma fonte do Ministério do Comércio que o açúcar vai de 17 meticais o quilo para 47 meticais.

Uma fonte do Ministério da Saúde disse ser provável que as consultas passem de 7 meticais e meio para 70 meticais.

Os salários, que também vão ser reajustados, ficarão aquém da desvalorização do metical.

Pretende-se favorecer de modo especial os camponeses, criando fundos de comercialização que lhes permitam adquirir géneros de primeira ne-

cessidade em troca dos produtos da sua lavra.

Uma fonte diplomática disse à Lusa que o programa de reabilitação económica foi visto com bons olhos pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial.

O governador do Banco Central, Eneias Comiche, disse que o Banco Mundial enviou a Moçambique 14 missões em 1985 e oito em 1986, enquanto o FMI enviou 5 no mesmo espaço de tempo.

O Banco Mundial já concedeu a Moçambique um financiamento de 45 milhões de dólares. Eneias Comiche disse que as negociações com o Fundo procedem em bom ritmo.

Prevê-se que em breve seja concedido um empréstimo, cujo montante ainda não foi revelado. Uma fonte do Ministério das Finanças falou à Lusa em 75 milhões de dólares.

«Embora a quantia não seja por aí além o aval que o FMI concede ao programa de reabilitação económica com esse empréstimo é uma espécie de selo que nos permite o acesso a outras fontes de financiamento», disse.

Comiche disse na Assembleia Popular que este programa vai beneficiar do financiamento do Fundo Monetário Internacional.

CGTP poderá pedir indemnização à RTP

A CGTP-IN «poderá vir a exigir uma indemnização à administração da RTP pelo facto de esta ter recusado a transmissão de uma resposta a afirmações do ex-secretário de Estado, Anselmo Rodrigues, na Televisão, há cerca de três anos».

A situação deriva de um acórdão agora proferido pelo Supremo Tribunal de Justiça, que confirma decisões judiciais anteriores, segundo as quais a RTP era obrigada a transmitir o teor de uma resposta da CGTP a declarações do então secretário de Estado-adjunto do Primeiro-Ministro — revela hoje em comunicado a CGTP-IN.

Anselmo Rodrigues afirmara perante as câmaras de televisão que a greve convocada pela Inter para o sector público, dia 30 de Fevereiro de 1984, tinha «uma finalidade exclusivamente política» que se inseria «na campanha de desestabilização do sistema e derrube do Governo decretada pelo PCP e liderada pela CGTP no plano laboral». Aquele membro do Governo responsabilizara igualmente a Inter por «boatos e panfletos anónimos incitando à violência, sabotagens e atitudes de desacato». Segundo a CGTP, na altura, a RTP recusou-se a transmitir a sua resposta alegando que a mesma continha «expressões desprimorosas» para o então primeiro-ministro, Mário Soares, e para o executivo que chefiava.

A CGTP entende que poderá pedir uma indemnização à RTP pelo facto de três anos depois «não existir qualquer razão para ser agora transmitida a resposta».

«Uma vez mais a RTP tocou de muito perto o ridículo» — acrescenta o comunicado da CGTP que afirma ter sido a própria Televisão quem levou a questão aos tribunais, depois de o Conselho de Imprensa ter dado razão à central.

Conselho de Ministros discute EP's

O Conselho de Ministros para os assuntos económicos, reúne-se esta manhã para fazer uma «análise exaustiva» do sector empresarial do Estado, disse à agência Lusa um informador governamental.

O Conselho poderá tomar decisões importantes, acrescentou a mesma fonte.

Além de Cavaco Silva participam sete ministros. Segundo outras fontes, admite-se que sejam decididos reajustamentos na composição de alguns conselhos de gerência.

Confecções de Belmonte na clandestinidade?

Cerca de 400 trabalhadores da empresa Confecções de Belmonte não receberam, ainda, o salário de Dezembro, não vêem aplicadas as tabelas salariais do sector desde 1 de Outubro de 1986 e correm, agora, o risco de ficar sem cobertura da Segurança Social, em caso de desemprego, pois a entidade patronal não envia os mapas de pessoal e as respectivas contribuições desde Junho do ano passado.

Estas informações foram fornecidas à Imprensa pelo Sindicato dos Trabalhadores do Sector Têxtil da Beira Baixa que assegura, também, ter solicitado a intervenção dos serviços da Segurança Social de Castelo Branco.

O Sindicato interroga-se se as Confecções de Belmonte já entraram na clandestinidade não obstante «ter cerca de 400 trabalhadores em serviço diário e toda a gente saber que continua em laboração».

«Ouvimos todos os dias os membros do Governo Cavaco Silva dizer que estão a combater as ilegalidades, o compadrio, a corrupção e a fuga ao fisco»-acrescenta o Sindicato Têxtil da Beira Baixa. «Mas será que o fazem com permissividades como esta? Basta de demagogia»-conclui a informação sindical.

NO BRASIL

Grupo Espírito Santo comprou acções do Banco Morgan

O Morgan Guaranty Trust, dos Estados Unidos, vendeu no Brasil as acções do Banco Interatlântico à MAES — Administração, Participações e Consultoria, empresa controlada pelos grupos Monteiro Aranha (brasileiro) e Espírito Santo (português).

A venda da participação do banco norte-americano à empresa dos grupos português e brasileiro rondou os 15 milhões de dólares (2,3 milhões de contos).

A associação entre os grupos Monteiro Aranha — Espírito Santo e o Morgan ocorreu em 1982 mas o banco norte-americano decidiu actuar no Brasil através de um escritório do Morgan.

O Banco Morgan é o segundo maior credor do Brasil, ao qual já

emprestou 2 mil milhões de dólares.

O Inter-Atlântico foi fundado no Brasil há uma dezena de anos e dele têm participado, desde o início, os empresários portugueses António e Ricardo Espírito Santo, que desenvolvem também actividades noutras áreas do comércio, indústria e agropecuária.

Capitais britânicos para o Algarve

Soube-se, entretanto, em Lisboa que empresas portuguesas e uma britânica, com capacidade financeira superior a 220 milhões de contos, chegaram a acordo para a formação de um consórcio que vai operar em Portugal.

O primeiro investimento do

grupo está já decidido: trata-se da construção e exploração de um empreendimento turístico na região de Portimão avaliado em 6 milhões de contos.

Denominado «Porto de Lagos», o empreendimento turístico a construir com os capitais portugueses e britânicos destina-se à venda no estrangeiro, particularmente no Reino Unido.

A empresa britânica envolvida é a Taylor Woodrow, a maior construtora do Reino Unido, com interesses nos cinco continentes.

As empresas portuguesas do grupo são a promotora Pulsar, Comércio e Indústria de Construção civil (proprietária do terreno e parceiro investidor no projecto) e a Caixa Económica Açoriana, entidade financeira e que controlará toda a operação bancária.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46\$70	52\$70
ALEMANHA FED. (marco)	76\$45	77\$65
ÁUSTRIA (xelim)	10\$85	11\$05
BÉLGICA (franco)	3\$472	3\$722
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	101\$70	104\$20
(notas de 5 a 1000)	102\$20	104\$70
DINAMARCA (coroa)	20\$15	20\$55
ESPAÑA (peseta)	1\$053	1\$173
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139\$30	142\$80
(notas de 5 a 1000)	139\$80	143\$30
FINLÂNDIA (marka)	30\$50	31\$10
FRANÇA (franco)	22\$85	23\$55
HOLANDA (florim)	67\$85	68\$95
IRLÂNDIA (libra)	204\$20	208\$20
ITALIA (lira)	\$098	\$113
JAPÃO (iene)	\$873	\$928
NORUEGA (coroa)	19\$65	20\$15
REINO UNIDO (libra)	213\$35	217\$85
SUÉCIA (coroa)	21\$30	21\$80
SUIÇA (franco)	91\$25	92\$75
VENEZUELA (bolívar)	5\$85	6\$85

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



A cunhada da Presidente Corazon Aquino, Cristian King, Coretta Scott King e o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, dando as mãos durante uma cerimônia comemorativa do 58º aniversário de Luther King. Shultz afirmou a propósito dessas comemorações que o exemplo de King «brilha nos cantos mais obscuros da terra».

De sde o início do ano, é proibido fumar nos conselhos de ministros, revelou o ministro espanhol da Agricultura, Alimentação e Pesca, Carlos Romero. O ministro deu a informação durante a reunião do Partido Socialista de Zamora, na qual foi eleito secretário-geral provincial. Durante a reunião, os não fumadores também ganharam a batalha da proibição de fumar. Em Espanha, os não fumadores e organismos do Ministério da Saúde desencadearam uma campanha a favor da aplicação da legislação que já proíbe de fumar em determinados lugares públicos, mas que não era respeitada. Entretanto o tabaco negro espanhol aumentou de preço a partir desta semana em cinco pesetas por maço.



Membros das Forças Armadas filipinas bloqueiam Palácio Malacanang, após rumores de um possível golpe de estado. A imprensa filipina citou fontes que recebiam notícias de desestabilização de Aquino, antes do plebiscito, a realizar a 2 de Fevereiro, situação nacional.

Princípios do marxismo em questão

A maioria do Partido Comunista Italiano (PCI) - 60,5 por cento dos dirigentes intermédios - questiona os princípios fundamentais do marxismo, segundo uma sondagem realizada pelo próprio partido. 62,8 por cento dos dirigentes do PCI já não consideram realista o objectivo de uma sociedade sem classes; 82,6 mostraram-se contrários à abolição da propriedade privada dos meios de produção; e 81,5 por cento afastaram a possibilidade de retribuições iguais para todos. A sondagem foi feita através de um questionário entregue aos delegados do último congresso do partido, realizado em Florença em Fevereiro do ano passado, tendo sido recolhidas 660 respostas, ou seja 60,5 por cento do total dos delegados. 75 por cento dos dirigentes intermédios disseram estar convencidos que as contradições do capitalismo não determinarão necessariamente o seu derrube ou extinção. No PCI, os quadros intermédios não sentem no entanto por Moscovo, nem pelo Exército Vermelho, nem tão pouco pelas estruturas do Partido Comunista soviético. A sondagem acentuou, além disso, diversidades de gerações, pois os delegados que entraram para o PCI depois de 1976 consideram o Socialismo mais como uma referência ideal do que uma necessidade histórica.

População mundial: mais de 5 mil milhões

A população mundial, que em 1974 era de quatro mil milhões, deve ultrapassar os cinco mil milhões a meio de este ano, prevendo-se que atinja os seis mil milhões em 1999, segundo um relatório da ONU agora divulgado. De acordo com os responsáveis da Nações Unidas, «a taxa de crescimento populacional não é surpreendente uma vez que a população mundial levou 14 anos a aumentar de três mil milhões em 1960 a quatro mil milhões em 1974. O relatório acrescenta que este crescimento «representa um crescimento notavelmente rápido do ponto de vista histórico». Para que a população subisse dos dois mil milhões existentes em meados dos anos 20, para três mil milhões em 1960, demorou cerca de 35 anos, tendo levado mais de um século a subir de mil milhões para dois mil milhões. Segundo as últimas previsões das Nações Unidas, a população mundial atingirá os seis mil milhões daqui a 12 anos, excedendo os sete mil milhões onze anos mais tarde, ou seja, no ano 2010.

Ecologistas contra o átomo

As organizações ecológicas italianas estão em pé de guerra, na sequência do anúncio oficial de adiar para 7 de Março a conferência sobre energia atómica que determinará o destino das centrais atómicas do país. Os «ambientalistas», apoiados pelos partidos radical e democrata proletário, criticaram o adiamento da conferência, que durante três dias decorrerá em Veneza, e cuja inauguração estava prevista para 20 deste mês. Os 15 ministros do comité promotor da assembleia, após uma análise de duas horas, acordaram o seu adiamento, aumentando os rumores de uma possível anulação. O Governo de Bettino Craxi propôs a realização da conferência para evitar um referendo popular apoiado por dois milhões de assinaturas de cidadãos e promovido por radicais, democratas proletários, ambientalistas, verdes e Federação da Juventude Comunista. A conferência deverá determinar se o Governo italiano deve ou não assumir uma política energética na qual figure o átomo como fonte alternativa. Em Itália está a funcionar apenas uma grande central atómica de 1000 megawatts, correspondendo a energia eléctrica por ela produzida a 3,7 por cento das necessidades do país, contra 60 por cento da França e 41 da Suíça.

Suspeitos de terem participado no assassinio de Olof Palme

TRÊS EXILADOS CURDOS FORAM HOJE PRESOS EM ESTOCOLMO

Três exilados curdos, ligados ao grupo de guerrilha PKK, foram detidos pela polícia sueca sob suspeita de terem participado no assassinio, em 28 de Fevereiro passado, do primeiro-ministro sueco Olof Palme, anunciou hoje a polícia.

Um porta-voz da polícia disse que os três homens tinham sido detidos depois de terem sido efectuadas investigações sobre aquele grupo curdo, declarado organização terrorista pelo governo sueco em 1984. O PKK (Partido dos Trabalhadores Curdos) luta por um Curdistão independente e tinha ameaçado declarar guerra na Suécia a menos que Palme deixasse de os tratar como terroristas.

«Durante a investigação sobre o assassinio de Olof Palme, suspeitámos de que

certas pessoas participaram na preparação do assassinio», anunciou a polícia numa declaração.

«A fim de confirmar estas suspeitas, detivemos agora um certo número de pessoas que estão a ajudar-nos no nosso inquérito», afirma a declaração.

O chefe da polícia de Estocolmo, Hans Holmer, e o Procurador da República encarregado da investigação, Klaes Zeime, darão ainda hoje uma conferência de imprensa sobre o assunto.

ETA preparava atentado contra a família real

Uma pasta com informações pormenorizadas sobre o rei Juan Carlos e a família real foi encontrada em poder das seis pessoas presas na passada sexta-feira como presumíveis membros do «Comando Espanha» da ETA Militar, informou ontem a revista «Tiempo».

Esta documentação continha, entre outros elementos, os horários de entradas e saídas do rei Juan Carlos no Palácio da Zarzuela, os movimentos da família real, assim como actividades e deslocamentos dos monarcas.

A partir deste dado, a polícia confirmou as suspeitas de que a organização terrorista basca preparava algum tipo de atentado contra o chefe de Estado ou pessoas relacionadas com a família real. Nas vésperas de fim de ano, uma bomba explodiu no hotel Montalto, na estância de ski de Baqueira Beret, nos

Pirinéus de Lerida, a menos de 500 metros da residência que ocupava a família real.

Nas últimas horas foram revelados novos dados sobre o comando e seus planos de acção, assim como a operação que levou à sua desarticulação.

A revista «Tiempo» adiantou a sua publicação em três dias, com uma edição especial dedicada à prisão do «Comando Espanha» e revela a existência da referida pasta sobre a família real. A revista revela também que a prisão do comando evitou o assassinato do vice-almirante Julio Albert Ferrero, director da Escola Naval da Armada.

O jornal «El País» adiantava, por seu lado, que um membro do «Comando Espanha» conseguiu fugir à acção policial na madrugada de sexta-feira.

Eleições na RFA

Sondagem dá vitória à coligação no poder

As últimas sondagens de opinião publicadas na RFA preveem a vitória da coligação governamental chefiada pelo chanceler Helmut Kohl nas eleições do próximo domingo.

Analistas das empresas de sondagens Emnid, Infas e Allensbach, citados pelo jornal «Bild», referem que a coligação de centro-direita formada por cristãos democratas, cristãos sociais e liberais conseguirá 55 por cento dos votos nas eleições gerais do próximo dia 25.

Todavia, o líder social-democrata Johannes Rau afirmou em conferência de imprensa que o seu partido (SPD) está a subir bastante na última fase da campanha eleitoral e acabará por mostrar «que as son-

dagens se enganaram».

O dirigente liberal Helmut Haussman manifestou-se entretanto contrário à publicação de sondagens de opinião nas seis semanas que antecedem as eleições, alegando que estas influenciam o eleitorado e favorecem os grandes partidos, que possuem dinheiro para financiá-las.

Kohl tem vindo a advertir os seus apoiantes para ignorarem as sondagens e disputarem cada voto.

Verdes optimistas

Frente ao desalento dos sociais-democratas da RFA, o pequeno partido «Os Verdes», também na oposição, confia numa repetição dos bons re-



Horas depois do primeiro-ministro assassinado, um ramo de rosas foi deixado no local onde ocorreu o crime.

"Transparência" e calúnias...

Dominique Dhombres

«Le Monde»/«DL»

Nestes últimos tempos, os jornais soviéticos têm sido inundados com «reportagens» e «testemunhos» de todo o género a propósito dos protestos realizados o mês passado no Cazaquistão, mas apesar da abundância pode-se procurar em vão uma descrição sobre o que realmente se passou nos dias 17 e 18 de Dezembro nas ruas de Alma-Ata. Ainda hoje se espera que isso aconteça, nomeadamente no que respeita aos resultados dos confrontos entre os estudantes nacionalistas do Cazaquistão e a polícia.

Tudo indica que foram confrontos mortais. Durante cerca de um mês, nenhum órgão de informação soviético falou em mortos. A «Literatournaia Gazeta» levantou uma ponta do véu, no dia 14 de Janeiro, ao revelar pela primeira vez que um «droujinnik» (jovem voluntário do serviço de ordem), com 28 anos, foi morto pelos manifestantes.

O jornal refere o seu nome: Savitski, o qual parece ser um nome russo, e indica que trabalhava na televisão. O órgão da União dos Escritores acrescenta que «não houve vítimas entre os causadores dos distúrbios».

Entre catorze e cinquenta mortos

A agência France Press, que pode contactar telefonicamente com Alma-Ata poucas horas após os confrontos, soube, contudo, através de uma pessoa encarregada, por um jornal local, de responder a perguntas dos leitores, que houve «vários mortos». Depois, foi o «black out». Repetidos pedidos de jornalistas ocidentais sediados em Moscovo no sentido de se deslocarem ao Cazaquistão foram rejeitados sob pretextos vários. O «mau tempo» não permitia tais deslocamentos, como disseram ao correspondente do «Le Monde». De um modo mais honesto, um responsável soviético reconheceu perante um outro jornalista que se encontra impedido, «devido às circunstâncias», de organizar uma tal viagem.

O número de vítimas divulgado em Moscovo por um diplomata ocidental é de 14 mortos. Nos meios dissidentes da capital, fala-se de 50 mortos. O número verdadeiro situa-se, talvez, entre as duas cifras citadas. Ninguém acredita, contudo, na «Literatournaia Gazeta» com a sua única vítima, ainda por cima das forças de ordem.

É dado como certo o facto de não ter havido uma intervenção por parte do Exército. Os confrontos registaram-se entre milhares de estudantes do Cazaquistão, que empunhavam cartazes escritos na sua língua nacional, e os milicianos do MVSD (Ministério do Interior) apoiados pelos «droujinniki». Tudo começou na praça Brejnev, no centro de Alma-Ata.

A «Literatournaia Gazeta» afirma que os confrontos se prolongaram por «mais de dez horas». Os jovens do Cazaquistão não estavam armados e não houve qualquer disparo que partisse dos manifestantes, conforme conseguimos apurar. Os feridos registados nos hospitais da cidade apresentavam, contudo, ferimentos provocados por balas, segundo uma testemunha da região residente em Moscovo e que recebeu uma carta do seu pai, emfermeiro em Alma-Ata.

A «Literatournaia Gazeta» afirma que a senhora Sabitova, uma professora do Cazaquistão condenada a cinco anos de prisão por ter feito uma bandeira, se encontrava «à frente» dos manifestantes durante a tarde de 17 de Dezembro. Também o senhor Rakhmetov, um responsável local da Juventude Comunista que, segundo o Pravda do Cazaquistão, foi condenado a sete anos de prisão, foi acusado de «incitar os estudantes a perturbarem a ordem pública e a desobedecerem às ordens da milícia».

Processos em série

O cenário começa a ficar mais nítido. Os estudantes do ensino superior e secundário do Cazaquistão desceram espontaneamente às ruas de Alma-Ata, acompanhados por alguns, poucos, professores. A cidade é, na sua maioria, russa. Eles protestavam contra a nomeação, na véspera, de um russo, Kolbina, para a chefia da sua República, substituindo nesse cargo Dinmoukhamed Kounaev, natural do Cazaquistão, e que exercia aquelas funções há cerca de 25 anos. Na realidade, os estudantes manifestavam mais o seu descontentamento em relação a Kolbina, do que a sua fidelidade a Kounaev.

«Os factos confirmam que os acontecimentos não foram espontâneos», escrevia no dia 10 de Janeiro o jornal Komsomolskaia Pravda..., sem referir nenhum facto preciso, mas que apresentava os manifestantes como senhores elementos da juventude «dourada» ligados à Mafia de traficantes locais e, implicitamente, à equipa corrupta do número um demitido, Kounaev.

Notar-se-á o facto do «droujinniki» morto ter um nome russo, enquanto as duas pessoas condenadas se-

rem oriundas do Cazaquistão. Isto tende a confirmar a ideia de um confronto puramente nacionalista entre jovens autônomistas e milicianos e voluntários russos. Rumores que circulam nos meios dissidentes de Moscovo dão conta de várias centenas de detenções e da preparação de processos.

Algumas constatações permitem, por outro lado, pôr em dúvida a versão retomada por vários media soviéticos, segundo a qual os manifestantes estariam ligados à droga e ao álcool. Um estudante africano inscrito na Universidade de Alma-Ata afirmou que nos últimos meses é quase impossível encontrar bebidas alcoólicas nas lojas da cidade e que os seus preços são excessivamente altos para estudantes. Fumar canhamo indiano faz, como se sabe, parte da tradição da região, pelo menos no que toca aos não-russos, mas os estudantes que pretendem ser mais «modernos» do que os outros habitantes da cidade, teriam vergonha em fumar a mesma coisa que estes...

Parece assim que os boatos segundo os quais camiões cheios de bebidas alcoólicas tinham sido vistos junto da Universidade, instantes antes das manifestações, partiram do KGB. O objectivo desta operação de desinformação não tem nada de misterioso. Trata-se mais uma vez de uma tentativa para desacreditar Dinmoukhamed Kounaev. O KGB sabe do seu ofício, Kounaev não dizia que não aos longos banquetes generosamente regados, como aliás se passava com o seu amigo e protector Brejnev. Estes gostos eram conhecidos no Cazaquistão. Que outra coisa poderia ser mais verosímil do que o facto de se apresentar os apoiantes de Kounaev, furiosos pela sua destituição, até porque ela ameaça o seu pequeno tráfico, esvaziando as suas adegas de modo a despoletar a revolta na Universidade?...

O único problema reside no facto dos acontecimentos não se terem processado deste modo... O poder central reagiu aos confrontos nacionalistas caluniando os seus autores, apresentando-os como «arruaceiros» e «vadios», ligados a uma clique local corrupta. Ao mesmo tempo, reconhece parcialmente a realidade, o que é novidade, uma vez que descreve os manifestantes como jovens «aliciados» por «elementos nacionalistas». Mas, por outro lado, nada foi dito sobre o papel do Islamismo em todo este assunto. É certo que nos últimos tempos existe um pouco mais de «transparência» na URSS. Mas esta esbarra rapidamente com os seus estreitos limites.

24 HORAS

Demissão de ministro em Seul

O ministro sul-coreano do Interior, Kim Chong-Ho, demitiu-se hoje devido à morte de um estudante causada por torturas policiais e, para o substituir, foi já nomeado o antigo general Chung Ho-Yong. Kim disse aos jornalistas que ele e o chefe da polícia nacional decidiram apresentar a sua demissão a fim de assumir a responsabilidade política e moral dos actos de tortura. O presidente sul-coreano, Chun Doo-Hwan, pediu hoje desculpa em público pela morte do jovem estudante, de 21 anos.

Missão de paz

Os ministros dos Negócios Estrangeiros de oito nações latino-americanas, acompanhados pelos chefes das Nações Unidas e da Organização dos Estados Americanos, chegaram ontem à Costa Rica na primeira etapa de uma missão de paz na América Central. A digressão de dois dias a cinco nações tem por objectivo reavivar os esforços do Grupo de Contadora em promover uma resolução negociada dos conflitos na América Central.

Situação no Equador

Quatro dias depois de o presidente equatoriano ter sido libertado por raptos militares, o Congresso controlado pela oposição inicia hoje uma análise ao seu mandato para determinar se ele deverá ou não ser impugnado. Ontem, o presidente Leon Febres Cordero atacou os seus inimigos políticos num discurso proferido na Assembleia que marcou o tom do debate.

Conversações sobre Afeganistão

Altos funcionários norte-americanos e soviéticos encontraram-se ontem separadamente com autoridades paquistanesas para discutir o conflito no Afeganistão. Funcionários da Embaixada dos Estados Unidos na capital paquistanesa disseram que não há planos para um encontro entre os enviados dos governos americano e soviético. Entretanto, prosseguiram os confrontos em várias zonas do Afeganistão apesar das tréguas declaradas a semana passada pelo líder afegão Najibullah e que foram rejeitadas pelos sete principais grupos de guerrilha.



Eleições no Parlamento Europeu

O Parlamento Europeu elege esta semana, em Estrasburgo, o seu presidente, o quarto desde 1979. Neste momento existem dois candidatos principais para aquele cargo, um conservador britânico, sir Henry Plum, e um socialista, o espanhol Enrique Baron Crespo. O radical italiano Marco Pannella e um ecologista belga, Paul Staes, também se apresentaram ao escrutínio.

Direita espanhola

A Coligação Popular formada pela oposição espanhola de direita dissolveu-se ontem quando o Partido Liberal resolveu formar um grupo parlamentar separado. O fim da coligação tripartida iniciou-se logo após a sua derrota eleitoral frente aos socialistas, em Junho passado, quando o Partido Popular Democrático perdeu os seus 21 deputados.

Atentado mata 15 pessoas

Uma bomba relógio explodiu ontem num autocarro apinhado, matando pelo menos 15 pessoas e ferindo várias outras no norte do Paquistão. A polícia não fez prisões relacionadas com o caso. No domingo, uma outra bomba relógio, colocada num autocarro de passageiros, feriu 11 pessoas em Peshawar.

Atlético: mais um "caso" no futebol português

Mais um «caso» entre a fertilidade de problemas que enrolam o futebol português: o Atlético foi punido com duas derrotas e uma multa no valor de 7500 escudos por alegada inscrição irregular do jogador Franque. as o clube da Tapadinha não aceita de bom grado esse castigo, emitido pelo Conselho de Disciplina federativa, e vai recorrer ao Conselho de Justiça. Entretanto, pareciam estar beneficiados os clubes que actuaram perante os alcantarenses quando estes apresentaram Franque: respectivamente Barreirense e Lusitânia (segundo indicação da FPF). Todavia, surge também o Esperança de Lagos a protestar: Franque teria (igualmente) alinhado irregularmente no embate com os algarvios, o que obrigaria a turma lisboeta a perder mais pontos, ainda que sem qualquer culpa (no entender dos seus dirigentes) porque Franque foi autorizado a jogar pela própria Federação.

Francisco Silva já pode arbitrar os "leões"

Francisco Silva, o juiz algarvio que é primo de Marinho (treinador interino do Sporting), declarou ao Conselho Nacional de Arbitragem que, com a saída de Manuel José, de Alvalade, torna a ficar disponível para dirigir jogos em que actue o «team» leonino. Estava voluntariamente afastado dessa função.

Famalicão: baixa directiva

Por razões de natureza pessoal e do foro íntimo, Virgílio Costa, presidente do Famalicão, demitiu-se do cargo, passando o lugar para o vice-presidente Fernando Costa.

Cacém: o seu a seu dono

Um lapso levou-nos a escrever, nas edições de ontem do nosso jornal, que fora o Santiago de Cacém que a «Força do Sporting» da Covilhã a jogo de desempate para a «Taça de Portugal», em futebol. A verdade é que se trata do Atlético do Cacém, turma treinada por Vítor Móia que, no estádio serrano, fará o teste decisivo para saltar até outra eliminatória taceira. Nesse jogo (a 11 de Fevereiro) lá estará o Atlético do Cacém, concorrente na série E da 3.ª divisão futebolística.

"Mundial" de futebol

levou moçambicano à BBC

«Estou a divertir-me imenso apesar de estranhar a mudança de clima», declarou Ussemane Omar durante a visita que efectuou recentemente aos Serviços de Língua Portuguesa da BBC em Londres. Ussemane Omar, residente em Maputo — Moçambique, ganhou uma semana de estadia em Londres como 1.º prémio do Concurso «Mundial-86» organizado por aqueles serviços da BBC e viajou com a colaboração da TAP — Air Portugal.

Ussemane Omar, de 28 anos, foi um dos 10 ouvintes que prognosticou correctamente as 3 selecções nacionais melhor classificadas no Campeonato do Mundo de Futebol, tendo sido premiado no sorteio final. Os Serviços de Língua Portuguesa da BBC receberam cerca de 2000 cartas de concorrentes provenientes de 21 países espalhados por 3 continentes.

PROST TREINA NO ESTORIL

O campeão mundial de Fórmula Um, o francês Alain Prost, tem batido o dente no Autódromo do Estoril, enquanto os técnicos trabalham na mecânica do McLaren para os testes que vão decorrer esta semana, em Portugal. Prost não teve (portanto), oportunidade, no primeiro dia de testes, de aproveitar ao máximo o tempo disponível para rodar com o seu bólido no Autódromo, que se encontra ao serviço da escuderia McLaren durante toda esta semana, das 9 às 17 horas.

O piloto tem à sua disposição dois carros onde vai testar as suspensões e «chassis», assim como o motor Tag-Porsche, no que será igualmente o primeiro contacto em pista do novo engenheiro da equipa (Gordon Mur-

ray), com os bólidos. A equipa vai apresentar, na próxima época, o mesmo modelo de 1986, ainda que Murray (ex-Brabham), possa refrescá-lo para uma maior competitividade. Apesar da escuderia não tencionar efectuar grandes alterações técnicas no carro, haverá sempre algumas modificações, afirmam responsáveis técnicos da equipa. Uma das possíveis diferenças podem vir a ter lugar no turbocompressor, uma vez que os McLaren tiveram durante a época de 1986 diversos problemas na potência.

A «McLaren» ocupa, no Autódromo, as boxes 10, 11 e 12 e, ao contrário do que aconteceu com a «Williams», tem todos os seus carros à vista. O trabalho dos fotógrafos está proibido pelo

que somente o saltar de algumas «barreiras» permite «caçar» na objectiva os movimentos do campeão mundial e dos técnicos da sua entidade patronal. A equipa irá realizar ainda testes no circuito espanhol de Jerez (16 e 21 de Fevereiro) e no Brasil (23 e 28) antes do início da época, a 12 de Abril, com o Grande Prémio do Brasil, a disputar em Jararepaguá (Rio de Janeiro).

Rali de Portugal

O italiano Massino Biasion e os finlandeses Alen e Kankkunen (que pertencem à Lancia) participam no próximo Rali de Portugal. Para além da Lancia, a prova contará com a presença da Mazda, da Renault, da Volkswagen e da Ford, com os seus pilotos oficiais.

Ténis de mesa tem campeões

António Agrela (Arrudense) e Nuno Pires (Física de Torres Vedras), são campeões lisboetas de ténis de mesa. Classificação final em Seniores: 1.º António Agrela (Arrudense); 2.º Carlos Agrela (Arrudense); 3.º Armando Torres (Benfica); 4.º Jaime Oliveira (Aguia); 5.º Paulo Dionísio (Lisboa); 6.º Vítor Saloio (Lisboa). Estes atletas sobem na próxima temporada à primeira série.

Juniiores: 1.º Nuno Pires (Física); 2.º Mário Jorge (Moscavide); 3.º Pedro Ribeiro (Casa Pia); 4.º Octávio Reis (Moscavide).

Linda-a-Velha: torneio

O Sporting Clube de Linda-a-Velha organizou um torneio de ténis de mesa que contou com a participação de 98 concorrentes de 20 clubes. Classificações: 1.º Luís Gameira (Romeira); 2.º João Oliveira (Romeira); 3.º Jorge Catarino (Romeira); 4.º António Cabral (Damaense); 5.º Arménio Pinto (Damaense); 6.º Luís Caeiro (Romeira); 7.º António Alves (Damaense); 8.º Amílcar Maria (Damaense). Por equipas: 1.º Romeira; 2.º Damaense; 3.º Linda-a-Velha; 4.º Kablake.



Pedro Miguel, ao vencer o «Torneio Aberto do Casa Pia Atlético Clube», reforçou a sua posição no «Ranking Nacional» de tenistas de mesa. O veterano casapiano José Louro, uma das «glórias» do ténis de mesa português, ali homenageado, entregou a Pedro Miguel (aqui ladeado por José Barroso e Paulo Fernandes que se classificaram nas posições imediatas) o troféu conquistado pelo magnífico tenista de mesa do Sporting.

Bibliografia desportiva

Revista «Atletismo»

A edição deste mês da revista «Atletismo» prolonga uma carreira que nos coloca perfeitamente a par do que acontece no mundo, relacionado com uma das mais belas disciplinas desportivas e, indiscutivelmente, a modalidade base de todas as outras.

Os êxitos de atletas portugueses em três continentes e a reportagem de outras S. Silvestre, uma entrevista com António Leitão, a saudosa evocação do malogrado Carlos Capítulo, estatísticas e artigos técnicos abrilhantam esta revista que M. Arons de Carvalho dirige com competência.

Pugilismo em crise

O pugilismo profissional está em risco de acabar em todo o mundo, devido à crise económica nos países que são a base da organização dos grandes combates, anunciou o vice-presidente do Conselho Mundial de Boxe (CMB). Eduardo Lamazon salientou que os países da Europa e da América Central «são os casos mais evidentes» desta crise. «Antes, organizavam-se ali grandes combates de pugilismo, com importantes verbas em jogo: mas, agora não há dinheiro para financiar nada», acrescentou. «Os únicos que podem (ainda) organizar combates para os títulos mundiais são o Japão, Estados Unidos, Tailândia e Coreia: e isto é prejudicial para a modalidade, porque fica reduzida a apenas quatro cenários para os grandes combates», disse ainda Lamazon, dirigente do Conselho desde 1979 e principal assessor do presidente do CMB, Jose Sulaiman.

Sport-Society

«Adidas» Olímpica

A «Adidas» será o fornecedor oficial das equipas americanas presentes nos Jogos Olímpicos. Como fornecedor oficial, competirá à «Adidas» a criação e o fabrico dos equipamentos para os atletas norte-americanos presentes em Calgary e Seoul, em 1988. Equipará também as delegações presentes nos Jogos Pan-Americanos (1987, em Indianápolis) bem como nos Jogos Mundiais Universitários (Inverno e Verão).

A Participação da «Adidas» nos Jogos Olímpicos remonta aos anos 20, quando o fundador da companhia (Adi Dassler) vestiu pela primeira vez atletas. Nas Olimpíadas de Berlim (1936) Jesse Owens ganhou quatro medalhas de ouro com sapatos concebidos por Adi Dassler. Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) atletas envergando equipamentos «Adidas» ganharam 259 medalhas.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

17.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do 2.º e último anúncio.

Execução de sentença n.º 3104-A 2.ª secção.
Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP.
Executado — FÁBRICA DE COFRES DA TRINDADE, LDA., com sede na Rua Nova da Trindade, 13, em Lisboa.
Lisboa, 5 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito
António Correia de Abranches Martins
O Escrivão de Direito
Sérgio Paulo do Nascimento da Silva

D.L. 20/1/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Proc.º n.º 8568-2 2.ª Secção

Por este Tribunal, na execução que a C.ª de Seguros Império K.P. move contra a executada SORRISUL — SOCIEDADE DE REITAS SELECIONADAS DO SUL, LDA, com sede em Pedreiras, Castelo, Comarca de Setúbal, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 6 de Janeiro, de 1987

O Juiz de Direito
Guilherme Augusto da Igreja

O Escrivão de Direito
Manuel Henrique Guerreiro Bonita

(«DL» 20/1/87 — 1.ª Pub.)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LISBOA

10.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio, na execução sumária n.º 11.016 1.ª secção.

Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP.
Executado — GUIMARÃES & GUERREIRO, LDA., Rua Lançarote de Freitas — Sítio de Carca — LAGOS.
Lisboa, 6 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito
Ana Bela Dias Cupertino
A Escrivã Adjunta
Noémia Maria Simões

D.L. 20/1/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 9.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação dos anúncios citando os credores desconhecidos do executado JORGE MANUEL DE FREITAS DANTAS, residente na Travessa de S. Luís, 9-1.º Dt.º, no Funchal, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução de Sentença n.º 10 023-A, movida por COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO EP, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 87-1-8

A Juiz de Direito,
Fernanda Isabel Sousa Pereira
O Escrivão Adjunto,
Nuno Rodrigues Ferreira

D.L. 20/1/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 15.º JUÍZO

ANÚNCIO

EM NOME DA JUSTIÇA, faz-se saber que pela 2.ª Secção deste Juízo e nos autos de Execução Sumária n.º 3804, que a Companhia de Seguros Império move contra MANUEL OLIVEIRA GUIMARÃES, maior, ausente em parte incerta e com última morada conhecida em Volta da Rocha, Azarede, comarca de Montemor-o-Velho, — correm editos de TRINTA DIAS, a contar da segunda publicação do presente anúncio, citando o executado para, no prazo de CINCO DIAS, posterior aos dos editos, pagar à exequente a quantia de 27 536\$50, juros legais e custas da execução, deduzir oposição ou nomear a penhora bens suficientes para o pagamento, sob pena de se devolver à exequente o direito de tal nomeação.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1987.

O Juiz
(a) Flávio do Casal
O Escrivão
(a) Martinho Delca

«D.L.» 20/1/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio. Os bens penhorados são móveis.

Execução de Sentença n.º 1702-B/86 — 3.ª Secção.
Exequentes: COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P. com sede na Rua Garrett, n.º 55 — Lisboa.
Executado: MANUEL RODRIGUES, construtor civil, residente no Bairro Sobredinha, n.º 8 — Mira D'Aire — Porto de Mós.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito
Alípio Duarte Calheiros

O Escrivão Adjunto
José Firmino Coimbra

(«DL» 20/1/87 — 1.ª Pub.)



O nosso convidado Que deseja para 1987?

● Ricardo Tavares («Record»)

«Boa pergunta essa! Ora, o que é que eu desejo para este ano de 87? Parece simples, mas não é. Tenho umas ideias, só que em 20 linhas, por muito bem aproveitadinhas que sejam (eu até nem sou um unhas de fome), não posso apresentar, pelo menos, outros tantos desejos, quanto mais as 100 medidas — reparem que faço as contas por baixo — para o pacote desportivo.

A embulhada é tão grande — chama-me o moreno da Casa Africana — que tenho de contentar-me com a ingestão de, tão-somente, uma passa. E passaria, então, a pedir ao omnipotente Deus e a toda a Santíssima Trindade cá do bairro que mandassem rezar uma oração pelos Saltitos e afins, que, enfim, pusessem uma vela, para ver se não continuamos a ser amaldiçoados.

Se o fizessem — Deus me ouça, Deus me ouça —, já me deixava descansado, já não sentiria um acelerado tic-tac do coração, já poderia, enfim, ter sonhos cor-de-rosa e sonhar com a Mota, a qual, mesmo assim, ainda é uma parte das nossas realidades. E com a realidade de um desporto a sério, que não fosse escolar ou militar, para trabalhadores ou para atletas de alto rendimento, que não servisse uma fila — longa bicha — de bons rapazes que a gente cá sabe, fora aqueles que nos fazem estar de pé atrás, que não deixassem (quantas?) Alexandras Silvas ficarem a meio caminho, entre o início e o limiar do sucesso, mesmo sabendo que, neste nosso Portugal, as contrapartidas que oferecem aos que andam a queimar as pestanas valem tanto como o escudo para o elefante de Sete Rios».

FALA-SE • FALA-SE • FALA-SE



FERNANDO CRUZEIRO: o antigo «internacional» benfiquista é o novo treinador da formação hoquista do Paredo, rendendo Fernando Rosa. Trata-se da 6.ª «chicotada psicológica» verificada durante o campeonato nacional da modalidade em que já fomos campeões mundiais.



AURORA CUNHA: a bicampeã mundial em estrada renuncia à presença no próximo Crosse das Nações. Tenho uma lesão que demora a tratar e não quero comprometer o meu nome numa actuação inferior — declara a atleta do Futebol Clube do Porto.

JOÃO CORDOVIL: o xadrezista que representa o União Paredense não encara passivamente a selecção de António Fernandes e António Antunes para representarem Portugal no torneio zonal europeu. Os meus concorrentes estavam combinados para se apurarem — afirma Cordovil.

Melhores ventos

AMÉLIA DOMINGOS: a bicampeã europeia de vela (classe «Laser») mudou de emblema. Trocou o Clube Naval de Cascais pela Associação Naval de Lisboa. «A doca é abrigada dos ventos e a água menos agitada» — explicou a velejadora, em «O Jogo».

DESPORTO

Amanhã, na Maia

“ESPERANÇAS” DO FUTEBOL EM CONFRONTO COM ESPANHA

A turma futebolística de «esperanças» actua amanhã, às 20 horas, no Estádio Municipal da Maia (arredores do Porto) perante a sua congénere espanhola, em jogo que será dirigido pelo árbitro português José Guedes. Estão seleccionados os seguintes atletas: Fernando Mendes, Litos e Lima (Sporting); Rui Pedro e José Carlos (Benfica); Carlos Xavier e Mito (Académica de Coimbra); Barny (Boavista); Carvalhal (Braga); Silvino (Espinho); Chico Faria (Rio Ave); João Paulo (Marítimo); Mota (Elvas); Rui Barros (Varzim); Filipe (Leixões); Lopes (Guimarães) e Pacheco (Portimonense).

Benfica-Cartaxo amanhã às 17

O encontro de desempate entre o Benfica e o Sport Lisboa e Cartaxo (para a Taça de Portugal) processa-se amanhã, pelas 17 horas, no estádio da água lisboeta.

Outro desempate

Também o encontro Torrense-Anadia (igualmente para desempate na Taça) tem lugar amanhã, pelas 15 horas.

Sorteio uefeiro

O sorteio dos quartos de final da Taça UEFA, no qual está interessado o Vitória de Guimarães, realiza-se na sexta-feira na cidade de Colónia (RFA).

Guina é «azul»

Contrato firmado: o brasileiro Guina transitou dos espanhóis de Múrcia para o Belenenses. Compromisso até final desta temporada já foi assinado.

Mais um brasileiro

O nome é Flávio: jogava no «13 da Campina Grande» a defesa-central, tem 27 anos e embarca esta noite, no Rio de Janeiro, rumo à nova árvore das patacas chamada Portugal. Destino: o Boavista.

Reservas lisboetas

Belenenses e Sporting jogam, amanhã, às 15 horas, no Estádio do Restelo, na segunda jornada do torneio extraordinário de «reservas» da Associação de Futebol de Lisboa. O jogo realiza-se no campo principal do Restelo. Mais jogos da ronda: Torrense - Atlético, às 21, na quinta-feira; Oriental - Estrela da Amadora e Estoril - Sacavenense, às 21.

Juvenis: lisboetas em selecção

A selecção de Lisboa de juvenis vai iniciar a preparação, no dia 24, com os jogadores divididos em dois grupos que compa-

recerão nos Estádios de Pina Manique, às 9 e 30, e do Vitória de Lisboa, às 15.

● **ESTÁDIO PINA MANIQUE:** Duarte Nuno e Rui Cruz (Boa Hora); Simões e Jaime (Futebol Benfica); João Paulo e Carlos Silva (União da Venda Nova); Daniel e Júlio (Casa Pia); Cândido e Luís Cachola (Monte Real); Pedro Baptista e João Pinheiro (GD Costa do Estoril); João Meireles e Rui Rodrigues (CDUL); Paulo Jorge e Mário Coutinho (Cruzeirense); Nuno Carrilho e Carlos Pereira (SMD Caneças); Fernando Rodrigues e Fernando José (RD Algueirão); Edmundo Xisto e Eduardo Martinho (URD Tires); Nuno Afonso e Rui Pinheiro (Santo António dos Cavaleiros) e Levi (GS Cavaleiros).

● **CAMPO DO VITÓRIA:** António Miguel e Paulo Almeida (Camarate); Luís Anacleto e Luís Durães (SC Sanjoanense); Luís Miguel e Rui Teixeira (SL Olivais); Paulo Costa, Paulo Baptista e Jorge Santos (UA Povoense); Vítor Alves e Sérgio Costa (GDCT Petrolgal); Adelino Saverda e Paulo Jorge (Juventude Castanheira); Luís Padinha e Paulo Miranda (Alhandra); Carlos Fernandes e Jorge Ferreira (Bucelenses); Carlos Lino e Sobral (GD Chelas) e Joaquim (Casa Pia).

Salão avança

Prossegue a actividade frutuosíssima da Associação de Futebol de Salão de Lisboa. Mais uma etapa (6.ª) do campeonato nacional da 2.ª divisão está cumprida. Resultados na Série A: Cafés Delta «B», 4 - Comunidade Islâmica, 1; Os Falcões, 2 - Belomar, 7; Marpe, 2 - Juventude Vermelha, 0; Centro Rec. Estrelas da Av.ª, 6 - Seamen/Lisgráfica, 1; Alovos e Rui, 6 - Jolip Team, 2.

Série B: Mitsubishi/Univex, 3 - Damaia Ginásio Clube, 4; Costa Azul, 0 - Cafés Delta «A», 1; Centro Pop. Cul. Desporto, 1 - Abelheira, 2; «Correio da Manhã», 3 - Túlipas Futebol Clube, 1 e Atlético da Encarnação, 2 - S.L. Oriental, 2.

TAÇA DE PORTUGAL (entre equipas 3.ª divisão): SAAL, 6 - Freda, 3; Tucha: UA, 2 - Milbar, 1; Canarinhos, 8 - Juventude de S. Jorge, 0; Clérigo, 3 - Auto-Ramos, 4; Gonçalves Fonseca, 0 - Malhas Tiplace, 7; Ases do Alto Pina, 3 - Conticex, 8; Setmar, 1 - «Nova Gente», 8; S. Francisco/Cesarbel, 5 - Os Amigos, 1; Air Fran-

O fio das palavras —

«Gostava que o espírito de intriga fosse banido»

● Dirigente sportinguista Ferreira Canais,

«Sou realista e, principalmente, um homem de desafios»

● Cláudio Garcia, o brasileiro que treina o Farense. «Arbitragem é um cancro» Carlos Silva (secretário-técnico do Belenenses).



Treino das «esperanças» no Bessa



Filipe: contributo leixonense para as «esperanças»



Barny e Rui Barros: futuro à vista

ce, 0 - Edições Publano, 2; As-teca, 3 - Regina Clube, 7; Mobil, 0 - Montejense, 5; Juv. Alcantarense, 2 - Nirvana/Ruobel, 1; Altinho, 5 - Loreto, 1; I.A.T.A., FC - Externato Ergon, V e Auto Escapes do Areiro, 2 - Alfa Bar Clube, 1.

Equipa isenta: Comp.ª Seguros Bonança

Publicitários em acção

Avança o 2.º Torneio dos Publicitários de Futebol de Salão,

concluindo-se a jornada que proporcionou os seguintes desfechos na **Série A:** RTC-A, 10 - Publirama, 0; «Correio da Manhã», 7 - Antena 1, 0; Sistema A, 0 - T. Protásio, 9; Parodiantes de Lisboa, 2 - TV-Guia, 1; e J. Walter Thomson, 3 - Grafidec, 1. **Série B:** Mccann/Hora, 5 - FCB, 3; Agência Átila, 1 - RTC-B, 2; Antena Publicidade, 8 - Sistema-B, 0; Faz de Conta, 4 - Int. Espiral, 1. Jogo a efectuar em data a combinar: Antena 1 Inf. - Rádio Renascença.



MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL

N.º 3/87

Obras preconizadas nos termos do auto de vistoria e de beneficiação geral

Faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, as Sr.ªs D. Raquel Maria Ornelas Pinto Ferrão Paixão Pires, Ana Maria Ornelas Pinto Ferrão e Maria Antonieta Mendes Costa Ornelas Pinto Ferrão com residência na Rua de Macau, Bloco Central — 8.º-Esq.º, Bairro Norton de Matos, Coimbra, mas presentemente ausentes em parte incerta, na qualidade de co-proprietárias, do prédio situado na Rua Azedo Gneco, n.º 17/19 a executar obras de reparação e beneficiação geral no referido imóvel e as obras preconizadas no auto da Comissão de Vistorias de 12 de Setembro de 1985.

As obras deverão ser iniciadas no prazo de 8 dias findo o dos éditos e concluídas nos 30 dias seguintes.

NOTA I — Para a realização das obras intimadas deverá ser levantada uma licença nas condições 1.ª (obras) — à 3.ª, 11.ª e 15.ª, que será passada pelo prazo de 30 dias e que se encontrará a pagamento durante 3 dias a contar do 5.º dia da data da intimação na Repartição de Impostos e Licenças desta Câmara Municipal, devendo juntar um termo de responsabilidade no prazo de 2 dias.

NOTA II — O auto de vistoria faz parte do processo 1 459/1/84 e encontra-se à disposição do intimado, para efeitos de consulta, na respectiva Zona dos Serviços de Fiscalização de Obras e pelo prazo de 30 dias, Rua 1.º de Dezembro, 120.

Paços do Concelho de Lisboa, em 12 de Janeiro de 1987

Por delegação do
Presidente da Câmara Municipal

O Vereador
— Vasco Franco —

NOS BASTIDORES DE HOLLYWOOD (4)

DURANTE toda aquela quente noite de Julho, saía um som de soluços da mansão de estilo espanhol, por detrás da vedação de arame electrificado.

O dia em que Ingrid perdeu a filha

UMA rapariga de 13 anos, filha de uma das estrelas mais brilhantes de Hollywood, tinha sido vítima de uma campanha cruel, talvez uma das mais sujas da história insensível da cidade do cinema.

Naquela tarde de Verão de 1951, os títulos dos jornais haviam gritado «Pia não ama a mãe...», quando Pia Lindstrom, filha de Ingrid Bergman, foi levada, confusa e a chorar, de um tribunal de divórcios, depois de ter sido confundida com perguntas durante duas horas, pelos advogados do pai.

«Gostas da tua mãe...? Queres vê-la? Queres ser afastada do teu pai?» As perguntas soavam constantemente no tribunal.

Aterrorizada e trémula, a rapariga tropeçava nas respostas. «Não quero ir para Itália. Amo o meu pai. Gosto da minha mãe, mas não a amo...» Depois, foi-se abaixo e foi levada apressadamente do tribunal, a soluçar.

Mulher perdida

O mal estava feito. Ingrid Bergman, a estrela que durante tanto tempo, tinha parecido demasiado boa para ser real, tinha perdido tudo o que possuía... o casamento, a carreira, a reputação e, finalmente, a filha.

Apenas 10 anos depois de ter vindo para Hollywood como a nova Garbo, Bergman tornou-se a única estrela feminina, cujos filmes eram automaticamente apoiados pelos bancos americanos.

Os seus filmes, entre eles **Casablanca**, **Spellbound** e **Notorious**, tornaram-se clássicos do cinema.

Agora, era a mulher perdida de Hollywood e os amigos e inimigos voltaram-se furiosamente contra ela. O romance com o rebelde realizador italiano, Roberto Rossellini, foi parangona mundial.

Ingrid estava grávida, não envergonhada e aparentemente feliz com o seu novo amante. O ódio de Hollywood não conhecia limites.

Foi em 1949, que Bergman, profundamente impressionada com o filme de Rossellini, **Open City**, lhe escreveu a pedir que a dirigisse num filme.

Em lágrimas

Dentro de semanas, ele tinha deixado a mulher, Marcella De Marchis, e Bergman o marido, dr. Peter Lindstrom. O casal voou para Itália, onde Rossellini deveria fazer um filme com Bergman, **Stromboli**.

O efeito em Pia, apenas com 13 anos, abandonada na enorme mansão

em Hollywood, foi desastroso. «Os jornais foram inclementes. Tudo o que ouvi, era aterrorizador», recorda Pia.

«Dizia-se que a minha mãe não se importava comigo, o que não era verdade. Era suposto eu tomar partidos e quando fui para o tribunal, disseram-me para afirmar que era muito feliz com o meu pai e que o amava mais que à minha mãe.

Não tinha idade suficiente para saber o que queria e os advogados impuseram-me muitas ideias. Estava completamente confusa. A minha mãe estava em Itália com Roberto e eu podia perder o meu pai. Então, o que seria de mim?»

A custódia de Pia foi concedida ao dr. Lindstrom, depois de uma dura disputa em tribunal, na qual Pia rompeu em lágrimas.

«Tropeçava nas respostas, que me haviam incutido dias antes... que não amava a minha mãe e que não queria ir para Itália viver com ela.

Mais filmes

Depois de tudo ter acabado, fui para casa e chorei toda a noite. Não queria perder nenhum dos meus pais e não conseguia compreender, porque razão não ficavam juntos.

Demorei anos para perceber a razão, que tinha levado a minha mãe a agir daquela maneira; estava tão apaixonada, que não podia fazer nada.

Em Itália, Ingrid Bergman continuava a alimentar o fogo do escândalo. Deu à luz duas gémeas, Isabella e Ingrid, e fez mais filmes com Rossellini. Todos foram desastres financeiros.

Nesta altura, o romance estava já a desfazer-se. Rossellini, incansável e imprevisível, não conseguia ficar com a mesma mulher durante muito tempo.

Ao fazer um filme na Índia, envolveu-se com a argumentista, Somali Das Gupta, cuja gravidez levou Nehru a denunciá-lo como «patife».

Regresso triunfal

O casamento com Ingrid Bergman foi anulado e a estrela sueca começou a rivalizar com Garbo. Nunca aparecia em público, se o podia evitar. «As pessoas costumam falar das actrizes que dão tudo por tudo para aparecerem nos jornais. Eu dou tudo para me afastar deles.»

Em Hollywood, alguns amigos com

influências, chefiados por Cary Grant, instigavam os estúdios a acabar com o exílio de Ingrid. Na verdade, a braços com uma falta de superestrelas femininas, os poderosos da indústria cinematográfica começaram a ponderar melhor a questão.

David O. Selznick admitiu: «Temo que o responsável pela sua pública imagem como Santa Ingrid, tenha sido eu. Fizemo-la demasiadamente boa para ser real. Acho que ripostou.»

A própria Ingrid também afirmou: «As pessoas não esperavam que eu tivesse emoções como as outras mulheres. Agora, já sabem que as tenho...»

Em 1959, dois anos depois de ter finalmente deixado Rossellini e 20 anos depois da sua chegada à capital do cinema, Ingrid Bergman voltou a Hollywood em triunfo, com o terceiro marido, Lars Schmidt, para fazer **The Inn of The Sixth Happiness**, pelo qual recebeu 300 000 dólares.

A má-lingua e as meias verdades de uma década anterior foram esquecidas.

Bergman voltara a Hollywood nas suas próprias condições. Uma mulher de 42 anos, alta, bronzada era, segundo a opinião de uma amiga, Ruth Roberts, «muito mais livre do que quando viera a Hollywood pela primeira vez. Possui a segurança interior de uma mulher que vive a vida a 100%».

Ensinada a perdoar

No final desse ano, aconteceu outra reconciliação, pela qual Bergman esperara nervosamente, o que não lhe era vulgar. Foi o encontro com a filha Pia, depois de sete anos de separação.

Pia recorda: «Perguntei-me como nos poderíamos entender, depois de tantos anos. Tínhamo-nos correspondido, mas como poderíamos falar frente a frente?»

Encontraram-se secretamente num hotel em Paris, depois de terem escapado às hordas de fotógrafos, que se encontravam no aeroporto de Orly. Pia recordaria mais tarde: «Disse-lhe que lamentava os mal-entendidos do passado e ela respondeu-me que também os lamentava. Éramos estranhas, mas depois disto ficámos irmãs.

É demasiado difícil ser-se duro com os tempos que passaram. A minha mãe ensinou-me que só quando se tenta entender os outros se pode perdoar.

É por isso que não guarda rancor às pessoas que tentaram destruir-lhe a vida e a carreira. Não concorda com o que lhe fizeram, mas aprendeu a perdoadá-las.»



EM PORTUGAL

	T. 6 h	Mín.	Prec. Às 6 h.
Bragança	-5	-2	0,0 Neblina
V. Castelo	2	1	0,0 Neblina
Vila Real	-1	-1	0,0 Limpo
Porto	6	4	0,0 Limpo
V. do Castelo	-	-	-
Braga	7	6	0,0 Limpo
C. Carroço	8	8	0,0 Limpo
C. Bragança	-	-	-
Vila Real	7	6	0,0 Limpo
Viseu	5	5	0,0 Limpo
Aveiro	6	6	0,0 Limpo
Guarda	4	4	0,0 Limpo
Coimbra	7	6	0,0 Limpo
Penhas Douradas	4	4	0,0 Limpo
Leiria	13	12	0,0 Aguaceiros
Faro	16	15	0,0 Pouco nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

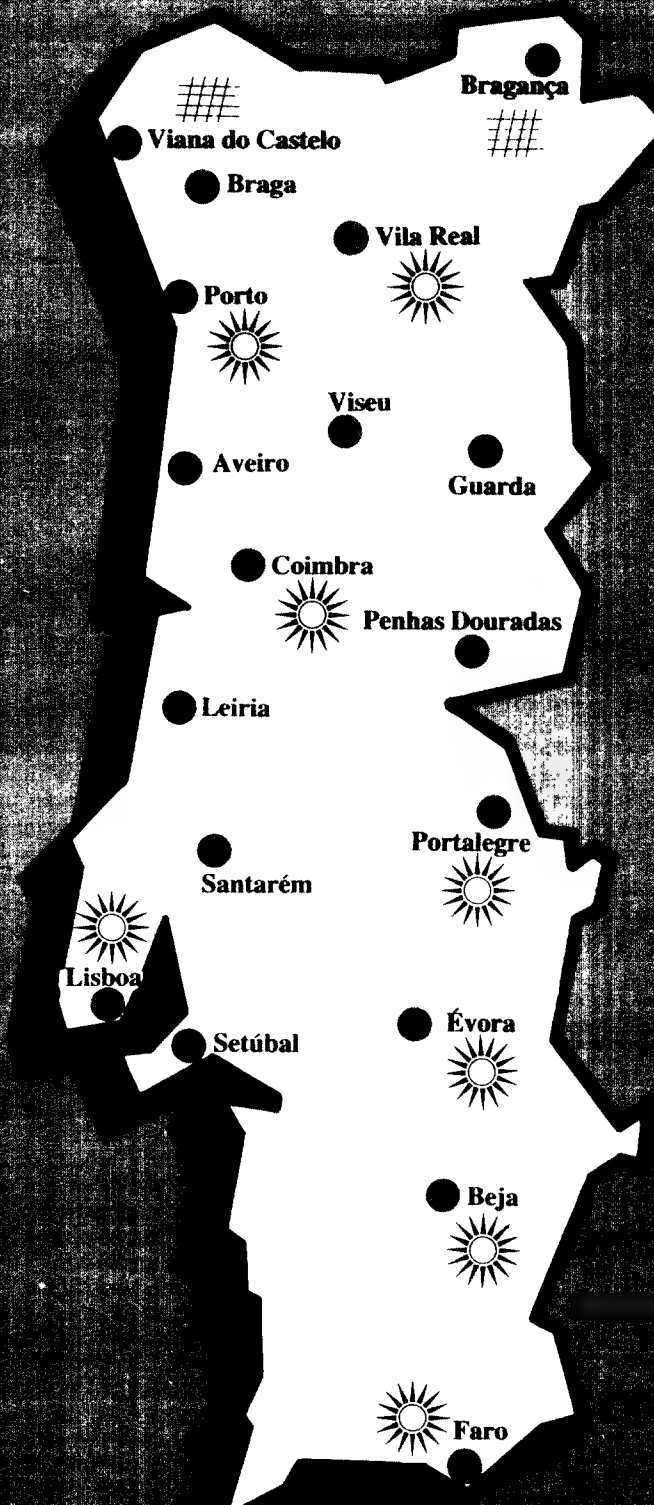
	T. 6 h	Mín.	Às 6 h.
Madrid	-1	-2	Limpo
Lisboa	0	-1	Brumã
Paris	-5	-6	Neblina
Bruxelas	-5	-2	Neblina
Berlim	-4	-6	Neblina
Viena	-4	-4	Neblina
Berna	6	5	Chuva
Oslo	-7	-10	Neve
Estocolmo	-7	-7	Neblina
Leninegrado	-5	-7	Encoberto
Moscovo	-10	-14	Neve
Odessa	-6	-8	Nev. de gelo
Istambul	-15	-16	Limpo
Cairo	11	10	Chuva
Marrakech	-5	-6	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Madrid	16	25	Nublado
Lisboa	17	27	Limpo
Paris	6	17	Limpo
Bruxelas	-16	-11	Neve
Berlim	9	17	Nublado
Viena	-2	2	Nublado
Berna	22	32	Nublado
Oslo	7	16	Limpo
Estocolmo	20	24	Nublado
Leninegrado	2	9	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No continente:
Continuação de tempo frio, com céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de leste. Formação de geada.

Estado do mar:
Costa Ocidental: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de noroeste de um a dois metros.
Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de sueste de um metro.

Nas Açores:
Grupo Central e Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento fresco de noroeste por vezes com rajadas muito frescas. Aguaceiros. Descida de temperatura. **Grupo Oriental:** Céu muito nublado. Vento moderado a fresco de sudoeste rodando para noroeste. Chuva passando a aguaceiros.

Estado do mar: Mar cavado e grosso. Ondulação oeste de três a quatro metros.

Na Madeira:
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sul.

Estado do mar: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de oeste de dois metros.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco a moderado de sueste. Formação de geada.

DEPOIS

Céu pouco nublado. Vento fraco ou moderado de sueste. Neblina matinal no Litoral Oeste. Formação de geada.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
6.03 3,9 m	11.53 1,3 m
18.26 3,6 m	

Amanhã

6.39 3,8 m	00.05 1,4 m
19.05 3,6 m	12.36 1,4 m

Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Climatologia



"MONA LISA"

de Neil Jordan

O cinema britânico continua a fixar no seu frontispício uma singular vontade de ficção, contar histórias com gente lá dentro. Desta feita é uma impropriadíssima história de amor com fundo de inferno, um ex-presidiário que se apaixona por uma prostituta de luxo. Bob Hoskins e Cathy Tyson estão no centro do ecrã, Neil Jordan comanda as operações e a voz de Nat King Cole embala tudo de uma nostalgia que não chega a ser trágica mas apenas sofrida.

No princípio do filme, um homem dirige-se a uma casa com um ramo de flores na mão. Mas, lá de dentro, vem uma mulher que o escorraça. Em breve saberemos que ele acabou de sair da cadeia, que aquela era a sua própria casa, que a mulher que o escorraçara era a sua própria mulher que, em particular, lhe interditava que contactasse com a filha. No princípio do filme há um homem sozinho. Em breve saberemos que ele passara sete anos da cadeia por causa de outro, que está perdido na cidade, que é um homem vulgar com um coração do tamanho do mundo. Arranjam-lhe um emprego: motorista, guarda-costas, acompanhante de uma prostituta de luxo. Ele é baixo, gordo,

boçal; ela é alta, elegante, sofisticada. Ele é branco, ela é negra. Ela começa a dar-lhe um pouco de atenção, ele apaixonou-se. Ela pede-lhe que encontre uma jovem de 15 anos que se prostitui na rua, ele desce aos infernos londrinos e salva a rapariga. No fim descobre-se outra vez só; elas amam-se de um amor que não é platónico, nem filial, nem fraternal...

No princípio do filme há Bob Hoskins, um actor que já se fizera notado em «Cotton Club» e «A Sexta-feira Mais Longa» (um filme a descobrir pelos videómanos pois está editado entre nós e é uma das raríssimas revelações a ter em conta, nesse âmbito).

No princípio do filme há um muito



Bob Hoskins em «Mona Lisa»

evidente artificialismo, um mundo cromático doce (pastel, dourado, com pequenas irrupções de azuis e vermelhos), uma situação de quase comédia, uma ficção insólita.

Não é para levar muito a sério, pensa-se, mas Hoskins continua ali com a evidência das coisas tão óbvias quanto sólidas. De repente o filme começa a deslizar para o realismo, da fábula tran-

sitados para o **bas fond** londrino e a quase documentalidade da fita inicia como que uma crispação no tom da ficção. O espectador indecide-se e é nesse meio tempo, que a solidão daquele homem ganha um peso tocante e insuportável. Em breve saberemos que o destino é mais forte que as máscaras e que rodopia com a cegueira de um maelstrom.

Nada é previsível em «Mona Lisa» e isso é bom. Mas o título enganará quem pensar que se trata da interrogação de uma mulher enigmática. George prescreta Simone mas o filme olha é para George para a sua disfunção social, para o Bem que o habita, para uma moralidade que não sabemos se é cínica ou apenas desarmada. No fim do filme há porém paz. Mas nenhuma ferida se sarou no crepúsculo.

Há já muitos poucos filmes que se abeirem assim de pessoas, gostando delas. Há já muito poucos filmes que olhem o mundo com uma perspectiva ética e não tenham medo de parecer ingénuos. E que gostem dos actores. E que filmem por dentro de personagens com uma complexidade chã. E que tratem as coisas pelos nomes: amor, tris-

teza, ternura, que fazer de gente frágil a quem a vida endureceu?

Por mim gostava que este filme tivesse um grande sucesso. Tê-lo-a? Em breve saberemos...

FICHA:

Título original: Mona Lisa.

Realização: Neil Jordan (GB — 1986)

Argumento: Neil Jordan e David Leland.

Fotografia: Roger Pratt.

Cenários: Jamie Leonard (production designer), Gemma Jackson (art director).

Música: Michael Kamen.

Montagem: Lesley Walker.

Produção: Steve Woolley e Patrick Cassavetti.

Interpretação: Bob Hoskins (George), Cathy Tyson (Simone), Michael Caine (Mortwell), Clarke Peters (Anderson), Kate Hardie (Cathy), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.

Cinemas: Alfa 3, Amoreiras 4 e S. Jorge 3.

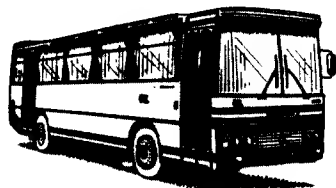
Classificação: Para maiores de 16 anos.

EXPRESSOS RN

LISBOA / BEJA / V. V. FICALHO (FRONTEIRA)

	A	B		A	B
8.00	13.35	18.30	LISBOA	11.40	17.20
8.19	13.54	18.49	ALMADA (Cent Sul)	11.22	17.02
8.49	14.24	19.19 C.	SETÚBAL	P. 10.51	16.31
8.51	14.26	19.21 P.		C. 10.48	16.29
9.58	15.33	20.28	GRÁNDOLA	9.42	15.23
10.38	16.13	21.08	FERR ALENTEJO	9.02	14.43
10.50	16.25	21.20	BERINGEL	8.50	14.31
11.00	16.35	21.30 C.	BEJA	P. 8.39	14.20
11.02	16.37	21.32 P.		C. 8.37	14.18
11.16	16.51	21.46	BALEIZÃO	8.24	14.05
11.32	17.07	22.02	SERPA	8.08	13.49
11.49	17.24	22.19	ALD N S. BENTO	7.51	13.32
12.00	17.34	22.29	V. V. FICALHO	7.40	13.21
12.05			FICALHO (Fronteira)		13.15

OBSERVAÇÕES:
A) - EXCEPTO DOMINGOS E FERIADOS
B) - ÀS 6.ªS FEIRAS - SE 6.ª FEIRA COINCIDIR COM FERIADO, ANTECIPA PARA 5.ª FEIRA
- AOS DOMINGOS - SE 2.ª FEIRA COINCIDIR COM FERIADO TRANSFERE PARA 3.ª FEIRA
- RESTANTES HORÁRIOS EFECTUAM-SE DIARIAMENTE
* - PERMITE LIGAÇÃO DE E PARA SEVILHA
NOTA: PERMITE LIGAÇÕES EM SETÚBAL DE E PARA CACILHAS



RN RODOVIÁRIA NACIONAL



Na partida para o Rio de Janeiro

Rão Kyao grava LP no Brasil

Rão Kyao partiu há dias para o Brasil, onde inicia a gravação do seu novo LP nos Estúdios da Polygram no Rio de Janeiro entre 22 deste mês e 13 de Fevereiro.

A gravação deste novo álbum será concluída posteriormente em Portugal bem como a respectiva mistura.

A produção está a cargo de António Pinho e Rão Kyao contará com a colaboração dos seguintes músicos: **Brasil** — Marcos Resende (teclas), Sivuca

(participação especial em acordeão), Jorge Degas (baixo eléctrico), Marcelo Salazar (percussão), Marçalzinho (percussão) e Rafael «7 Cordas» (viola de 7 cordas); **Portugal** — António Chalhó (guitarra portuguesa) e Aníbal Lima (violino).

Este é mais um passo importante na carreira deste importante artista português, que tem vindo a conquistar no Brasil e na Europa o melhor acolhimento.

LETRA RASGADA

MUNDO E ANTIMUNDO

Ernesto Sampaio

Novalis lamentava a ausência, entre os recursos humanos, de uma fantasia que fosse para a imaginação e o sonho o que a lógica é para a dedução. O poeta pretendia anular o divórcio entre o maravilhoso e o quotidiano para que o mundo se tornasse sonho, e o sonho mundo.

O surrealismo retomou esta aspiração. A procura do «ponto supremo» e o «signo ascendente» são fórmulas de André Breton que visam a reconciliação dos contrários e a ultrapassagem de todas as separações. Em *Os Vasos Comunicantes*, ele insiste no alcance desta aventura, pedindo-nos para «lançar um fio condutor entre os mundos separados da vigília e do sono, das realidades exterior e interior, da razão e da loucura, da calma, do conhecimento e do amor, da vida pela vida e da revolução».

Antes de Breton, Reverdy tinha comparado a imagem à chispa que salta entre dois electrodos separados por uma diferença de potencial, e Max Ernst, falando da pintura, ao «acoplamento de duas realidades aparentemente inacomodáveis num plano que, manifestamente, não lhes convém». A imagem pictural, tal como a poética, faz passar a corrente entre duas realidades dissociadas que só aguardam quem possa encontrar o itinerário que as englobe a ambas e lhes permita comunicar uma com a outra.

Assim, o verbo ou sinal poético instala o homem, não numa desintegração do tipo da que a máquina lhe impõe e onde se arrisca a soçobrar, mas no próprio coração do seu ser. Não lhe oferece miríficas totalidades, mas faz dele plenamente o ser que, no seu grito e na sua pala-

vra, se dirige ao que não é nem nunca será.

Ao mergulhar na noite da insondável ferida humana, o surrealismo, não renunciando embora à felicidade e à luz, retoma um tema do romantismo alemão: o da consciência dolorosa; se se fala de uma ida-de de ouro a reconquistar, é sempre em função da desgraça que se sente ou duma plena alegria que se frustrou. Nada disto, bem entendido, tem a ver com aquilo a que Nietzsche chamou o «ideal chinês», que é o do cidadão embrutecido pelo bem-estar.

De Novalis, o surrealismo herdou uma concepção da linguagem que será reforçada pela descoberta da teoria psicanalítica. Para o poeta alemão, o universo inteiro era uma escrita cifrada. Para Freud, o inconsciente só através da linguagem se pode explorar. Para ambos, a linguagem remete para um além de si própria e do seu conteúdo imediato.

As palavras, hoje, não têm qualquer valor social: cercam-nos a rádio, a televisão, a publicidade, cantigas ineptas, ninharias, banalidades. Só a poesia guarda o segredo da verdadeira linguagem, e só essa linguagem capta o apelo de uma outra vida, à altura de homem. No fundo, surreal e surrealidade são ainda noções literárias, quando aquilo que a poesia evoca são os poderes humanos e a recuperação desses poderes.

Em 1987 vivemos numa civilização nihilista, passiva, que se insinua e difunde por toda a parte. A única luz que ainda brilha, debilmente, sobre os corpos e os espíritos oprimidos, é a da poesia. Os modelos culturais, numa época que se reclama do «individualismo»

(ironia das ironias) correspondem a um esquema abstracto e anónimo, e as pessoas conformam-se, instalam-se nas suas crenças, nos seus hábitos.

Só a poesia pode quebrar este círculo infernal e manter acesa a chama da criatividade e da liberdade humana, demonstrando que a realidade da vida não prevalece sobre a sua verdade. O pensamento de cada homem tem a faculdade de reconhecer em si, de súbito, uma possibilidade vertiginosa que jamais explora: só as palavras mantêm o contacto defeso aos cérebros mortos. Elas, as palavras da poesia, vivem no nosso respirar e no nosso sangue, e chamam-nos para um espaço sem tempo, para uma luz que nos arranca à engrenagem histórica dos acontecimentos e dos homens da vida, esses tristes abortos da moral e do gosto, fantasmas de uma sociedade que, sendo a ficção de si própria, nem por isso é menos terrivelmente eficaz quando perturba o nosso pensamento e lhe falseia os mecanismos reais.

Una e múltipla, mundo e anti-mundo, real e antirreal, tangível e intangível, a poesia não tem duração, nem objectividade, nem estrutura racional. Quer dizer: nela, todos os caminhos estão abertos aos anseios do homem.

A fonte de toda a poesia digna desse nome é a contestação dos limites da condição humana. A poesia e só a poesia revela ao homem o segredo primordial: o que ele é não esgota o que pode ser. Depende do homem tornar possível o que ele não é. Desconhecer a realidade poética, ou subestimá-la, equivale a desconhecer ou subestimar a realidade inteira.



Arcebispo Romero e Dustin Hoffman

Dustin Hoffman protagoniza filme sobre arcebispo Oscar Romero

Dustin Hoffman será o protagonista de um filme sobre o arcebispo salvadorenho Oscar Romero, assassinado em 1980 — afirmou o realizador italiano Gillo Pontecorvo, citado pela agência «Ansa», de Roma.

Pontecorvo disse que o filme, avaliado em sete milhões de dólares e intitulado «O Arcebispo do Diabo», começará a ser rodado, em Maio próximo, na Venezuela, nas Honduras e na Nicarágua.

«Dustin Hoffman é o actor ideal para o papel de Oscar Romero» — comentou Pontecorvo, 67 anos, antes de partir, na semana passada, para os Estados Unidos, onde vai escolher o elenco do filme.

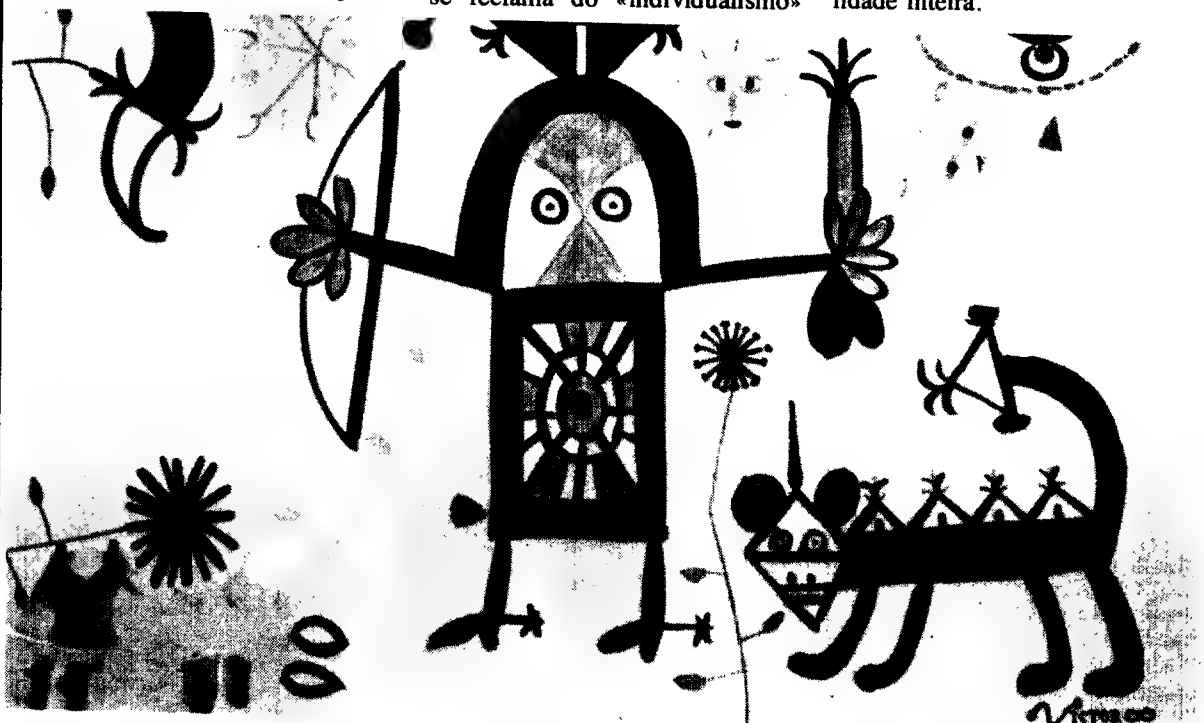
A película relata a história de Oscar Romero, o prelado que inicialmente se opôs aos padres que lutavam contra a ditadura militar em El Salvador mas

que mais tarde se tornou num dos maiores críticos da repressão praticada pelo governo salvadorenho, tendo sido assassinado, em 1980, quando celebrava uma missa.

«Pensei em Dustin Hoffman porque ele tem a fragilidade e a vulnerabilidade necessárias para a personagem, que era sempre tímida e introvertida» — observou o realizador Pontecorvo. «Só no final ele se torna enérgico e decisivo.»

Pontecorvo, que realizou «A Batalha de Argel», salientou que gostaria de rodar o filme em El Salvador, mas as circunstâncias políticas que levaram à morte de Romero tornam isso impossível.

A banda sonora do filme será «A paixão Segundo São João», de Johann Sebastian Bach, segundo escolha de Pontecorvo.



Victor Brauner — O Caçador do Desconhecido, 1949

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVA: 686300

UMA PEÇA SOBRE A
POLÍCIA, JÁ SE SABE QUE
TEM DE SER
ENGRAÇADA!

OS POLÍCIAS

3.º MÊS

Atenção: Só até dia 31 de
Janeiro Impreterivelmente

COM
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria

3.ª a 5.ª - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

2.ª e 4.ª Folia — Descontos de 50% para jovens e sindicalistas. Descontos para grupos.

DIRECÇÃO: HELDER COSTA

«O diabinho da mão furada» estreia em Março no Teatro
Nacional D. Maria II (Sala Experimental)

UMA EXPOSIÇÃO E ALGUNS REENCONTROS

Talvez que a palavra silêncio nunca se tenha tão bem aplicado como a esta pintura. São paisagens dum grande sossego, assim uma espécie de repouso. Sentados à beira do horizonte e com os olhos a passear por tudo quanto é, sentimo-nos fazendo parte de tudo.

Temos que dizer: vale a pena ir ver a pintura de João Hogan

E isto por motivos tão diversos como sejam a grande e contagiante pacificação que dela se desprende, ou a nostalgia (mas nostalgia alegre) que ela tem. Ainda, e também, porque a mensagem, o que Hogan tem a dizer, di-lo com grande profissionalismo. Por isso, o que nos pretende fazer sentir, consegue-o.

Hogan pinta paisagens que não são esta ou aquela paisagem. As paisagens de Hogan não têm sítio: são só paisagens. Olhamos e temos a sensação de conhecer esses sítios e, fazendo esforço na lembrança, de facto nunca estivemos em sítio semelhante. Mas elas são-nos familiares, essas paisagens. É talvez por isso que nos sentimos bem entre estes quadros, quase como entre velhos amigos. É como que, vivendo entre eles, eles nunca nos tenham importunado.

Vale a pena ir à Galeria Ana Isabel reencontrar velhas amizades, paísa-gens que são nossas desde sempre.

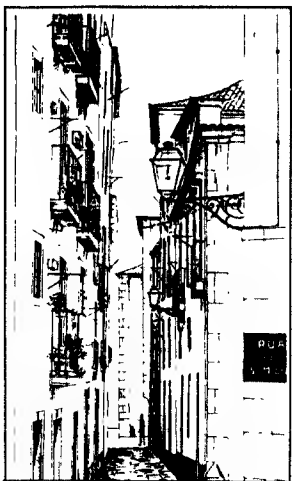
A Galeria fica na R. da Emenda, 111-1ª e está aberta das 14 às 19 horas, da segunda a sábado.



Uma paisagem de João Hogan

EXPOSIÇÕES

- Galeria Fonte Nova - Centro Comercial Fonte Nova na Est. de Benfica, 503 - uma exposição com trabalhos de Alfredo Cruz, patente todos os dias das 10 às 24.
- Na Galeria Cómicos - R. Tenente Raul Cascais, 1-B - a exposição de Amâncio Guedes «Na Invenção dos Templos e Outras Artes». De segunda a sábado das 15 às 20, até 2 de Fevereiro.
- Na Manobra - R. do Século, 154 - exposição de Ana Gonçalves. Tecidos até 17 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 18.
- No Museu Nacional do Teatro, até 15 de Março, Ana Silva e Sousa expõe esculturas com o título «Viagem da Boa Esperança», comemorativa do 5º centenário da viagem de Bartolomeu Dias.
- No Palácio Galveias, «Cem Anos do Monumento dos Restauradores», uma exposição documental e iconográfica. De segunda a sexta das 10 às 18,45, sábados e domingos das 14 às 19.
- Na Galeria de S. Francisco - R. Ivens, 40 - uma colectiva com obras de João Hogan, Gil Teixeira Lopes, António Carmo, Bual, Cargaleiro, Chichorro, Espiga Pinto, e Guilherme Parente. De segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.
- Na Galeria da Livraria Barata - Av. de Roma, 11-A - uma exposição de Manuel Viana (desenhos a pastel sobre suporte de papel). Patente até 15 de Fevereiro das 12 às 23 de segunda a sábado.
- Na Sociedade Boa União - Beco das Cruzes, 9 em Alfama - a exposição «Olhar Lisboa» com desenhos de Albano. Patente de segunda a sexta das 20 às 24, sábados e domingos das 15 às 24.
- Na Galeria Tempo - R. Nova de S. Mamede, 17-A - uma exposição de pintura da autoria do arquitecto, fotógrafo e pintor Costa Martins. Até 4 de Fevereiro de segunda a sábado das 16 às 20.



«Olhar Lisboa» num desenho de Albano

- Na Sociedade de Língua Portuguesa - R. de S. José, 41-2ª - óleos e aguarelas de Preben Boesen de segunda a sexta das 13 às 19,30.
- Na Galeria Quadrum - Corucheus, R. Alberto de Oliveira - pintura recente de José de Carvalho. Até dia 28, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19.
- Na Galeria de Arte do Hotel Alfa, pintura de Zewen Situ. Até 9 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das 16 às 19,30.
- Na Altamira - R. Filipe Folque, 48-A - João Oom expõe pintura até 4 de Fevereiro. De segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 10 às 13.
- Promovida pela Associação Europeia de Professores (secção portuguesa) patrocinada pela Fundação Gulbenkian, patente uma exposição sobre a «Declaração Universal dos Direitos do Homem», com a colaboração de 30 artistas portugueses, entre os quais figuram Júlio Resende, Rocha de Sousa, Isabel Sousa Ribeiro, Carlos Marques, Gil Teixeira Lopes, Luís Demê, Avelino Rocha, Matilde Marçal, Armando Passos, Mário Bismark, Dourdil, Laranjeira Santos Rui Paes, Carlos Carrero, Sobral Centeno, Joaquim Machado, Helena San Payo Domingos Pinho, Manuel Dias e Francisco Laranjo.

- Nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian, exposição antológica de Júlio Pomar, que foi apresentada em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro de Outubro a Dezembro do ano passado. Esta exposição de Júlio Pomar é constituída por 83 peças, entre as quais figuram óleos sobre cartão e sobre tela, acrílicos sobre tela, lápis sobre papel, colagem, pintura acrílica sobre tela, lápis gordo sobre papel, acrílico sobre papel, sobre tela e sobre madeira, cana, plástico, arame, ossos, juta, ludo, plástico e metal, etc.

TEATROS

- Companhia de Teatro de Almada - Grupo de Campolide está em Lisboa, desde hoje até sexta-feira, na sala do Sindicato do Comércio - R. Almirante Barroso, 3, com as peças «O Cavaleiro e o Dragão» (para crianças), «George Dandin» e «A Queda de um Anjo».
- Na Comuna, «Victor ou as Crianças no Poder», de Roger Vitrac. Encenação de João Mota, com Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Carmen Mendes e Cecília Sousa, entre outros.
- Teatro da Trindade: a Cornucópia tem em cena «A Mulher do Campo» de William Wycherley. Encenação de Luís Miguel Cintra, com Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria.
- Na Barraca - R. Alexandre Herculano, 70, de terça a sábado às 21,30, sábados e domingos às 16, a peça de Mrozeck «Os Polícias», encenação de Helder Costa, com António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.
- No Nacional D. Maria II, «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu) com encenação de Carlos Avilez

- e interpretação de Rui de Carvalho, Igor Sampaio, Fernanda Borsatti, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maya, António Anjos e José João Duarte.
- No Centro de Arte Moderna (sala polivalente) da Gulbenkian, «Amor de D. Perlimplim com Belisa no seu Jardim» de Garcia Lorca.
- No teatro do Século - R. do Século, 41 - a comédia musical «Drácula Júnior», original de Fernando Gomes com música de Zé Carrapa e Sérgio António, com Maria Vieira, Fernando Gomes, Maruga.



Desenho de Manuel Viana

- No Teatro Variedades, «Aqui Há Fantasma» - uma comédia de Henrique Santana, com Rita Ribeiro, Armando Cortês e Maria Helena Matos
- Teatro Infantil de Lisboa, aos sábados, domingos e feriados: «O Canteiro Vaidoso» de Soledade Martinho da Costa. Encenação de Rui Matos, música de Filipe Trigo.



Na Barraca: «Os Polícias» de serviço até ao fim do mês

- No Teatro Municipal Mirita Casimiro, no Cruzeiro do Estoril, o teatro Experimental de Cascais apresenta «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez e interpretação de João Paulo, Paulo B., Anna Paula, Carlos Freixo, António Marques, Santos Manuel, Fernanda Neves e Luiz Riso, entre outros.

- No Maria Matos, «Isto É Maria Vitória», revista de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Com Eugénio Salvador, Delfina Cruz, Nicholson, Marina Mota e Carlos Cunha. Encenação de Ivone Silva.
- No Teatro ABC, a revista «Lisboa, Tejo e Tudo».

- No Teatro Villaret, «Sapateado» com Florbela Queirós, Manuela Maria e Octávio de Matos.
- No Teatro 1º Acto, em Algés, «Faça uma Cara Inteligente e Depois Volte ao Normal» de Marcos Rey, pelo Grupo Teatro Espaço 2 do TEC.
- No Teatro Ibérico, a peça de Calderon de La Barca «A Vida É Sonho», com encenação de Blanco Gil.

- No Teatro de Bolso de Setúbal - R. Balneário dr. Paula Borba, «O Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente
- O Grupo de Teatro de Carnide tem em cena «Missa Leiga» de Francisco Assis. Aos sábados e domingos às 21,30.

MÚSICA

- Na «Canção de Lisboa» - Av. Duque de Loulé, 51-A - todos os dias a partir das 21 horas, fado e música portuguesa com Deolinda Rodrigues, Pedro Vilar e Victor Manuel.
- Na «Casa da Simone» - Av. Duque de Loulé, 49-B - todos os dias q a partir das 21 hora, a canção portuguesa com Simone de Oliveira, Lenita Gentil e Raul Camacho.
- No Piano Bar do Clube de Empresários, todas as noites de segunda a sábado «Swing e Outras Coisas» com José Manuel Soares acompanhado ao piano por Ricardo Paulino.
- Happenihg - à Estrela - segundas e terças, Mingo; quartas, sextas, sábados e domingos, João Brás de Oliveira; quintas, Lula.

CINEMAS

- Na Cinemateca Portuguesa - R. Barata Salgueiro, 39 - «Ciclo Marginalidade e Justiça»: hoje às 18,30 o filme «Le Petit Soldat» (O Soldado das Sombras) de Jean-Luc Godard, com Michel Subor e Anna Karina. Sessão em colaboração com o Centro de Estudos Judiciários.
- No Forum Picoas (sessões às 19 e 22 horas) «O Síndrome da China» de James Bridges, com Jane Fonda e Jack Lemmon, ciclo três grandes actrizes.
- No Instituto Franco-Português - Av. Luís Bivar, 91 - «Ciclo Cinema do Real» com «Lettre à Freddy Buache» de Jean-Luc Godard e «La Fontaine des Innocentes» de Jean Schmidt. Sessão às 18,30.
- Com início hoje, decorre até quarta-feira na sala dos Bombeiros Voluntários de Torres Vedras, por iniciativa da Câmara Municipal desta cidade, Inatel e Cooperativa de Comunicação e Cultura, o «Ciclo de Cinema Novo Português», Sessões às 21,30 com entrada livre, com os filmes «Cerro maior», «A Estrangeira», «Jogo de Mão», «Crónica dos Bons Malandros» e «Moira Encantada».

Alfas Triplex

— T. 806496

A MISSÃO

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

TOP-GUN — ASES INDOMÁVEIS

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

E.T. — O EXTRA TERRESTRE

(para todos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

HOWARD E O DESTINO DO MUNDO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Avila

— T. 539930

PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

AMÉRICA VIOLENTA

(m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(para todos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Capitolio

— T. 372358

SEXO SELVAGEM

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineblanco

POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O EXECUTOR

(m. 13 anos)

IMPLACÁVEL

(int. m. 13 anos)

24.00 h

Cinebolso

AS APRENDIZAS DO SEXO

(Porno)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Cine Camoes

MULHERES ENAMORADAS

(n/acons. 13 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

OS AMIGOS DE ALEX

(n. acons. m. 18 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

ODIO VELHO

(n/acons. m. 18 anos)

24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 16 anos)

16.00 e 21.45 h

GENTE GIRA N.º 2

(m. 12 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

EMMANUELLE 4

(int. m. 18 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

OS SELVAGENS DA NOITE

(n/acons m. 18 anos)

23.45 h

Condes

— T. 322523

ALLIENS — O REENCONTRO FINAL

(m. 16 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

PRISÃO DE MULHERES

(int men 18 anos)

14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

(m. 12 anos)

14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

DUELO NO DESERTO

(int. 13 anos)

15.30 e 18.30 h

AS MOTOS DIABÓLICAS

(n/acons. m. 18 anos)

21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

À VOLTA DA MEIA-NOITE

(m. 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

AS AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(m. 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

TOP-GUN — ASES INDOMÁVEIS

(m. 12 anos)

14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Pictas

A SÍNDROMA DA CHINA

(n/ac. a m. 13 anos)

19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

PRISÃO DE MULHERES

(m. 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

ALIENS — O RECONTRO FINAL

(m. 16 anos)

14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Imperio

OITO MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER

(m. 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

ALLIENS — O REENCONTRO FINAL

(m. 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

SÓ ENTRE AMIGAS

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

SÓ ENTRE AMIGAS

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A MISSÃO

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)

15, 18 e 21 h

Nimas

— T. 574362

LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

HOLOCAUSTO NUM CAMPO NAZI

(m. 18 anos)

14.30, 16.45 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

A CLÍNICA DO SEXO

A partir das 14 horas

Sessões contínuas

(Int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

BLADE RUNNER

(m. 16 anos)

14, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

MASSACRE NO VALE DOS DINOSAURIOS

(m. 18 anos)

14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

BETTY BLUE — 27.º 2 DE MANHÃ

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

BALBÚRDIA NO LESTE

(m. 16 anos)

23.45 h

À VOLTA DA MEIA NOITE

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19 e 21.30 h

O OFÍCIO DE MATAR

(m. 16 anos)

24 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A MULHER PÚBLICA

(m. 16 anos)

23.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro

— «Assalto ao Parque», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia

— «A Cor Purpura», às 15.00, 18.00 e 21.00 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores

— «O Último Dragão», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby

— «Kalidor, a Lenda do Talismã», às 21.30 (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António

— «Banana Joe», às 17 e 21.30 h (m. 16 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme

— «Quarto com Vista Sobre a Cidade», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «A Missão», c/ Robert de Niro, às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000

— «Louca por Si Professor», às 15.30 e 21.00 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Invasão EUA», às 15.30 e 21.45 h (m. 18 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine

— «Um Vagabundo na Alta Roda», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar

— Sala 1 — «Aliens — O Reencontro Final», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Só Entre Amigos», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford

— «A Difícil Arte de Amar», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia

— «Academia de Doutores», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadaense

— «Momento de Verdade I», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio

— «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano

— Sala 1 — «Howard e o Destino do Mundo», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Absolute Beginners», às 16.15 e 21.45 h (m. 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense

— «Taboo, o Incesto», (porno), às 15 e 21.15 (int. 18 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-tropical

— «A Rapariga do Vestido Cor-de-Rosa», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE

— **AJUDA:** Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALVALADE:** Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 891680); **BAIRRO DO MONTE PEDRAL:** Zena, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BAIXA:** Azevedo Filhos, Rossio, 31 (T. 327478); **BENFICA - CEMI-TÉRIO:** Simões, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES:** Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA:** Santos Silva, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTEFÂNIA:** Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR:** Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **OLIVAIS SUL:** Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA:** Mar-Buc, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Fernandes, MAF (T. 880703); **PARQUE EDUARDO VII:** Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 542312); **BRANDÃO - AMADORA:** Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **CARNAXIDE:** Central de Carnaxide, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS:** Central de Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA:** Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **REFORÇO - ALMIRANTE GAGO COUTINHO:** Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **CAMÕES - SANTA CATARINA:** Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPOLIDE:** Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ENCARNAÇÃO:** Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **PENHA DE FRANÇA:** Dimar, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **RATO:** Manuel Vicente Jesus, L. do Rato, 3-C-D (T. 681947); **RESTELO - À AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS:** Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **ROCHA: Pinheiro,** R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA:** Vitex, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750424). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DA CAPARICA:** Guerreiro, lote 31-I-J, Moínhos (T. 2850727). Até às 19 horas; **COSTA DA CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ:** Feijó, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 1.º horas; **CORROIOS:** Lino, Alfirim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU:** Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL:** Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO:** São Pedro, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Permanente; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Brasil, P. do Brasil, 15 (T. 247881). Permanente; **COSTA:** R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Permanente; **Moreira Martins:** P. Olga Sarmiento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS:** Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Mendes Junqueira, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838); **MURTAL:** Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Permanente; **Romeiro:** Urbanização Casal de São Bas, lote 116 (T. 4949050). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Serra & Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS:** Quimica, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Dumas Brousse, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA:** Misericórdia, Pen-dente, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 213234). Até às 22 horas; **SACAVÉM:** Maria, R. Salvador Allende, lote 2

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Hialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Marganda Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«GALILEU GALILEI», de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Intérpretes: João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«VICTOR — OU AS CRIANÇAS NO PODER», de Roger Vitrac. Encenação de João Mota. Intérpretes: Amélia Videira, Alfredo Gonçalves, Almeno Brises, Carlos Paulo, Carmen Marques, Cecília de Sousa, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10

Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA», de António José da Silva («O Judeu»). Encenação de Carlos Avilez. Com: Rui de Carvalho, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maia, e outros.

Teatro D. Maria II — Sala Experimental

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«ODE MARÍTIMA», de Álvaro Campos. Encenação de Maria Germana Tãnger. Interpretação de João Grosso.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Centro de Arte Moderna

— Sala Polivalente

R. Dr. Nicolau Betencourt — Tel. 73 43 09

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, s. 21. domingo, às 15.00

«AMOR DE D. PERLIMPIM COM BELISA E SEU JARDIM», de Garcia Lorca. Encenação de Nuno Carinhas. Interpretação de Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madureira e Luísa Cruz.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«SAPATEADO», de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva. Intérpretes: Florbela Queiroz, Octávio de Matos, Manuela Maria, Mara Abrantes, Maria Tavares, Magda Cardoso, Luísa Barbosa, Manuela Carlos, Rosa do Canto e Fernanda Oliveira.

Porto — Teatro Experimental

R. do Pinheiro, 4 — Tel. 31 59 94

De 3.ª a SÁBADO, ÀS 16.00

«CATÁSTROFE OU O MUNDO», de Samuel Becket. Encenação de Mário Viegas. Interpretação de Cândido Ferreira, Fernanda Policarpo, José Ferreira, Fernando Sá e Mário Viegas.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20412

De 6.ª a domingo, às 22.00; sábado e domingo, às 15.00

«A MULHER QUE MATOU OS PEIXES», de Clarice Lispector. Encenação de José Caldas. Interpretação de António Fonseca, Teresa Mónica e Raul Maresia.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«OS POLÍCIAS», de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«A VIDA É UM SONHO», de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soro-menho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Intérpretes: Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Brea, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 937

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Opulência.
- Reunir. Utensílio.
- Sacerdotes budistas. Artigo definido (ant).
- Preposição e artigo. Grande beberão (pl. e pop).
- Movera o colo.
- Azáfama. Verseja.
- Prostrar.
- O mesmo que Sara (ant). Cai à cama.
- Cidade do Japão. Cidade da Roménia.
- Antiga capital da Birmânia. Escondida.
- Ilha do mar Jónio. Escala.

VERTICAIS:

- Recinto onde se recebe uma lição. Cabelos brancos.
- Negativa. Produz. Vossa Alteza.
- Viscera dupla. Freguesia do concelho de Carregal do Sal.
- Indignado. Arara. Artigo definido.
- Despovoado.
- Nome antigo da nota musical dó. Rébio (s.q).
- Érbio (s.q). Relata. Prata (s.q).
- Espécie de pano de linho, na Índia. Oculta.
- Carta de jogar. Dançaram o samba.
- Pronome pessoal. Carta geográfica.
- Ventura.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 936

HORIZONTAIS:

- MAIS. VALE.
- Alinhar. SER.
- Tui. EC. QS.
- Ag. Amuada.
- Amon. IE.
- Miami.
- Ganda. Mel.
- Lia. Gorra.
- Léu. Nau.
- Emale. Tré.
- Rosam. Maé.

VERTICAIS:

- Mata. MULHER.
- Alugai. Mo.
- III. Magalas.
- SN. Roma. Ela.
- DE. NINGUÉM.
- Vaca. Din.
- Ar. Minariam.
- QUE.
- Essa. AMANTE.
- DE. Ar.
- Orça. ALGUÉM.

PROVERBIO: Mais vale ser mulher de ninguém, que amante de alguém.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 766

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

HORIZONTAIS:

- Dá mensagens a. Anui.
- De alto preço. Içar.
- Encadeado.
- O mesmo que vasconço. Enganos.
- Clima. Carta de jogar. Pronome reflexo. Isolado.
- Pedaco ou resto de uma vela. Nome de letra (pl).
- Malogrou. Versos.
- O mais. Oceano. Centiare.
- Pequenos barcos de recreio. Estimar.
- Armadiilha para pássaros. Pecado.

VERTICAIS:

- Terminar. Solta lamentos.
- Pisar. Unir.
- Anéis. Tempo do verbo ir. Porco.
- Corrego (prov). Beberão (fig).
- Murmurou. Apelido.
- Nome de letra.
- Nome de fruto.
- Leito de viagem. Observar.
- Prender com elos. Preposição. Nota musical.
- Indícios. Extraem.
- Furiosos. Cure.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 765

HORIZONTAIS:

- Parra. Praça.
- Amas. Sras.
- Tas. Pua. Asi.
- Ar. Gramo. Al.
- Sabão. Antro.
- Ota. DI.
- Saías. Oásis.
- Eras. Saco.
- Rer. Gas. Nas.
- Sari.
- Alito. Assoa.

VERTICAIS:

- Patas. Serra.
- Amara. Arc.
- Ras. Boiarei.
- Ras. Gatas.
- Proas. Gao.
- Sua. Ba.
- 7 Ama.
- 8 Rs. Ondas. SS.
- 9 Ara. Tisanas.
- 10 Casa. Ícaro.
- 11 Asilo. Sósia.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.0: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.22: Autores portugueses, do século XVI aos nossos dias; 16.36: Solos instrumentais, de Olivier Messiaen; 17.00: Integrais; 17.25: Grandes intérpretes; 18.40: Contrates; 20.40: Orquestras de câmara; 21.00: 6.º Festival Bach da Madeira; 22.00: Música de bailado; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: A mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM
15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; 14.00: Focinhos em directo; 15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

13.30: Encontro para dois; 14.00: Meia-tarde; 15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando

«A Família do Lago», «O Rato Rolando» e «O Tunel do Perere»

18.55 - Show Bis

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Palavras Cruzadas

7º Episódio: - João vai a casa de Margarida e diz-lhe que tomou a resolução de se afastar para não magoar o irmão. Lurdes tenta convencer Lucinda a ajudá-la a encontrar a filha mas Lucinda finge que não sabe do assunto e escusa-se, dando-lhe pistas falsas. Lurdes vai à procura da pista que a Lucinda lhe deu e encontra Mina a fazer compras. Marta e Margarida no museu encontram-se com João. Lucinda diz a Miguel que uma amiga anda remexendo no passado e que ela procura nunca seguir esse caminho, pois é sempre um problema grave. Julieta conta, em segredo, a Pompeu o que descobriu sobre Rui. Helena recebe uma carta que a perturba.

20.50 - Portugal Sem Fim

21.45 - Dempsey e Makepeace

11º Episódio: - Um trio heterogéneo formado por James Dempsey, um polícia norte-americano de serviço em Londres, Harriet Makepeace, a detective dos Serviços Secretos Britânicos, e o inflexível chefe Spikings, irão viver mais uma movimentada aventura na capital inglesa.

22.35 - 24 Horas

23.05 - Remate



15.05 - Agora Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

19.05 - Nino Show

20.00 - Notícias

20.05 - 5ª Dimensão

71º Episódio

20.30 - Uma Família às Direitas

46º Episódio

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - CinemaDois

«Um Dia Difícil»: - Jeanne é uma pacata dona de casa francesa que tem um dia-a-dia difícil de equilibrar. O marido, guarda noturno



No 1º canal, às 20.05, o 7º episódio de «Palavras Cruzadas»



No 2º canal, Tam bém às 20.05, «5ª Dimensão»

de um supermercado, anda de mau humor. Um dos filhos está preso. Ela trabalha na limpeza de uma casa de gente rica, além de ter de garantir que as refeições do seu lar estejam prontas a tempo e horas. Não admira que a visita que fez ao palácio de Versalhes ponha a sua imaginação a trabalhar e pareça transfigurar o seu quotidiano.

Realizador: - Rene Allio

Interpretes: - Simone Signoret, Jacques Debary, Olivier Perrier Orane Demazis, Christiane Rorato, entre outros.

23.15 - E de Ler

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando

18.50 - Show Bis

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Vamos Jogar no Totobola

20.15 - Palavras Cruzadas

21.00 - Lotação Esgotada

22.45 - 24 Horas

23.15 - Remate

RTP-2

15.15 - Agora, Escolha!

16.00 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

19.00 - Nino Show

20.00 - Notícias

20.05 - 5ª Dimensão

20.30 - Uma Família às Direitas

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Ópera

24.00 - É de Ler

AOS CONDUTORES
"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passeio."
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

21.45 -
Dempsey e Makepeace

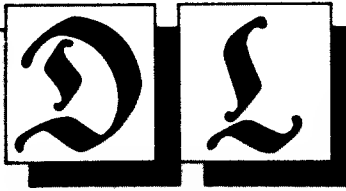
21.30 - CinemaDois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus, 11, 1.ª andar
1495 LISBOA
Tel. 4197570

Palavras Cruzadas



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SOBRADO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Portê 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira 40\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruela Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



Novo director de Meteorologia quer rever estatutos

O secretário de Estado das Vias de Comunicação defendeu ontem a necessidade de revisão do estatuto do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG).

José Falcão e Cunha falava na posse do novo director do INMG, Tomás Espírito Santo.

Para o secretário de Estado, o INMG foi criado em 1976 em substituição do Serviço Meteorológico Nacional, com objectivos muito idênticos aos daquele serviço, «mas com uma estrutura mais pesada, que a experiência tem mostrado não ser mais eficaz».

«O País precisa de um Instituto Meteorológico e Geofísico capaz de responder às exigências de uma política de desenvolvimento global», disse.

Falcão e Cunha enunciou ainda alguns dos pontos em que deve assentar o plano e a estratégia do INMG para que possa assumir «maior responsabilidade na resolução dos problemas que se põem à sociedade moderna».

A minimização dos efeitos das catástrofes naturais, as avaliações das potencialidades agro-ecológicas com vista ao apoio da política agrícola e da gestão dos recursos hídricos, a exploração de novas fontes renováveis de energia e os efeitos ambientais são alguns dos vectores apontados pelo secretário de Estado.

Para Falcão e Cunha a definição do plano e da estratégia do INMG não pode alhear-se da experiência dos países mais desenvolvidos, acrescentando ser «absolutamente indispensável» à colaboração internacional no domínio da meteorologia e geofísica.

Sobre o programa para o INMG, Falcão e Cunha destacou entre outros pontos considerados «prioritários», e revisão da lei orgânica, o desenvolvimento dos estudos de meteorologia e geofísica aplicada e o incremento de acções no campo da investigação e da pesquisa em colaboração com a universidade e institutos especializados.

Falcão e Cunha disse ainda que o Governo vai fazer «tudo, dentro dos condicionamentos orçamentais, para dotar o INMG com os meios técnicos indispensáveis para que possa desempenhar cabalmente a sua missão».

«A nomeação do novo director-geral do INMG é já um passo no sentido de uma nova estratégia e de uma nova dinâmica de acção», concluiu.

Tomás Espírito Santo destacou entre as suas «preocupações» como novo director do INMG, a melhoria da rede de observações, o recrutamento e a formação de pessoal e a promoção da utilização correcta e atempada da informação meteorológica e geofísica.

O novo director do INMG, de 65 anos, nasceu em Vila Real e é licenciado em Ciências Matemáticas e em Ciências Geofísicas, sendo também engenheiro geógrafo pela faculdade de Ciências de Lisboa.

Sabena e SAS estudam fusão

As companhias aéreas belga, Sabena, e escandinava, SAS, estão a estudar a fusão para poder competir com as grandes empresas europeias, quando, a partir de 1992, forem liberalizadas as tarifas dos transportes aéreos afirmou ontem a imprensa belga.

O director da Sabena, Charles Van Rafelghen, confirmou a existência de contactos com vista a uma futura colaboração «para poder fazer face de melhor forma à nova política comunitária de transporte aéreo que deverá iniciar-se em 1992».

Por quatro assaltantes armados

Roubados mil contos num banco da Benedita

A agência do Banco Borges e Irmão, na Benedita, concelho de Alcobaça, foi ontem assaltada por quatro indivíduos que, segundo foi afirmado ao «DL» pela segurança daquela instituição de crédito, levaram cerca de mil contos em dinheiro. Os assaltantes, que abandonaram o local num automóvel «Nissan», de cor azul, actuaram armados com uma caçadeira de canos serrados, duas pistolas-metralhadoras e um revólver.

D/E/C/A/R/A/S/



ELIE WIESEL, galardoado com o Prémio Nobel da Paz em 1986, estará em Lisboa de 17 a 20 de Fevereiro para participar num congresso lusobrasileiro sobre a inquisição, disse à agência Lusa um informador da organização. Wiesel foi convidado por Helena Carvalho dos Santos, da Sociedade de Estudos do Século XVIII, para participar no congresso, que terá uma primeira parte realizada em Lisboa e uma segunda sessão no Brasil. O Presidente da República, contactado pela organização do congresso, patrocinou também a vinda de Wiesel a Portugal, disse o mesmo informador.

ISABELLE ADJANI, actriz francesa, apareceu, domingo à noite, na televisão para mostrar que está viva e com boa saúde, desmentindo rumores de que tinha morrido ou que estava moribunda com Sida. «Não, não estou doente» - garantiu a actriz a um programa da cadeia de televisão francesa TF-1. «Vim aqui para tranquilizar as pessoas, para dizer que as amo e para as aconselhar a não acreditarem em tudo o que



ouvem». Numa entrevista em diferido, o presidente da Sociedade Médica Francesa, Raymond Villay, testemunhou que Isabelle Adjani se encontra de boa saúde.

MANOEL DE OLIVEIRA e Victor Gonçalves vão participar no Festival de Roterão que decorrerá de 30 de Janeiro a 8 de Fevereiro, respectivamente com os filmes «O Meu Caso» e «Uma Rapariga de Verão» - informou o Instituto Português de Cinema. «O Meu Caso» é apresentado na secção «Os Filmes do Ano», que reúne obras marcantes de 1986 e, em particular, as que foram exibidas nos grandes festivais europeus, nomeadamente em Cannes e Veneza.

JOHN LENNON continua a ser uma fonte inesgotável: nas próximas semanas estará à venda em Portugal mais um álbum do falecido ex-Beatle, «Menlove Ave». Mas outras edições discográficas estão previstas ainda para este mês, como os novos álbuns de Grace Jones, «Big Audio Dynamite», Paul Young, Virginia Astley e a banda so-



ra do filme «Paris Texas» (Ry Cooder).

MARIA BARROSO assina hoje num notário de Lisboa a escritura de criação da Fundação Special Olympics, um movimento destinado à promoção e desenvolvimento do desporto para deficientes mentais. O Special Olympics foi fundado nos Estados Unidos em 1968, estando a mulher do Presidente da República empenhada na sua secção portuguesa.

MIKHAIL BARYSHNIKOV, bailarino que fugiu da União Soviética em 1974, foi convidado para dançar no Teatro Bolshoi, em Moscovo, afirmou o seu agente. No entanto, não foi ainda estabelecido qualquer acordo e Baryshnikov está a pensar na oferta, acrescentou o agente Edgar Vincent. O bailarino, actualmente a trabalhar em Nova Iorque, encontrou-se com o director do Bolshoi, Yuri Grigorovich, que lhe disse ter autorização do governo para o convidar a dançar com a companhia do Teatro Bolshoi em Moscovo, referiu a mesma fonte.

ÚLTIMA HORA

Explosões danificaram hoje três grandes pontes na cidade filipina de Iloilo e fizeram tremer edifícios a dois quilómetros de distância, enquanto rumores de um golpe de Estado continuam a circular em Manila, a capital. O chefe do Estado Maior das Forças Armadas filipinas, general Fidel Ramos, responsabilizou rebeldes comunistas pelas explosões em Iloilo, uma cidade portuária 465 quilómetros a sul de Manila. Não se registaram vítimas.

Quer dar as mãos e não guerras

PS ataca gestão

PSD

na Câmara

de Guimarães

«O PSD está extremamente preocupado com eventuais substituições de elementos seus no elenco do executivo camarário vimaranense», disse, ontem, em conferência de Imprensa, António Magalhães, líder vimaranense do Partido Socialista e também deputado à Assembleia da República.

António Magalhães, que também é vereador na Câmara Municipal de Guimarães, sublinhou que a conferência de Imprensa, para além de esclarecer as posições do Partido Socialista face a determinada «campanha», nos últimos tempos, teve o «espírito de «dar as mãos» e não de «alimentar guerras».

Num documento distribuído aos jornalistas, os responsáveis do Partido Socialista de Guimarães reafirmam que o PS já deu, «sem receber nenhuma contrapartida política, todas as condições ao PSD para governar o município».

O documento acentua que «o que PS não pode fazer, quando a colaboração dos seus vereadores não é aceite, é multiplicar o número de vereadores que são, efectivamente, necessários para administrar o município», nem substituir aqueles que, por falta de capacidade e sem experiência de governação, navegam à deriva perante os escolhos da administração do concelho».

Sintetizando a sua ideia, os socialistas vimaranenses destacam: «Estamos disponíveis para contribuir para o progresso de Guimarães — o PSD que diga o que precisa, que assuma a sua política de poder municipal, que o concelho não pde viver nestas indefinições mais três anos».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Não há fumo sem imposto

Afinal, o ano passado fumou-se mais 10 milhões do que estava previsto no Orçamento proposto. A Tabaqueira entregou aos cofres do Estado cerca de 48 milhões de contos de impostos, quando se esperava que a receita fosse de 38 milhões. Mais uma receita subavaliada ou a crise agudiza o vício? O senhor Silva puxou de um cigarro e viu o imposto subir aos céus e cair à média de dois escudos o cigarro no saco no ministério das Finanças.

Este gesto repetido vinte vezes por cada maço, passara despercebido ao senhor Silva. Apesar de sempre atento às distrações dos seus concidadãos para com a presença disfarçada do Estado nos mais pequenos acontecimentos da vida, o senhor Silva esquecera-se por completo deste. Um esquecimento imperdoável.

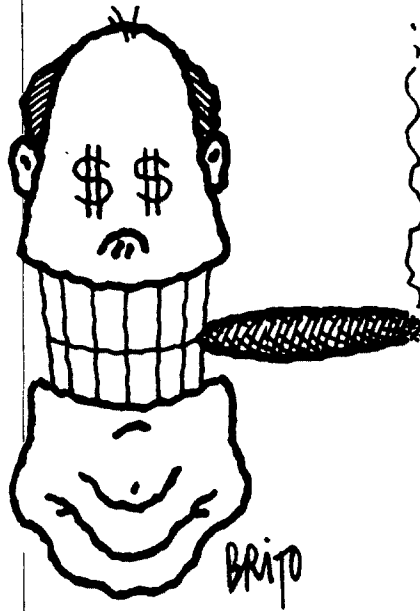
Tabaco cobra

E não é caso para menos. Na proposta de Orçamento de Estado, apresentada em Dezembro passado e no Orçamento aprovado e publicado já neste mês, a receita prevista é de, nada mais nada menos, que 44,3 milhões de contos!

Apesar de já de si subavaliados, e para quem os números redondos, de tão redondos que são, já nada afecta, convirá dizer que representam cerca de 7,9 por cento das receitas dos impostos indirectos e 4,3 por cento das receitas totais de impostos.

Este facto levou o senhor Silva a pensar tratar-se de mais uma medida desestimuladora do consumo anti-tabágico da secretaria de Estado do Ambiente, agora incumbida das tarefas que antes cabiam ao Ministério da Qualidade de Vida já extinto. Contudo, verificou haver um desfazamento substancial entre as receitas cobradas e o orçamento daquele departamento do Ministério do Plano e Administração do território.

Com efeito, ao pelouro do senhor Carlos Pimenta cabe a módica quantia de 2 milhões de contos, claro está sem contar com as despesas comuns ao ministério que orçam pouco mais de 17 milhões, o que ainda fica a quem do cobrado.



Governo é anti-anti-tabágico

Fica provado desta maneira que o Estado a si mesmo chamou a tarefa de redistribuir o rendimento dos fumadores com outros que o poderão ser ou não, ou para iniciativas de que poderão vir a beneficiar ainda os fumadores ou não. Pelo menos, espera-se. O certo é que se desdobrou uma mina.

Resta perguntar, por isso, se ao Estado, e por entreposta pessoa, ao Governo e à Assembleia da República interessa em preender batalhas contra o tabaco, fonte preciosa de receitas que se encontra no quarto lugar dos impostos indirectos, depois dos campeonos IVA, imposto sobre produtos petrolíferos e imposto de selo. Recorde-se que proposta de proibição de fumo no hemiciclo, a maioria dos deputados votou contra.

Apesar das recomendações do Conselho de Prevenção do Tabagismo ao afirmar que 90 por cento dos câncros são provocados pelo fumo e que um quarto dos fumadores morre, em média, 10 a 15 anos mais cedo, não estão previstos conflitos entre o secretário de Estado do Ambiente e o Executivo.

Aliás, a filosofia liberal e quaisquer manuais de Finanças Públicas impede o Governo de tomar medidas drásticas. O raciocínio é «se fuma, paga para ter cancro», e depois talvez se arranjem alguns fundos para colar uns cartazes a mostrar os malefícios do tabaco.

O tabaco vai aumentar

Convém lembrar ainda que os feitos 44,3 milhões de contos representam um aumento da receita sobre tabaco da ordem de 16,5 por cento, comparativamente ao orçamento para 1986. E a proposta do Orçamento apresentada pelo Governo é clara ao afirmar que estando a consumo de tabaco estabilizado, «o acréscimo de receita tem apenas conexão com a evolução dos preços e da carga fiscal».

Neste sentido, foi proposta «uma elevação dos preços até 15 por cento» e o aumento da carga fiscal de 2 por cento (de 51 para 53 por cento) de onde resulta um acréscimo de 6,3 milhões de contos nas receitas globais, relativamente ao proposto o ano passado.

E não é tudo. A Assembleia aprovou, sob proposta do Governo, «a introdução do imposto mínimo sobre cigarros», de acordo com a Directiva comunitária 72/464/CEE que estabelece a fixação daquele valor até 90 por cento da incidência total do imposto do consumo no escalão de preço mais vendido.

Tabaqueira não sabe, mas concorda

Convicto desta realidade, o senhor Silva quis saber afinal quando se verificaria tal fatalidade. Contactada a empresa detentora do monopólio da transformação do tabaco, a Tabaqueira, pela palavra de um dos seus administradores afirmou nada saber.

«Neste momento, a Tabaqueira ainda não tem qualquer orientação quanto a um possível aumento», respondeu Pedro Lencastre, que concordou com o senhor Silva que «o aumento da carga fiscal sobre os cigarros obviamente terá de ser contemplado com a possibilidade de aumento de preços ao público».

Contudo, foi lembrado que «o facto da Assembleia da República ter autorizado um acréscimo, nada diz que o Governo o venha a concretizar». Pedro Lencastre não acredita que grandes oscilações se possam verificar, dado que o acréscimo dos impostos poderia pôr em causa a taxa de inflação esperada pelo Governo.

Tudo chegará a um acordo se as margens do fabricante, a Tabaqueira, forem reduzidas, medida que, apesar de «não pôr em causa a empresa», terá de ser negociada. «Estou certo que se chegará a um acordo fumador-Estado-Tabaqueira», prometeu Pedro Lencastre.

Quanto se paga por maço

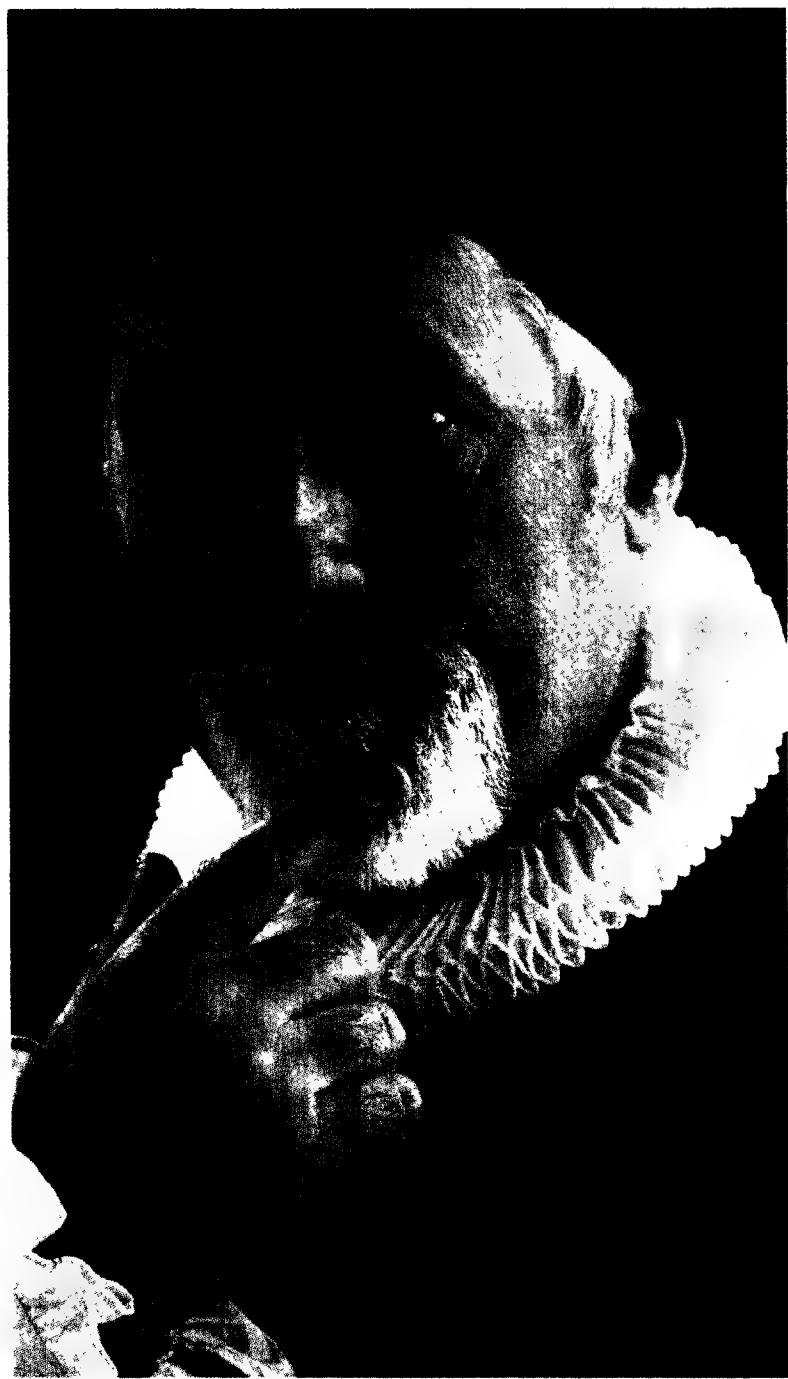
Esta questão levou o senhor Silva a perguntar qual a margem reservada à Tabaqueira. A resposta foi dada em dólares e por mil cigarros, num total de 7,4 dólares, segundo aquele administrador da Tabaqueira abaixo da média europeia que se situa em 13,2 dólares. «O que muito nos orgulha», disse, julgou o senhor Silva, com uma ponta de ironia.

Feitas as contas arredondadas, o senhor Silva verificou que para as receitas crescerem 16,5 por cento, de acordo com os números do Governo, o preço terá de aumentar 14,2 por cento, ainda acrescidos de 2 por cento de carga fiscal. Isto se não se registar uma quebra na margem da Tabaqueira. A contar com o valor actual chega-se ao valor aproximado de 40 escudos de imposto por maço.

O senhor Silva imaginou que, se por cada cigarro, se sentisse as moedas de dez tostões a cair nos cofres do Estado, há muito que a oposição teria deixado de fumar. Talvez as forças sociais que suportam o Governo fumassem para compensar e as da Oposição passassem a abusar do «cravão» dos fumadores militantes que assim pagariam a crise orçamental.

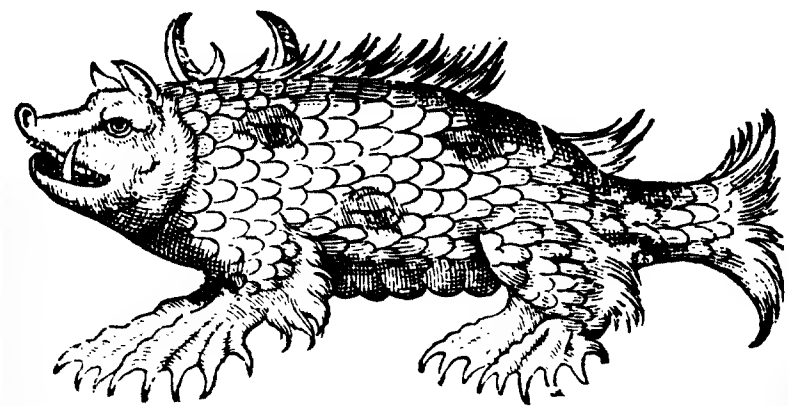
Brincadeira ou não, o certo é que as receitas do Tabaco dão para pagar as despesas do ministério da Administração Interna, do Trabalho ou da Agricultura, Pescas ou Alimentação.

João Almeida



«O Avarento» de Molière entre Planchon e Serrault

Págs. 6 e 7



Monstros Acerca da completude dos seres naturais

Pág. 2

Mensagens Pessoais

Pág. 8



Monstros VI

Chaké Matossian

Completude das formas naturais

A RISTÓTELES considera o mundo vivo, quer dizer, cada uma das suas partes, o menor dos animais, como uma obra de arte, na medida em que manifesta uma **finalidade**. E, do mesmo modo que cada animal, cada vivente do mundo sublunar não participa da obra de arte, não participa da beleza senão através da evidência da finalidades, tudo quanto escape à finalidade é, no mesmo instante, excluído da obra de arte.

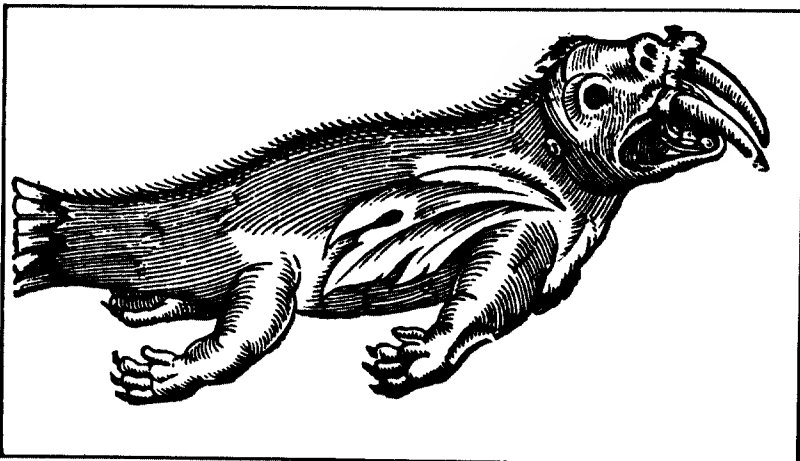
Citamos já a passagem de **Partes dos Animais** onde ele explica que nada, na obra da natureza, pode ser devido ao acaso. Ora, um elemento vivo pode não reflectir a organização da natureza, pode escapar-lhe e ser, portanto; feio. Também existe a fealdade, e a fealdade resulta do acaso.

Se o monstro é filho do acaso, nódoa no pano, falhanço, falhado, não basta no entanto para provar, como querem os mecanistas, «a ausência de finalidade no seio dos fenómenos vitais» (1).

O problema do monstro reenvia simplesmente para um «desfalecimento da finalidade: sabemos que há **processus** teleológico quando uma série de causas e de efeitos acarreta **regularmente** um resultado idêntico que é a forma, ou o fim por que tudo se ordena; quando esse **processus** se mostra inacabado ou perturbado, produz-se um monstro...» (1)

A Natureza cria uma obra, como o artista, por imitação, mas uma imitação que se distingue da cópia, uma imitação que não visa tanto a semelhança quanto a perfeição.

Georges Canguilhem faz notar que «a teoria aristotélica, fixista e ontológica, da monstruosidade», deriva necessa-



Retrato de um «elefante do mar»

riamente de uma concepção da natureza entendida como «hierarquia de formas eternas» (2). No topo da hierarquia aristotélica encontra-se o Primeiro Motor imóvel, seguido do Primeiro Céu e dos corpos celestes.

O mundo sublunar em que se inscreve o ser vivo é um mundo marcado pela mudança, ou, ainda, um mundo corruptível. Assim, vemos que a perfeição consiste em ser **sempre-já** em acto, imóvel e imutável. No mundo sublunar, o mundo do movimento e da corrupção, mais vale ser em acto do que em potência, quer dizer: mais vale ser claramente em acto do que em potência (porque, a respeito do mal, mais vale ser mal em potência do que em acto). Se é indispensável que um ser seja em acto para dar

lugar a um semelhante em potência, isso não impede o texto aristotélico de mostrar que cada ser vivo assinala um certo jogo de acaso que consiste nessa potência, antes do acto, de ser bem ou mal: «aquele de quem se diz que está de boa saúde é idênticamente aquele que também pode estar doente, e tem as duas potências ao mesmo tempo, porque a mesma potência é potência de estar de saúde e de adoecer» (3).

A finalidade da natureza, a obra pintada do mundo sublunar, consistirá na eliminação maximal do acaso, que vem dar ao esmagamento da corruptibilidade ou do movimento, de um movimento que é passagem entre a potência e o acto.

Poder-se-ia dizer que o monstro tres-

temunha o poder da potência que é sempre menos do que o acto; enquanto o normal é a passagem, ao acto, de uma finalidade, uma continuação do Mesmo através de uma cadeia de indivíduos em que apenas a negatividade dos indivíduos reside na multiplicação dos indivíduos, multiplicação necessária à perpetuação, à manutenção, do acto. «Os seres incorruptíveis, escreve Aristóteles, são imitados por seres que estão em contínua mudança, como a Terra e o Fogo, e que estão, eles também, eternamente em acto» (4). Os organismos vivos, como a terra, ou o fogo, são marcados pelo tempo, corruptíveis, mas são-lhe inferiores pelo facto de não estarem eternamente em acto, mantêm-se ainda sob o império da potência, que é uma forma de acaso.

É a negatividade do ser em potência que combate a natureza através da imitação da incorruptibilidade, por meio da finalidade: «a natureza sublunar imita a natureza subsistente dos corpos celestes, do mesmo modo que o movimento circular do Primeiro Céu imita a imobilidade do Primeiro Motor. O ciclo das estações imita o movimento das esferas celestes. A geração circular dos seres vivos imita o retorno eterno das estações» (5).

Pierre Aubenque completa justamente a frase aristotélica «a arte imita a Natureza» por «ela conclui o que a Natureza não conseguiu levar a bom porto», e explica-nos, assim, a noção de imitação aristotélica, que se diferencia da mimesis platónica na medida em que não é uma cópia mas sim uma **compensação** de uma impotência do modelo (a

natureza): «Imitar a natureza, não é duplicá-la inutilmente, mas acudir às suas falhas, concluí-la em direcção a ela própria, não para a humanizar, mas simplesmente para a naturalizar... é usar a contingência contra ela própria para a regularizar, para fazer com que a natureza do mundo sublunar imite, apesar da contingência, a ordem que reina nos céus» (5).

Neste sentido, o ideal do mundo vivo de Aristóteles surge como um mundo autómato, um mundo que imitasse a moção imóvel do Primeiro Motor, um mundo circular, um mundo sem monstros mas também, por consequência, um mundo sem vida.

Em oposição à forma fixa, encontra-se a forma possível, e o possível atesta a potência da vida: «Se temos o mundo vivo por uma tentativa de hierarquização das formas possíveis, não há, em si e a priori, diferença entre uma forma conseguida e uma forma falhada. E também não há formas falhadas propriamente ditas. Nada pode faltar a um ser vivo, se admitirmos que há mil e um modos de viver» (2).

Chaké Matossian

Notas:

- (1) M.-P. Lerner, La notion de finalité chez Aristote, Paris, PUF, 1969.
- (2) Georges Canguilhem, La connaissance de la vie, Paris, Vrin, 1980.
- (3) Aristóteles, *Metafísica*, t. 9, 1051 a, na ed. Vrin, Paris, 1981.
- (4) Ibid., t. 8.
- (5) Pierre Aubenque, Le problème de l'être chez Aristote, Paris, PUF, 1972.

Prisões



SÓCRATES (o filósofo, não o futebolista) informava os seus discípulos — ou condiscípulos, é o mesmo — que quem congeminava as suas ideias não era ele, mas o seu *daimon*.

Esse *demonio interior*, todos o temos. Só que nem sempre se limita a fazer poesia, ou filosofia.

O mais das vezes lixa-nos o juízo. Boicota-nos a felicidade, ou seja, a procura (o desejo) de felicidade. Esse menino, esse senhor, é um autêntico filho da puta, e a senhora sua mãe (é triste mas é assim) não é outro senão... nós.

(Nós mesmos. Pim.)

Lar

Aconteceu recentemente, no Texas. Um homem foi libertado ao fim de vinte anos de prisão. Mal se viu cá fora, dirigiu-se a um armeiro, comprou uma pistola e foi assaltar um banco. Graças a Deus, o assalto falhou: não tanto por mérito de Deus ou do sistema de segurança, mas pelo singelo facto de o nosso cadastrado não ter qualquer intenção de fugir.

Entrevistado pela TV, este texano respondeu que (evidentemente!) o lugar onde se sentia melhor era a prisão: lá tinha um emprego, hábitos, reconhecimento social. Lá construíra a sua vida. Até domesticara uma osga. Cá fora, não era nada. «Prisões de segurança máxima», não é assim que se diz?

Um caso clássico de *derrota desejada*. Casos há também de prisões não desejadas. Felizmente, podemos escapar delas, pelo menos num plano teórico. Porque essas são feitas à medida de todos, logo, à medida de ninguém.

O inimigo zero

Contudo, existem mesmo prisões feitas por medida. Melhor ainda, por encomenda — nossa.

São as que construímos para nós próprios, e são por isso as mais terríveis. Os outros podem não conhecer as nossas capacidades e incapacidades, mas nós conhecemos. Com efeito, somos os únicos carcereiros verdadeiramente qualificados para nos encarcerar.

No livro de George Orwell, 1984, depara-se-nos uma situação paradigmática: o de um sistema que é capaz de descobrir qual o maior medo de um indivíduo. Assim, quando o tiverem de torturar (para que ele denuncie

nomes, etc.), os carrascos sabem logo a melhor maneira de aterrorizar a presa.

O nosso *daimon* conhece os nossos medos por dentro. Como um cônjuge de longa data, sabe onde magoar melhor, é mais íntimo das nossas fraquezas que nós mesmos.

Este eu dentro do nosso eu é o nosso maior inimigo, porque:

- a) não o podemos ver;
- b) não lhe podemos fugir;
- c) não o podemos iludir.

Estamos perdidos, no sentido mais etimológico da palavra (duvido que haja algum), daí que o estado de *depressão* seja tão doloroso: é que se trata da mais perfeita das armadilhas escavadas pelo mais ignóbil dos monstros: aquele que se esconde debaixo da nossa pele.

Fé

O problema das doenças mentais é que, regra geral, só acontecem a pessoas inteligentes. São, pois, dotadas de um mecanismo metadiscursivo de que o paciente se serve com muita habilidade e lucidez.

É sintomático que muitos artistas sejam mentalmente frágeis (que não mentalmente débeis). Estar na corda bamba da insegurança é percorrer o fio da navalha que une, mais do que separa, a realidade à fantasia.

Há uma anedota, em que um alentejano diz: «Este caracol é teimoso que nem um chaparro. Há mais de três quilómetros que me segue.»

No lugar do alentejano, gostaria de colocar Deus. No lugar do caracol, a palavra *homem*.

Coronel Kurtz: «Um caracol, rastejando ao longo de uma navalha. Sangrando, mas nunca se detendo.»

Rui Zink

Arshile Gorki — as raízes arménias de uma arte universal

ANDRÉ BRETON percebeu logo a importância da obra de Gorky para a história da arte do século XX. Deste artista, precursor do surrealismo e do expressionismo abstracto — (a que Bárbara Rose prefere chamar «impressionismo abstracto» ou «intrasubjectivismo») (1) — a Europa não conhece muito.

A Fundação C. Gulbenkian apresentou, em 1984 no CAM e em 1985 no Centre Culturel Portugais de Paris, uma colecção restrita de pinturas e desenhos, um «recolhimento familiar», como diz José-Augusto França no prefácio da edição francesa do catálogo, pertencendo ao sobrinho do artista. O CAM retoma agora uma parte dessa colecção e reduz assim ainda mais o alcance da obra de Gorky. Com efeito, essa exposição não deixa entender a envergadura de Gorky uma vez que não trouxe nenhuma tela de renome (como, por exemplo, «Esponsais II» de 1947 do Whitney Museum of American Art de Nova Iorque). Além disso, não se constata nenhum esforço de «mise en situation», nem de «accrochage», o que deve ser o mínimo exigível de uma exposição. Poderiam ser postos, ao lado dos quadros, textos de Breton a propósito do que chamava «as formas híbridas» de Gorky, poderiam passar, ao mesmo tempo, diapositivos das obras de Miró, Klee, Arp..., bandas sonoras proferindo as «Lettres du Voyant» de Rimbaud, elementos indispensáveis para perceber o contexto cultural no qual se desenvolve a obra de Gorky — (e, indispensáveis para qualquer exposição verdadeira que vise uma reflexão, como é o caso, por exemplo, das exposições do Centre Georges Pompidou em Paris).

Em vez de insistir sobre o papel internacional desempenhado por Gorky, esta exposição limita-se só em revelar uma faceta íntima, familiar que poderia parecer útil e interessante se tivesse permitido esclarecer — e não esquecer — o lugar de Gorky na história da arte mundial. De resto, no catálogo de 84/85, K. Mooradian não deixa de lembrar a influência de Gorky na história da pintura americana e, por conseguinte, da pintura «tout court» do século XX. Não só a exposição não evidencia bem essa influência capital, mas localiza curiosamente o artista agregando-lhe obras de pintores que não têm rigorosamente nada a ver com ele, senão o facto de partilhar uma origem arménia. Imaginem uma exposição de Turner que aca-

baria por quatro quadros de artistas — ingleses — de série B ou C... Pergunta-se qual a relação entre o quadro colorido de um Shart ou os frágeis exercícios metódicos de um Tutundjian, com a arte de Gorky? Quanto a Assadour e Carzou, artistas que não deixam de ter um interesse óbvio, não são as duas telas expostas que darão uma ideia do trabalho que produzem.

A origem arménia de Gorky, como a sua vida privada, explodem nas suas obras mas de uma maneira tal que transcendem qualquer singularidade e nos levam ao limiar da universalidade. H. Rand, que estabelece uma correlação entre a biografia e as obras de Gorky, afirma que «em cada pintura, Gorky revela, em acelerado e de maneira cada vez mais surpreendente, a sua vida através de um sistema de sinais e de emblemas experimentados e cultivados» (2). A vida de Gorky é feita de pena, de dor. Assim, o horror do genocídio dos Arménios ordenado pelo governo turco de 1915, o exílio, a pobreza, os insucessos sentimentais, os incêndios dos «ateliers» colocam o artista sob o signo de Saturno.

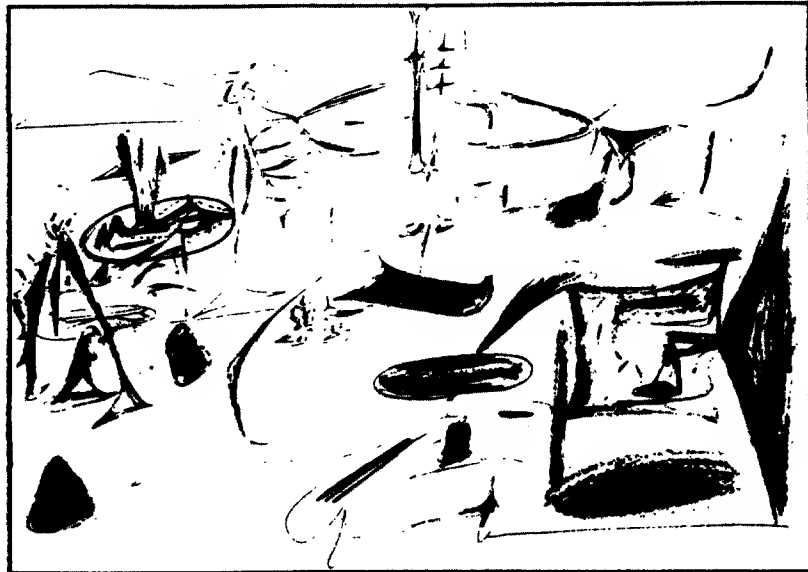
Gorky, que significa azedo, exprime antes de mais a melancolia, e é através dela que atinge o sublime, conferindo à sua obra um carácter universal. Em Gorky, como em qualquer melancólico, a memória encontra-se exacerbada, como o atestam os títulos: «Camaradas de Juventude, I a IV», «Calendário» (1946), «Memória» (1947). O objecto do melancólico é, por essência, inatingível e nada consegue satisfazer a exigência do ideal do melancólico. De Hipócrates a Freud, nota-se que o objecto impossível do melancólico deve ser ligado à incapacidade de encontrar o objecto de amor correspondendo ao ideal. Barbara Rose sublinha que as «formas biomórficas» de Gorky devem ser lidas como órgãos sexuais ou fragmentos de corpo sexualmente conotados (os seios). Aliás, o «Nascimento» de 1943 é exemplar a este respeito, com a sua vela, falus luminoso, partilhando o espaço da folha com um sexo feminino. O ideal surge, na obra de Gorky, como ligado ao sonho, ao sempre perdido que só se pode sonhar. Assim, «O mundo familiar arménio» (1937), «Retorno à natureza» (1942), «Inocência de Aikesdan» (1946), aparecem como a origem inassimilável e necessariamente transposta nos sonhos: «Sonhos de Korkhom



A filósofa (lápis, 27,3X20,9cm)



Retrato do artista (tinta-da-china, 7,6X30,4cm)



Imagens do Vale dos Arménios (lápis e pastel, 48,9X61cm)

na Arménia» (1937-40), «Sonho de Van na Arménia» (1938). Logo, os sonhos, a idealização, vêm-se confrontados com uma perda irremediável: «Agonia de Van» (1945), «Agonia» (1946). Tanto procura o artista encontrar a «Rainha de Vosdan» (1945) que acaba por perder-se na sombra geométrica da «Noite, enigma e nostalgia e pintura» (1936-37) assemelhando a sua «démarche» à do possesso — «os efeitos da melancolia e os do possesso não são sempre muito fáceis de separar» escrevia Michel Foucault (3) — com «As almas do santo sinal do demónio possuidor» (1946).

Gorky desvela as diversas faces da melancolia, não só o seu elo com a arte, o génio solitário, a procura de um ideal sempre perdido que subsiste enquanto forma pura, como ainda o que liga a melancolia ao demoníaco, à superstição, à bruxaria: «a bruxaria é do domínio imediato da melancolia» indica André Chastel (4), ora, Gorky refere-se várias vezes à «Árvore em cruz» (1946) ou ao «Jardim» (1944) que satisfazem os desejos, como para confirmar a relação estabelecida por David Hume entre o temperamento melancólico e a superstição, forma de fraqueza que a esté-

tica permite justamente ultrapassar. Mais do que uma superstição, trata-se em Gorky, de uma crença fundamental nos movimentos e na força da vida, no poder do cosmos das formas Criação e forma são o próprio da pintura, mas relevam também da feminidade, da geometria, da filosofia que, desde sempre, foram associadas à melancolia. Não é por acaso que Gorky representou uma «Mulher filósofa» (1932), na pose típica da melancolia, a mão no queixo («la main à la maisselle»). Ela é como o seu duplo, como o inverso deste auto-retrato melancólico (1941) onde os olhos fixam o afastamento infinito do que nunca pode ser atingido. Teria sem dúvida sido necessário possuir uma dupla face ou um olho panóptico como aquele «olho solitário no pescoço» (1937), afirmação fantasmática de um falus poderoso que alude à impotência real em conseguir qualquer materialização da forma pura: «Alguns meses antes do seu suicídio, Gorky admitiu finalmente que nenhuma forma artística poderia produzir essa integridade que procurou construir» (2).

Chaké Matossian

- (1) Barbara Rosa, *La peinture américaine, XXe siècle*, Skira, 1986.
- (2) Nora Nercessian, «La défaite d'Arshile Gorky», *Critique*, n.º 430, Paris, Minuit, 1983.
- (3) Michel Foucault, «Médecins, juges et sorciers au XVIIe», in *Médecine de France*, 1969.
- (4) André Chastel, *Fables, Formes, Figures*, Flammarion, 1978.

O espectáculo (do)quotidiano

A revista dos anos 90

HÁ qualquer coisa de patético no desejo infrene de estar no futuro. É como se o presente não fosse bastante, como se o quotidiano validasse o seu estado porquanto por uma hipótese de triunfo depois de amanhã. Há quem aposte no século XXI, na década que vem; a modernidade é entendida como uma fuga para a frente. Porque correm? De que escapam?

Porque correm não sei, mas não escapam de coisa nenhuma. Os anos vivem-se um a um, a menos que se tenha no bolso a máquina do tempo de H.G. Wells...

Saíu há pouco da tipografia uma revista que a si própria se apelida «dos anos 90». O avanço não é excessiva-

mente ousado, convenhamos, três anos nem é utopia por aí além. Apesar disso precipitei-me a comprá-la, quem resiste a estar no futuro agora? Olhei para a capa, uma mulher bonita retribuía-me a atenção, de colar pesado e abraço felpudo. Não me prometia nada, olhos verde-baço não fixando nada. O nome escrevia-se em vermelho, na direita baixa, nome de bebida fria, Gin, nome de guerra. Porque a minha guerra é outra, desviei os olhos para a esquerda e soube que, nos anos 90, teríamos «Agustina em primeiro plano», «Reagan — Missão e destino», «Travestis — O outro corpo», «Senghor — Black Ladies», «Sofia nua e vulnerável», «Cocaína — Descida aos infernos» e «Joan Collins — O filme escândalo».

Ah! e José Nuno Martins afirma «Não me interessa esta televisão» mesmo sobre o ombro desnudo da senhora com nome de bebida fria e olhar parado.

Foi mais ou menos nessa altura que me atingiu uma revelação, penosa como uma tonelada de chumbo: os anos 90 são iguais a anteontem, valha-nos Deus! De aqui até lá vamos começar uma lenta regressão. As senhoras do futuro vão achar De Niro e Nicholson «sex symbols», ficamos a saber que o ciclo americano está ligado às grandes conjunções Saturno/Urano, informam-nos que ao encarnar o outro sexo o travesti não se esquece que continua a ser homem: o pénis continua lá, levam-no à conclusão que as mulheres nem se querem feias e gordas nem altas e vaporosas, que

Agustina seria capaz de escrever numa cabina telefónica; há quem vá para a cocaína porque tem falta de diálogo e há quem tenha um emprego na televisão mas não lhe interesse aquela televisão pelo que se supõe que faça uma de duas coisas: ou deixa o emprego ou dá entrevistas em catadupa a ver se a gente se lembra que existe.

Conclui que os anos 90 não me interessam. Estou por isso num dilema: ou adianto o relógio para o século XXII (o XXI parece que também é parecido com o de anteontem...) ou fico, pacatamente a bater nas teclas da máquina de escrever, a inventar quotidianos. Ainda me não decidi.

Jorge Leitão Ramos



RELANCES

Ambiguidade da revolta chinesa

Demissão do secretário-geral do Partido, expulsões em cadeia. O aparelho político chinês começa a ressentir-se da «revolta dos estudantes»

A agitação estudantil parece marcar passo em Pequim neste mês de Janeiro, embora na primeira semana do ano a agência oficial Nova China ainda tenha criticado a Voz da América, cujas emissões em língua chinesa são muito escutadas no país, por ter contrariado os esforços das autoridades que visavam acalmar os manifestantes.

Há um traço saliente que distingue o movimento contestatário que desenvolveu nas últimas semanas, do ano passado, nas universidades chinesas dos precedentes sobressaltos da agitação a favor da democracia na China.

Num mês, nem um só texto reivindicativo substancial saiu dos **campus** universitários e nenhum «agitador» emergiu das fileiras para interpelar o poder em nome dos seus camaradas. Pelo contrário: dir-se-ia que os estudantes chineses aplicaram o seu engenho em privar as autoridades de «bodes expiatórios» e de «provas documentais», elementos que, no passado, facilitaram a entrada em cena dos «órgãos da ditadura do proletariado» — a expressão oficial para designar a polícia, em Pequim.

Quando da Primavera de Pequim» de 1978/1979, muito cedo houve indivíduos que se fizeram notar, quer por intervenções públicas quer por meio de exposições escritas reivindicando de modo elaborado uma democratização do regime. Entre outros, o dissidente Wei Jingsheng cumpre ac-

tualmente uma pena de 15 anos de prisão por ter contestado, na altura, o papel dominante do Partido Comunista e por ter tratado Deng Xiaoping de «déspota» quando este mandou prender um punhado de activistas.

A ausência de «agitadores» é, assim, compreensível: os jovens que se manifestam são aqueles que constituirão as futuras elites chinesas, e são igualmente os filhos dos homens que, sob o impulso de Deng, empreenderam a reorientação do país em direcção ao progresso.

O movimento, com efeito, provém das universidades mais prestigiadas. Que o regime se democratize ou não, estes jovens estão certos — a menos que nova reorientação seja imprimida depois da morte de Deng — de irem ocupar lugares onde o saber que terão adquirido contará mais do que nunca, desde a formação da China Popular. No final de 1986, sentiram-se fortes... mas ainda têm tudo a perder.

Por contraste, os activistas dos anos 70 pertenciam à geração sacrificada no imenso desperdício que foi a Revolução Cultural. Na maior parte dos casos, tra-

tava-se, então, de autodidactas que não ocupavam, no melhor dos casos, mais do que postos subalternos, sem esperança de qualquer promoção social.

A ausência de textos contestatários, mesmo anónimos, não é menos espantosa, num país em que a coisa escrita se reveste de uma importância capital, de um carácter quase mágico. Talvez que essa ausência não seja definitiva. Mas ela testemunha a recordação escaldante que deixou, em 1979, o brusco volta-face das autoridades, que começaram por encorajar a contestação, para depois a reprimir.

Claro que gritar a plenos pulmões, e em plena rua, «slogans» sobre temas como a «democracia» e a «liberdade» — noções vagas, pelo menos à superfície, num país onde as palavras mudam frequentemente de sentido — e cantá-los em alternância com a *Internacional* — apresenta infinitamente menos riscos do que pôr em causa aprofundadamente o papel do Partido Comunista e da gerontocracia, ainda dominante apesar dos esforços de Deng para a substituir.

No entanto, para além das diferenças de estilo, os contestatários chineses na sua versão 1986 disseram exactamente a mesma coisa que Wei Jingsheng no panfleto que o tornou conhecido, e que se chamava *A quinta modernização*: que a modernização económica e técnica pode e deve ser acompanhada por mecanismos de poder muito mais maleáveis, sem os quais estará votada ao fracasso.

O facto novo é que o regime está talvez agora mais disposto a ouvir esse grito, talvez exactamente porque quem o lança são os filhos dos seus quadros.

Decerto, várias questões ligadas aos acontecimentos do último mês de 86 na maioria das grandes cidades chinesas continuam, de momento, sem resposta. Pode-se, em particular, duvidar da espontaneidade das primeiras manifestações. Mas então, a que nível se encontram as reformas que as teriam suscitado?

Estará previsto que o movimento adquirisse uma tal amplitude? Em que pé está o «jogo» que, provavelmente, está a ser jogado nos bastidores do regime?

Por quanto tempo mais pode ainda o regime permitir-se repetir o que fez em Dezembro, deixando os estudantes gozar abertamente com os avisos e com as proibições divulgados pela Imprensa?

À falta de um movimento argumentado, o movimento de protesto trouxe à luz do dia, como raramente aconteceu no passado, a crescente dificuldade do regime em comunicar com a população. Aos estudantes que reclamavam que a imprensa oficial (não existe outra) desse notícia da sua manifestação, o poder não conseguiu responder senão com os clichés que são rigor nestas circunstâncias: «provocações», «manipulações», «atentados contra a estabilidade», ou talvez mesmo sabotagens. Outra novi-

dade na China, esta tática, destinada a assustar o bom povo, parece dar cada vez menos frutos.

Face a esta situação, o silêncio completo dos mais altos dirigentes do país favoreceu um outro fenómeno inabitual nesta burocracia friorenta: houve um abrandamento de críspação por parte de alguns dos seus membros que não hesitam, agora, em mostrar-se, senão entusiastas, pelo menos benevolentes em relação aos estudantes — e talvez sejam os mesmos que, há anos, gritaram que vinham aí os lobos.

Seria esse, afinal, o objectivo da manobra, se manobra houve? Deng e os seus colaboradores, que teriam imaginado este cenário, poderiam então gabar-se de ter inoculado, numa das mais pesadas burocracias do mundo, um elixir de juventude.

As circunstâncias impuseram a Deng o desempenho do papel singularmente delicado do ancião que preside a um rejuvenescimento radical do poder. Sabe-se que ele tem pressa e que o seu jogo contra os caciques é, certamente, delicado de jogar.

Mas, se a contestação a favor da democracia não deterrará a qualquer curva apertada onde os conservadores esperam, ela poderá bem constituir o factor decisivo que terá levado a China pós-maoísta por um caminho irreversível, que as meras reformas económicas não poderiam, por si sós, ter-lhe aberto.

Francis Deron

Uma lenta escalada do terror

Vírus da SIDA está a propagar-se na prostituição parisiense

Os resultados, ainda não publicados, de um estudo médico, dão pela primeira vez conta da difusão do vírus da SIDA nos meios da prostituição feminina e masculina em Paris. Este fenómeno novo levanta, desde já, o problema dos comportamentos a assumir para diminuir os riscos de contágio assim criados, na capital francesa.

O estudo foi conduzido a partir da colaboração entre o Instituto Alfred-Fournier, especializado nas doenças sexualmente transmissíveis, e um laboratório privado de análises clínicas do bairro de Pigalle — o laboratório do dr. Georges Aim.

Ao todo, foram estudados, com todas as garantias de anonimato, 134 prostitutas da zona de Pigalle — revela o dr. François Catalan, director do laboratório de microbiologia do Instituto. «Trata-se — diz ele — de prostitutas que têm, todas elas, mais de 40 clientes por mês. Encontrámos cinco mulheres seropositivas, todas elas com menos de 28 anos. Duas destas mulheres são tixicómanas. As três outras não apresentavam razões que nos permitissem explicar a transmissibilidade do vírus».

Cinco mulheres foram informadas dos resultados que lhes dizem respeito, mas não interromperam a sua actividade profissional, o que, evidentemente, coloca um problema de saúde pública.

«É impossível dizer em precisão qual a taxa de risco de contágio mediante uma relação sexual com uma destas mulheres — acrescenta Luc Montagnier, do Instituto Pasteur — Sabe-se apenas que o risco existe».

Mais inquietantes são os resultados obtidos pelo Instituto Fournier e o laboratório Aim num grupo de uma dezena de travestis que se prostituem: todos são seropositivos.

Apesar dos numerosos argumentos epidemiológicos a favor de uma transmissão heterossexual do vírus, há ainda muito poucos estudos documentados sobre a difusão do vírus da SIDA nos meios de prostituição dos países industrializados.

Os números mais alarmantes dizem, até agora, respeito ao Quênia, onde um inquérito concluiu por um grande número de prostitutas contaminadas em Nairobi. «Em todos os inquéritos conduzidos em África, as prostitutas apresentam, em todos os ambientes sociais, um nível de seropositividade pelo menos 3 ou 4 vezes superior ao da restante popu-



lação», revela o dr. Jonathan Mann, responsável pelo programa SIDA na Organização Mundial de Saúde: «Os valores variam entre 27 por cento em Kinshasa, e perto de 90 por cento entre as prostitutas de estratos sociais muito baixos em Nairobi ou no Ruanda.»

Valores subestimados

Dois estudos recentes sobre este tema foram recentemente publica-

dos, um no *British Medical Journal* (vol. 293, n.º 6560, 1986) e outro no *The Lancet* (13 de Dezembro de 1986).

O primeiro respeita a 101 prostitutas — dinamarquesas não-toxicómanas, com idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos, e recrutadas a partir de anúncios publicados na Imprensa de Copenhague. Nenhum caso de seropositividade foi encontrado.

O segundo estudo diz respeito a 448 mulheres prostituídas entre os 18 e os 62 anos, trabalhando em Nuremberg (RFA), onde está instalada uma importante base militar americana. Também aqui, nenhuma confirmação de seropositividade foi obtida, devido, sem dúvida, e segundo os autores do estudo, ao uso sistemático de preservativos pelos parceiros masculinos.

Os resultados de estudo francês mostram, pela primeira vez, que há difusão do vírus no universo da prostituição da região parisiense.

Campanha nacional de informação na Grã-Bretanha.

O governo britânico lançou a 8 de Janeiro uma campanha nacional de informação sobre a SIDA. Com este objectivo, 23 milhões de lares recebem pelo correio prospectos que descrevem, de maneira muito explícita, o perigo das relações sexuais sem protecção. O texto destes opúsculos já foi objecto de numerosas críticas, exactamente devido à crueza das suas descrições e avisos.

Esta grande campanha de «mailing» foi acompanhada pela difusão de «spots» publicitários na televisão, devendo o seu custo global atingir cerca de 20 milhões de libras (cerca de 4.320 milhões de escudos).

Os valores obtidos não têm, naturalmente, senão um valor indicativo, e encontram-se, sem dúvida, subestimados, por respeitarem a um grupo de mulheres que, voluntariamente, se fazem observar clinicamente.

As autoridades sanitárias francesas encontram-se agora perante problemas face aos quais têm de encontrar uma atitude. Os homens e mulheres seropositivos e que continuam a sua actividade e representam, desde há meses, um risco importante de disseminação do vírus num meio até agora considerado «relativamente limpo».

«Será preciso regressar aos prostíbulos fechados e aos controlos sanitários sistemáticos?» Pergunta-se um responsável da luta contra a SIDA. «Esta medida seria sem dúvida coerente, mas nada nos diz que seria eficaz, porque teria, como consequência paradoxal, o reforço do carácter clandestino da prostituição. O verdadeiro problema de fundo, é o que é representado pelos clientes. São eles que, no caso das prostitutas não-toxicómanas, estão na origem do contágio. É preciso, doravante, que todos saibam os riscos que correm ao terem relações sexuais com uma mulher ou com um homem prostituído».

J. Y. Nau.

RELANCES

O falhanço do Plano Cruzado

O plano Cruzado falhou. Eis a conclusão que se impõe, dez meses depois do lançamento do plano de estabilização económica lançado pelo presidente Sarney.

OFICIALMENTE, ninguém fala, em Brasília, de insucesso. Mas a palavra é abertamente pronunciada nos meios económicos e sindicais. A inflação, com efeito, disparou novamente, depois de ter sido contida pelo bloqueamento dos preços. A poupança interna e as reservas de divisas atingiram um nível crítico. Os sistemas de produção e de distribuição estão desorganizados. Tudo razões que obrigaram o governo a restabelecer a **correção monetária**, quer dizer, certas indexações cuja supressão parecia a aquisição principal do plano.

A euforia da **Inflação Zero** (ou próxima do zero) não terá durado mais que um Verão, o tempo necessário para o governo e para o seu partido ganharem as eleições de 15 de Novembro e de relançar a produção pelo consumo a níveis raramente igualados, mas perigosamente exacerbados.

Desde há semanas, os brasileiros voltaram a uma realidade que conhecem de cor e salteada: inflação de 10 por cento em Dezembro, segundo os economistas da Universidade de S. Paulo, de 5,5 por

cento, segundo o governo, que se mantém optimista.

O ministro do Trabalho, Pazzianotto, aposta numa inflação mensal de 10 por cento em Janeiro e Fevereiro nas suas negociações com os sindicatos com vista a um hipotético pacto social.

A maioria dos especialistas esperam, para 1987, uma inflação superior a 100 por cento. Numa palavra, o Brasil regressa a uma situação que era a sua antes do «tiro» de Fevereiro de 1986, que precipitou o anúncio do plano de estabilização.

A debandada foi bastante rápida. O governo deixou passar as eleições antes de anunciar um primeiro desbloqueamento dos preços. Este não deveria afectar senão as classes mais desfavorecidas.

Mas a amplitude das altas, sobretudo nos combustíveis para automóveis, chocou a população, que reagiu vivamente.

Sarney e o seu ministro das Finanças, Funaro, afirmavam ainda há pouco que o Plano Cruzado continuaria a favorecer os mais pobres. Um mês depois,



E agora, Presidente?

desdizem-se e anunciam um aumento de 100 por cento do preço do leite e próximos aumentos de preços de bens essenciais.

Aumentos em cascata são previsíveis nas próximas semanas, a seguir à autorização, recentemente concedida aos industriais, para renegociarem com as autoridades o reajustamento dos seus preços.

O bloqueio terminou, portanto, mas há meses que estava a abrir brechas. Já muitos produtores e comerciantes estavam a desrespeitar as normas oficiais ou a contorná-las pelo incremento do mercado negro.

Depois de ter tergiversado, o governo rendeu-se à evidência. Demasiado tarde, segundo a opinião geral. Foram criadas penúrias artificiais, o sistema produtivo desregulou-se, mau hábitos terão sido adquiridos. A perspectiva inflacionista é de tal ordem, novamente, que os bancos oferecem aos seus clientes taxas de juro que vão até 240 por cento ao ano.

A equipa económica teve de corrigir um outro erro de percurso e de abandonar um dos capítulos essenciais do seu plano de estabilização. Ao desindexar a economia, a equipa económica tinha, com efeito, modificado a remuneração da poupança. Esta deixou de estar inde-

xada ao custo da vida e passou a ser função de uma taxa inferior à da evolução real dos preços. Daí resultou um levantamento massivo dos depósitos bancários que provocou uma explosão da procura, mas limitou os investimentos a longo prazo.

As autoridades foram, portanto, obrigadas a restabelecer os antigos mecanismos de remuneração. E fizeram o mesmo para as prestações sociais e para certas operações financeiras, devolvendo à indexação ao custo de vida.

Teoricamente, o retorno a esta correcção está previsto para durar três meses. Mas, ao ritmo actual da inflação, esta tem todas as possibilidades de se manter. Neste caso, o recuo será importante, porque o governo Sarney não parou de denunciar os efeitos perversos da indexação generalizada que alimenta até ao infinito a corrida entre os salários e os preços.

1987 começou assim amargo, para os brasileiros, depois de quase todo o ano de 1986 ter decorrido na euforia. O crescimento foi excepcional (11 por cento), o nível de desemprego nunca foi tão baixo, mas os ganhos em matéria de poder de compra, resultantes do Plano Cruzado, foram dilapidados em poucas semanas.

Charles Vanhecke

Tortura no Irão dos "ayatollah"

O escândalo da venda de armas norte-americanas ao Irão agudizou a luta pela sucessão do ayatollah Khomeini. Ronald Reagan tem afirmado que o negócio de armas foi um meio para chegar à fala com as facções moderadas do regime iraniano. Mas a oposição tem insistido na inexistência de moderados entre os homens de Khomeini e recentemente divulgou uma nova lista de violações dos direitos humanos que se tornaram moeda corrente no Irão dos ayatollah.

Khomeini tem 86 anos e encontra-se gravemente doente. A luta pela sucessão, agudizada pelo escândalo da venda de armas norte-americanas ao Irão, entrou agora numa fase decisiva, com os possíveis sucessores a tentar ganhar pontos com declarações anti-Estados Unidos ou com promessas implícitas de uma melhoria das relações entre os dois países. O presidente do Parlamento iraniano, Rafsanjani, estaria entre estes últimos e ainda recentemente uma fonte que lhe é próxima declarou que «se os americanos mostrarem boa vontade para com a nossa revolução, é possível que os grupos libaneses simpatizantes do Irão os encarem de outro modo».

Por outro lado, tanto o primeiro-ministro iraniano, Hussein Mousavi, como o sucessor designado por Khomeini, Montazeri, têm, nos últimos tempos, reafirmado a intenção de continuar a considerar os Estados Unidos como o «grande Satã».

Ponto de discórdia entre eles é também o futuro da guerra entre o Irão e o Iraque, que conhece actualmente uma nova escalada. Observadores em Teerão afirmam que também aqui o mais pragmático é Rafsanjani, que vê com apreensão o crescente descontentamento da população provocado pela guerra; en-

quanto os outros dois, nomeadamente Montazeri, colocariam em primeiro lugar a ideia de «exportação» da revolução islâmica.

No entanto, para os Mojahedin do Povo, organização que se opõe ao regime de Khomeini, classificando como uma «ditadura da Idade Média», não existem esperanças de reforma ou de moderação no seio do actual poder.

Todos os seus homens são, no seu entender, responsáveis pelas inúmeras violações dos direitos humanos registadas no Irão e pelo prolongamento de uma guerra que já matou mais de meio milhão de pessoas.

Em Novembro passado, a resistência iraniana apresentou nas Nações unias os nomes de 12.028 vítimas de execuções políticas do regime de Khomeini e um livro sobre os 64 métodos de tortura física e psicológica praticados nas prisões iranianas.

Na altura, uma ex-prisioneira relatou as torturas de que foi vítima nas cadeias de Khomeini. Aazam Riahi foi atada a uma cama e quem maram-lhe as plantas dos pés até estas ficarem desprovidas de carne. Este método de tortura é frequentemente utilizado no Irão.

A tortura mais vulgarizada é, contudo, a dos choques eléctricos

nos pés, lábios e cabeça. Na lista divulgada pelos Mojahedine, figuram ainda, entre outros métodos, o esmagamento dos dedos dos pés e mãos; a suspensão do prisioneiro pelas mãos ou pelos pés durante horas ou mesmo dias; a introdução de agulhas no corpo da vítima; a violação; os desmembramentos, acabando por vezes, com o corpo da vítima cortado aos pedaços; as in-

jecções de água; a crucificação; a instalação do prisioneiro, durante meses, numa cela onde apenas pode permanecer deitado de bruços.

No Irão existem 576 prisões e nelas foram torturadas mais de 3.000 pessoas.

Os Mojahedine denunciam também o envio maciço de crianças iranianas para a frente de guerra, considerando-o como um dos mais

graves crimes cometidos por Khomeini. Em 1984, morreram na frente cerca de 50.000 crianças em idade escolar. Em 1986, o ministro iraniano da Educação declarava: «O ano passado, mais de 100.000 crianças, 30.000 professores e 8.000 estudantes, foram mobilizados para a frente».

Clara Viana



Enforcamento público na cidade de Hamedan



A tortura conhecida por «Apolo»: assento e capacete electrificados

Agenda de um teatreiro em Paris

«O Avarento» de Molière entre Planchon e Serrault

Talvez se tenha concluído pela leitura destas notas, por vezes eufóricas, em que tenho tentado descrever alguma da paisagem teatral parisiense, que em França, nesse campo, tudo corre pelo melhor no melhor dos mundos possíveis. Impressão que gostaria de desfazer: no «Monde», precisamente, no número duplo de 2 e 3 de Novembro, foi publicado um pequeno anúncio em que se dizia que, com o governo actualmente no poder, a Cultura tivera menos 8%; que a Criação fora esquecida numa política de prioridades; que a Concertação fora reduzida a zero. Desde 1975 — expansão sem precedentes das companhias dramáticas; em 1987 — 70 companhias, em 140, em perigo. Desde 1965 — a França criou uma rede cultural de produção e difusão artística; 1986/87 — o Estado não respeita os contratos por ele mesmo assinados; os orçamentos são amputados.

O anúncio conclui: «Trata-se de uma política de regressão cultural. O mundo da Criação diz não e pede o início de conversações imediatas. O 'Libération', glossando o título da 'Ópera' de Brecht/Weill, escreve: 'Le budget de quat' sous'. E acrescenta: menos 21,5 milhões em 1987».

NÃO disponho de números que me permitam avaliar no concreto os montantes de subsídios de que o teatro dispõe em França, incluindo companhias nacionais, centros dramáticos, grupos independentes, projectos isolados. Disponho, no entanto, de alguns números referentes a 1985 de subsídios, atribuídos a centros dramáticos nacionais, de que darei alguns exemplos:

TN de Strasbourg — 26 300 000 F;

TN de Marseille — 14 600 000; TN de Nord-Pas-de-Calais — 9 600 000; Théâtre de la Commune (arredores de Paris) — 7 200 000; Nanterre-Amandiers — 25 200 000; Para dar um exemplo em escudos: TNP (Villeurbanne/Lyon), dirigido por Roger Planchon — 20 000 000 F, ou seja, mais ou menos 400 mil contos (com o franco ao câmbio de 20000). Quer dizer, só o TNP, situado nos arredores de Lyon,

recebe do Estado quase três vezes do que recebem todos os nossos grupos independentes (cujo orçamento ronda os 160 mil contos); só o TNP recebe mais do que todo o nosso teatro subsidiado, incluindo o Teatro Nacional D. Maria II! Não ignoro que estas comparações não são correctas. Trata-se apenas de tentar alertar o leitor para as verbas que o teatro necessariamente envolve. Isto porque sem uma alteração da mentalidade que faz do teatro não um parente pobre mas sim um desconhecido indigente, não se poderá ir a lado nenhum.

Encontrei os números referidos na revista «Acteurs» (Set./Out. — 1986) que revela outros referentes ao apoio exclusivamente a nível municipal, isto é, da Câmara de Paris. Observam-se, aqui, desigualdades evidentes, como a da verba atribuída ao Théâtre de la Ville (32 500 000 ou seja, mais de 600 mil contos!) comparada com as verbas atribuídas a outras companhias, como o grupo de Laurent Terzieff e o Théâtre de la Cité Universitaire (100 000 = 2 mil contos, cada); companhia Renaud-Barrault (1 000 000 = 20 mil contos); etc.

Gostáramos de saber quanto gasta a Câmara de Lisboa no apoio financeiro ao teatro...

09.11.86/15 horas

No Mogador — velha sala da margem direita —, o TNP, a que me referi, apresentou a encenação de Roger Planchon da peça de Molière «O Avarento». Uma das mais prestigiadas companhias do teatro francês, fundada em Paris por Jean Vilar, dirigida por um encenador de projecção europeia, o TNP tem deslizado paulatinamente para zonas criati-

vas menos interessantes, mais académicas sob o ponto de vista estético. No entanto, este espectáculo sobre a peça de Molière é um grande espectáculo que tem a marca, e é digno, de um grande encenador.

Não é a primeira vez que Planchon se interessa por Molière: encenou «D. João», e as suas encenações de «George Dandin» e de «Tartufo» (duas) ficaram célebres. Com «O Avarento», uma vez mais, o encenador demonstrou as suas enormes capacidades de criador e de intérprete de clássicos.

Podemos pôr em causa um espectáculo como este, por outras razões: por se tratar de uma peça que faz parte não só do quotidiano teatral francês como das obrigações escolares que lhe garantem um público; por ter no seu elenco um dos maiores nomes de cartaz do espectáculo francês, Michel Serrault, além de uma outra intérprete comercial, Annie Girardot; por surgir como uma máquina espectacular impressionante; por ser apresentado a preços pouco acessíveis para um teatro que além de ser nacional é popular (no título). Podemos por isso perguntar se este espectáculo não estará mais próximo de uma operação comercial do que seria para desejar. Estas dúvidas não invalidam o que em teatro é fundamental: a qualidade do espectáculo, o facto de se tratar de um outro espectáculo extraordinário.

Modos de entender a peça de Molière

Falou-se quando desta apresentação de «L'Avare» em Paris das divergências que teriam surgido entre o encenador e o principal intérprete, Michel Serrault, uma das vedetas indiscutíveis do «show

business» francês (intérprete, por exemplo, de um dos maiores êxitos do cinema francês, «A Gaiola das Loucas»).

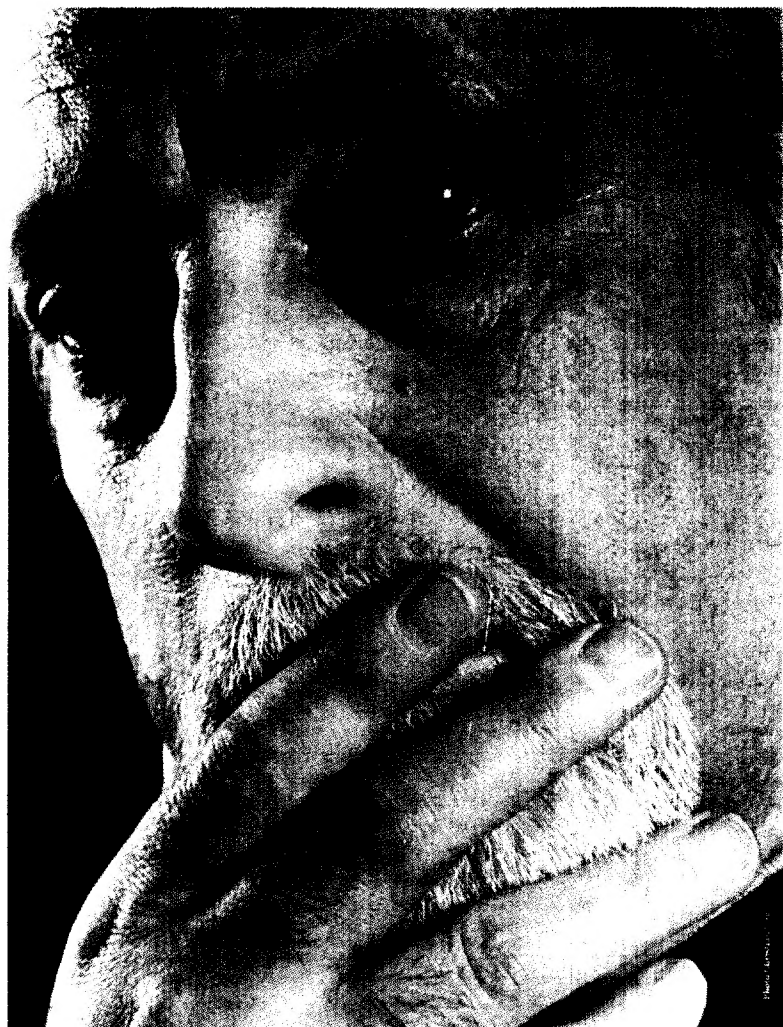
Houve tempestade e o divórcio não esteve longe, escreveu-se no «Express». Aliás, foi o próprio actor que contou ao jornalista daquele semanário que numa das primeiras leituras da peça, Planchon saiu-se com esta: No século XVII comia-se em escudelas covas que não tinham mais do que cinco centímetros de profundidade. Ao ouvi-lo Michel Serrault levantou-se, lívido, e gritou: Basta de parvoíces; isso não me interessa nem um bocadinho; fale-me mas é de Harpagão. E foi para o camarim, esperar que se regressasse ao sal da peça.

Claro que nem por isso, Planchon deixou de dedicar a Michel Serrault, fraternalmente, o prefácio que escreveu para a edição da peça publicada no Livre de Poche.

«O Avarento» foi estreado em Villeurbanne em Março de 1985 tendo sido apresentado para 26 000 espectadores. Obteve o prémio Georges Lermier para o melhor espectáculo apresentado fora de Paris. Tem estado em Paris, no Teatro Mogador, onde perará 100 representações.

Para esta versão da peça de Molière, Planchon contou com um bom naipe de actores, entre eles esse espantoso Michel Serrault, mas também com o trabalho, sempre admirável, de Ezio Frigerio, colaborador habitual de Strehler, como aqui se disse, para a cenografia; de Jacques Schmidt, para os figurinos; e de André Diot, para as luzes.

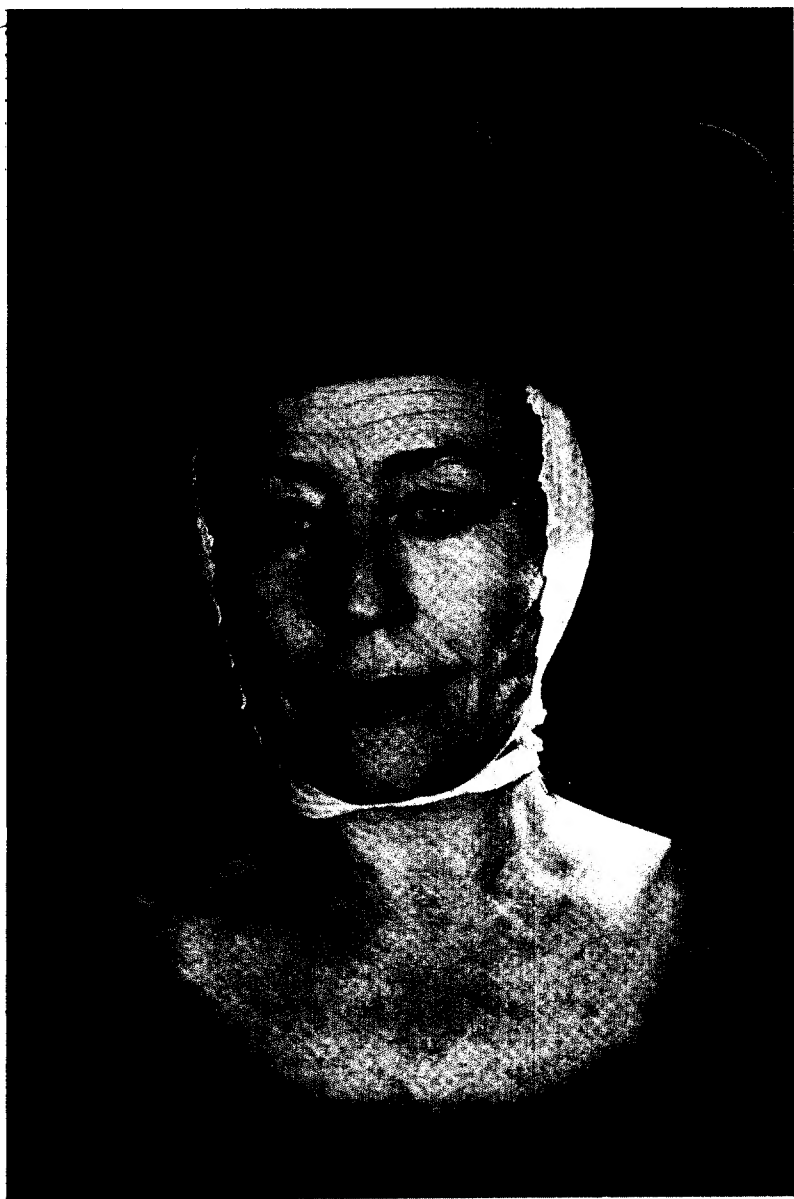
Embora Serrault, com justeza, considere o teatro de Molière teatro de actor (Teatro em estado puro — declarou



O olhar de Harpagão



Sylvie Orcier (Elise), Roger Planchon (o encenador) e a roupa de todos os dias



Annie Girardot, a senhora do avaro

ele — **escrito por um comediante**), não se pode negar que o espectáculo de Planchon é, e muito, teatro de encenação, englobando aqui o trabalho dramático, a tradução em termos cénicos desse trabalho, incluindo a organização do espaço, a marcação, a cor, a luz, os fatos, os sinais.

Ver teatro com público

Na tarde do nosso último dia de Paris, o Mogador está completamente cheio. O preço dos bilhetes (de 50 a 200 F) obrigou-me a optar por um lugar na última fila do segundo balcão, do qual o palco surge cortado a meio. Com a anuência de uma arrumadora simpática, no primeiro intervalo sentei-me na escada que dava acesso ao primeiro balcão pelo que pude verificar que estava a perder a cunha, pois, como sempre; como sempre, numerosos adolescentes e até crianças (não se esqueça que Molière é obrigatório nas escolas). Público de domingo, vivo e entusiasta.

Nas várias versões que vi de «O Avaro», a começar pela interpretação do célebre actor brasileiro Procópio Ferreira, e a acabar em Sérgio Martins, do Teatro da Caixa, na encenação de Adolfo Gutkin («DL»/12-7-84), o que se verificava era uma sobrevalorização da personagem Harpagão (o avaro) que era reduzida a um arquétipo. O avaro surgia, ao mesmo tempo, como um modelo e como um símbolo da avareza. Ora, diz Roger Planchon, Harpagão é avaro, mas não é o Avaro. Por isso, na sua leitura, essa carga teatral e moral da personagem surge bastante atenuada. Escreveu ele no já citado prefácio da edição do Livre de Poche:

«Molière não retrata um carácter, mostra uma história: um negociante quer ver-se livre dos seus filhos já grandes, limpar a casa e refazer a sua vida. Uma história, quer dizer, uma rede de

conflitos. A avareza não é o motor da intriga, e as peripécias não são a sua ilustração. (...) L'Avaro pode provocar o nosso riso e apertar-nos o coração porque o monstro de egoísmo que humilha todos aqueles que dele se aproximam por causa do poder que o seu dinheiro lhe confere, é subitamente mostrado tal como nasceu, nu.»

Por tudo isto, a encenação de Roger Planchon não é encenação de um arquétipo, de um símbolo, mas de um homem que tem o «coração seco», como ele diz, mas que vai revelar mais do que isso, podemos acrescentar.

Um espaço vivo

O fundo do palco é ocupado por uma parede muito alta com uma série de janelas através das quais o dia e a sua ausência escorrem. Os móveis do escritório de Harpagão, escritaninhas muito altas, cadeiras, colocadas sobre estrados rolantes, em madeira escura que contrasta com a claridade do espaço. Durante todo o espectáculo, Roger Planchon, aliás como sempre faz, vai mostrar e sublinhar a actividade das personagens: há o trabalho do escritório; os enormes volumes que descem da teia ou para ela sobem; a limpeza do soalho com baldes de água por mulheres descalças; a roupa que se põe a secar.

A encenação sublinha constantemente a materialidade da cena, dos objectos, dos fatos, a sua gestualidade, e também dos corpos, das expressões. Há um movimento contínuo, em algumas cenas, de personagens múltiplas que ornam o universo da personagem principal; empurrões, choques, corridas, fugas. E uma sinalização da carga social das personagens que o final da primeira parte evidencia fortemente: de um lado, estão os amorosos e os criados, seus cúmplices, em tons cinzentos, claros; do outro, Harpagão e os seus serventuários, também seus cúmplices, em tons negros.



O cenário

O espectador vê e ouve não apenas o que se passa no palco e que surge tão plétórico de vida, mas ouve e parece ver o que se passa fora do palco, como se a vida continuasse nos bastidores (por exemplo, os ruídos da tarefa que o avaro dá a uma personagem). Este caudal vivencial, e a beleza plástica das cenas, cores, luzes, são sinais característicos do universo de Planchon. Um universo singular, único, que opera entre um cenário que transmite uma impressionante sensação de solidez e a luz que dá ao conjunto da cena uma ideia de leveza, quase de fluidez.

A interpretação de Michel Serrault é normalmente discreta, por vezes transmitindo à personagem um carácter algo infantil, até que explode em algumas cenas: quando ouve falar em ter de largar dinheiro começa a dar saltos e chora; os seus tiques são extremamente rigorosos e creíveis até que, subitamente, se transformam em sinais de uma demência que se apazigua logo a seguir. Aliás, o espectáculo evolui como uma roleta que vai rodando cada vez mais depressa. Esse ritmo chega a atingir efeitos muito fortes que levam o público a intervir, aplaudindo. Por vezes, há talvez algum exagero como na cena em que Harpagão, desesperado com o desaparecimento do tesouro, desce à plateia e ameaça um espectador com o varapau que empunha.

Um dos aspectos mais interessantes do espectáculo tem ainda a ver com a cenografia: é o da criação velocíssima de espaços de representação com o aparecimento de mesas e cadeiras e de outros elementos, assim como a transformação das personagens secundárias.

No final, surge a surpresa em que Ezio Frigerio e Planchon são especialistas: a parede do fundo abre-se com um grande fragor e surge a cena do encontro que Planchon trata em forma de paródia de um melodrama (mas o público terá a noção disso?), cena que inclui o mar, a vela de um barco, a miniatura de um

navio com uma âncora enorme. Milagre: os pais de Valério e Mariana aparecem para que o amor seja possível.

A última cena é um prodígio sob o ponto de vista de interpretação por parte de Michel Serrault mas também das relações contraditórias das leituras deste e do encenador. Este escreve:

«No 5.º acto, Harpagão percebe finalmente que está velho. Já no terceiro acto, quando nenhum obstáculo se opõe ainda aos seus desejos, nesse exacto momento, desequilibra-se, cai, paralisado. Que profundidade tão simples; que estranheza evidente! O homem que pode oferecer-se tudo o que quer, ei-lo ali, caído por terra... impotente, olhando com os olhos bem abertos, os jovens, felizes por se terem desembaraçado do velho e que partem, alegres, para a festa (...).» E antes disso: «Quando o pano cai, e não antes, o negociante transformou-se num avaro, ou seja, no contrário de um negociante.»

Ora, precisamente nesse momento, em que o pano cai, ou em que a luz se apaga, o que vemos: Harpagão agarra a caixa do tesouro, como se fosse o seu próprio coração que agarrasse; está de viés em relação às duas personagens que se amam (Valério e Mariana), o filho, e a jovem com quem quer casar. Durante uns momentos hesita, e nós vemos, a muitos metros de distância, vemos, pressentimos, o que o velho avaro está a pensar, a sofrer: ei-lo ali com o seu tesouro, eis ali a jovem que ele ama (com o seu pobre amor, é certo); eis a felicidade que está ao seu alcance, o dinheiro, e o sonho que se tornou impossível, Mariana. Como um relâmpago medita, imaginamos nós seus espectadores, que é assim que está certo, que ele já não tem, nem nunca teve, direito a esse sonho, porque não soube viver nem amar. Por um momento sentimento esse dilaceramento da personagem, um passo antes de deixar de ser um avaro qualquer, para ser o Avaro, como quer Planchon, um passo antes do seu

coração se tornar completamente seco, quando o seu coração é ainda, pela última vez, capaz de vibrar por as pessoas «coisas lindas que nunca existirão». E então aconteceu o que eu nunca julguei ser possível em teatro: vieram-me as lágrimas aos olhos ao ver a dor de uma personagem tão detestável como este Avaro de Molière. Só um encenador genial, capaz de organizar tão subtilmente uma cena, como Planchon, e sobretudo só um actor genial, como Michel Serrault, servindo-se apenas do seu corpo (as pernas, as costas, a posição da cabeça, os olhos, os ruídos vocais), seria capaz de exprimir em tão poucos segundos tantos sentimentos contraditórios. Um destes momentos em que o teatro é, de facto, algo de vital.

Um grupo de jovens rodeia o grande actor na interpretação da peça de Molière, traduzindo com uma grande autenticidade não apenas a visão de Molière mas o trabalho de Planchon sobre essa visão, num enriquecimento das respectivas personagens: Pierre-Loup Rajot (Cleante), Sylvie Orcier (Elispe), Fabrice Eberhard (Valère), Philippine Letroy-Beaulieu (Marianne), entre outros. A grande decepção foi Annie Girardot, na personagem de Frosine, intermediária e exploradora dos amores alheios em especial dos velhos, que me pareceu um trabalho muito rotineiro, sem chamar nem brilho, incapaz de mostrar a ambiguidade da personagem, a riqueza do seu jogo.

Este espectáculo acabou por ser uma surpresa. Não foi sem algumas reservas que o abordei por me parecer uma desnecessária operação de luxo. Afinal verifiquei tratar-se de uma grande criação feita sobre um grande texto.

(E pronto, para a semana, com Shakespeare, ao som dos tangos de Astor Piazzola, dizemos adeus ao teatro e a Paris.)

Carlos Porto

Fotografia 4 — Figuras do Espanto

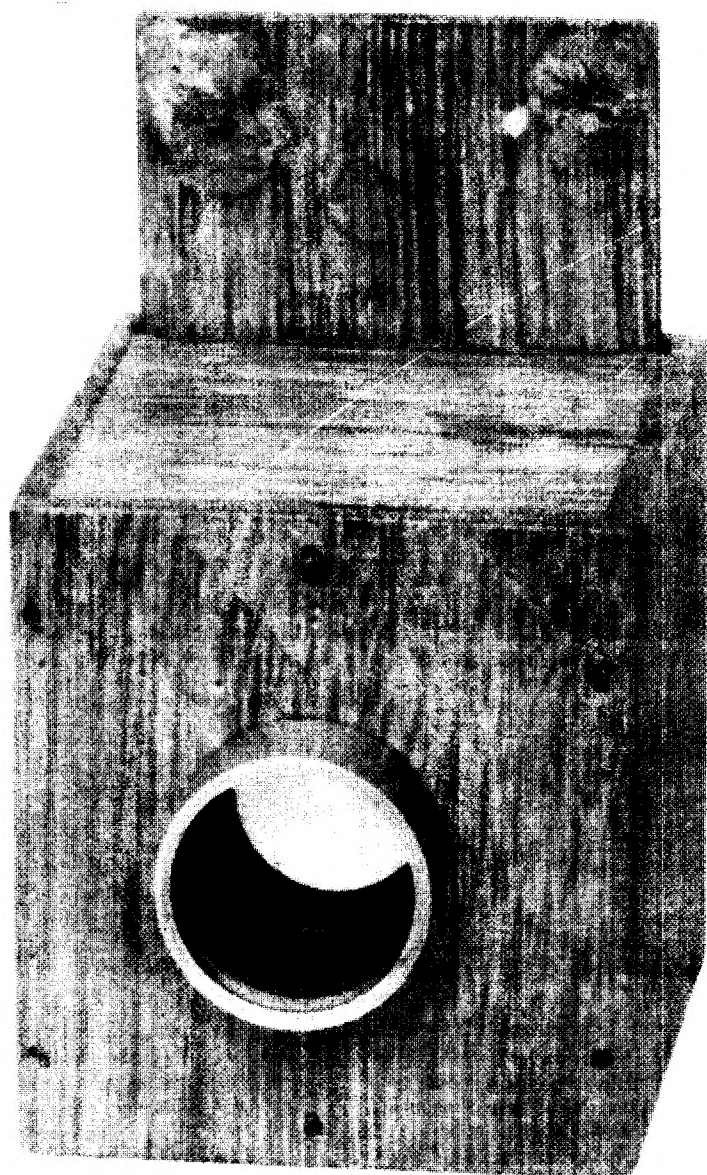
«Agora deixe que a imagem se forme»

CONTINUANDO a falar da humildade dos primeiros fotógrafos, e permanecendo no enalço de William Henry Fox-Talbot (talvez mais humilde porque mais resolutamente homem de ciência do que contaminado pelo vírus da «criação»), dar-nos-emos ao trabalho de dizer ainda uma vez que ela era determinada pela novidade mesma da invenção fotográfica. Esta, com efeito, colocava o seu operador na postura excêntrica de um sujeito (quase) indiferente que pouco mais podia fazer do que accionar o dispositivo mecânico que começava então a permitir que as imagens se fizessem sozinhas, concedendo assim à natureza os poderes efectivos que lhe permitiam assumir, ela mesma, o essencial do trabalho da sua representação.

Talbot: «De todas as anteriores, a presente invenção difere totalmente nesta aspecto... que, por meio deste artifício, não é o artista que faz a imagem mas a imagem que se faz a si mesma. Tudo o que o artista faz é dispor o aparelho face ao objecto de cuja imagem ele necessita; ele deixa-o então por algum tempo, maior ou menor, segundo as circunstâncias. No fim desse tempo ele volta, retira a sua imagem, e encontra-a pronta.» (1)

Que espantoso podia então ser este aparelho rudimentar com o qual, quem pretendesse obter da natureza as imagens se veria confrontado com a **necessidade de deixar o real entregue a si mesmo**, obrigado a procurar obter, no interior de uma subtil conjunção de uma cena e um aparelho, a transmutação (quase sagrada) de uma folha branca no duplo de um aspecto desconhecido! Pois com as primeiras câmaras, aquelas de que Talbot se serviu como precursor, fotografar uma coisa não era fixar dela um aspecto já visto ou, pelo menos, algo como um tiro à queima-roupa disparado na obscuridade, objecto de um controlo deficiente e inseguro. Com essas primeiras máquinas fotográficas, é todo o estatuto tradicional da imagem que se põe a vacilar.

Esta afirmação obriga-nos a um desvio. Façamos uma reserva cautelosa para as imagens sacras do tipo, por exemplo, das iluminuras (variantes «escritas» da imagem, referidas como veículos que se pretendem transparentes a significações preexistentes consignadas em texto, imagens essas no entanto incapazes, no que é atinente aos seus estilos ou à sua proliferação, de se eximirem ao reenvio incessante de imagem para imagem a que o seu próprio estatuto de signo obriga). Reserva, menos do que a excepção, pois a imagem parece-nos ter sido sempre — ou dominante-



Câmara experimental de reduzidas dimensões que Talbot utilizou entre 1835-39. A estas «caixinhas» chamava a sua mulher «little mousetraps», **pequenas ratoeiras**

mente — tida como a duplicação reconhecível de um aspecto já por outras vias dado a conhecer. A um raciocínio deste tipo não nos parece escapar a desvalorização platónica dos simulacros, as críticas medievais aos «irrealismos simbólicos» de algumas decorações mais arrojadas de iluminuras piedosas, bem como o reconhecimento por pregadores como Giovanni di Genova ou Fra Michele da Carcano das virtudes na educação dos leigos (pictura est laicorum literatura), na preservação na memória de cenas devotas, e da excitação da devoção, mais excitáveis por coisas vistas do que ouvidas (opinião aliás também partilhada por S. João da

Cruz). A um tal raciocínio não nos parece escapar também a denúncia que do teatro faz Rousseau na sua famosa carta a D'Alembert.

Parece-nos então que a imagem apareceu deste modo, e quase sempre, caucionada pela possibilidade de um recurso (por parte do seu construtor ou daquele que a recebe) a uma visibilidade prévia — levantada da vida ou colhida da representação — que ou se reproduzia ou se reconhecia. É nesse sentido que o desenho anatómico em Leonardo da Vinci exigia exemplarmente um olho educado para os trabalhos do «ver», se aceitarmos entender aqui este verbo como o exercício inteligente que permi-

tia, por referência às regras da perspectiva, corrigir e ajustar o trabalho eficiente da mão do artista. Toda a linhagem que começa com as maquinarias ópticas de Bruneschi para terminar, na véspera da invenção da fotografia, em aparelhos amadores como a câmara lúcida nada mais fez do que transformar, dentro de certos limites, uma correcção ainda demasiado voluntária na imposição de uma ortopedia capaz de constranger a mão por intermédio do olho. Mas em todos estes casos o que nos parece ter estado em jogo era algo como uma **adequação ao já visto** ou aquilo que o já visto deixava prever e que, de qualquer maneira, não excluía no seu desenrolar a visão do que estava em vias de ser feito.

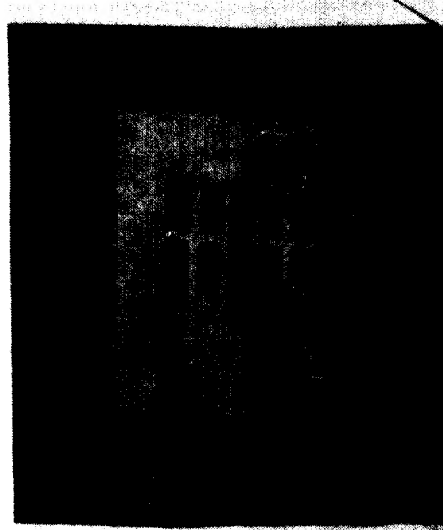
É em relação a este sentido tradicional da imagem, e da produção das imagens, que se encontrava Talbot numa posição radicalmente diferente, vítima do carácter rudimentar das suas câmaras: com efeito, não contentes com obrigá-lo a delegar nelas o delicado ofício de ver, estas iam até ao ponto de impedirem, de um modo que não poderia ser mais radical, a coincidência entre aquilo que ele via e aquilo que elas capturavam desse visto. Apontando a sua câmara para um qualquer objecto ou cena, Talbot estava obrigado a guiar-se por uma **visibilidade conjectural**, da qual ele podia prever os contornos mas cuja efectivação pelo dispositivo dificilmente ele poderia garantir na íntegra. Daí que as «suas» imagens não pudessem ser imagens no sentido tradicional do termo, como muito bem o sugere Gail Buckland, pois «ele não controlava a perspectiva, composição, conteúdo, linhas de ênfase, nada mais do que a direcção em que apontava a câmara... o seu objectivo era **esperar até que a imagem se fizesse e então olhar muito**, muito cuidadosamente para o resultado» (2). Nesses tempos difíceis para os fotógrafos era o corpo duro da câmara, com toda a sua obscuridade, que se opunha de um modo soberano à plenitude da intenção do operador, essa mesma intencionalidade que leva ainda hoje a que, regra geral, não se dispare sem primeiro ter visto. Destinadas a serem **recebidas** até e sobretudo por aquele que punha em marcha a sua construção as imagens-experiências não poderiam ser, decididamente, iguais a todas as outras que as tinham precedido.

Pedro Miguel Frade

(1) Gail Buckland, *Fox-Talbot and the invention of photography*, David R. Godine, Publisher, Boston 1980, p.43.

(2) Idem, p.31.

*Latticed Window
(with the Camera Obscura)
August 1835*
*When first made, the squares
of glass about 200 in number
could be counted, with help
of a lens.*



O mais antigo dos negativos conhecidos, datado de Agosto de 1835. Pertence à Smithsonian Institution e contém a imagem fotográfica da escrita de Talbot, e a de uma janela. Da-guerre só conseguiu fixar as suas pranchas em 1837, o primeiro «daguerrotipo» data deste ano

Mensagens Pessoais

Filatelia

Procuo um amigo que queira trocar selos comigo. Gostaria de selos portugueses. Posso mandar muitos selos de todo o Mundo. Respondam por favor em Inglês para: J.P. Deurloo Post Bus 7 4844 Zg Terheijden Nederland.

Terreno, vendo

Em Tojeira — Magoito «Sintra», cerca de 500 m², água e luz, bem situado. Tratar: Telef. 9230042

Convívio

Excursão à Marinha Grande com visita a uma fábrica de vidros e almoço em S. Pedro de Muel, 24 de Janeiro próximo, um sábado, sessão cultural na parte da tarde, vai achar interessante, estamos certos, contacte-nos, telefone 633546.

TV Preto e Branco

Vendo bom preço. Marca Telefunken, écran 61cm, 2 canais. Caixa em madeira. Como novo. Pouca utilização. Telef. 882131 ext. 2266, José Carvalho

Filatelia

Vendo P. M. e FDC's de Portugal e estrangeiro e troco selos. Bernardino Martins Ferreira Silva. Largo do Conde Bonfim, 9-3.º-Dt.º, 1500 Lisboa. Tel. 783420

Vendo barato

Guarda-fato de casal, em tola e eucalipto, com espelho. Cama estreita em madeira de castanho, clarinha. Sem qualquer defeito, como novos. 6 cadeiras em madeira de castanho, clarinha, por estrear. Tel. 898336.

Woody Allen

Compro tudo publicado em português, excepto «Para acabar de vez com a Cultura». Tel. 9811564 (a partir das 21.00).

Explicações

Técnico de farmácia formado pela ETSSL, dá explicações de Matemática, Físico-Químicas, Biologia, Geologia, Geografia ou outras disciplinas na área de Ciências. Preços acessíveis, zona Montijo e Alcochete. Contactar pessoalmente na Rua D. Augusto Pereira Coutinho, n.º 6-2.º, esq. em Montijo ou telefonicamente pelo 2301315 (depois das 18 horas).

Explicações

Jovem universitária, dá explicações. preço acessível. Telefone 883689.

Carteiras

Tenho para vender, carteiras, mesas e cadeiras para crianças de idade pré-escolar. Igualmente mesa oitavada, tudo em boa madeira. Preço de ocasião. Telefonar para 847622, das 10h às 21h.

Guarda-livros

Curso guarda-livros e chefe contabilidade. 3.º volume, de Joaquim Lourenço de Carvalho. Compro. Tel. 641512.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.